



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPG-PSI)

Mariana Verdolin Guilherme Froeseler

Percepções de adulez emergente e indicadores de saúde mental entre jovens brasileiros

Belo Horizonte
2019

Mariana Verdolin Guilherme Froeseler

Percepções de adultez emergente e indicadores de saúde mental entre jovens brasileiros

Versão Final

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Maycoln Leôni Martins Teodoro

Belo Horizonte
2019

150
F926p
2019

Froeseler, Mariana Verdolin Guilherme.

Percepções de adultez emergente e indicadores de saúde mental entre jovens brasileiros [manuscrito] / Mariana Verdolin Guilherme Froeseler. - 2019.

184 f.

Orientador: Maycoln Leôni Martins Teodoro.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Cognição - Teses. 3. Saúde mental - Teses. I. Teodoro, Maycoln Leôni Martins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO


PERCEPÇÕES DE ADULTEZ EMERGENTE E INDICADORES DE SAÚDE MENTAL ENTRE JOVENS BRASILEIROS


MARIANA VERDOLIN GUILHERME FROESLER

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, área de concentração DESENVOLVIMENTO HUMANO, linha de pesquisa Desenvolvimento e Diferenças Individuais.

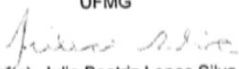
Aprovada em 27 de junho de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Maycoln Leoni Martins-Teodoro - Orientador
UFMG


Prof(a). Carmen Beatriz Neufeld
Universidade de São Paulo


Prof(a). Susana Nunez
UFMG


Prof(a). Viviane Verdu Rico
UFMG


Prof(a). Julia Beatriz Lopes Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 27 de junho de 2019.

Agradecimentos

A meus pais, pelo incentivo ao estudo e por acreditarem no meu potencial.

A meu marido Daniel, pela compreensão, suporte e amor incondicionais.

A meu professor orientador Maycoln Teodoro, pelo aprendizado, apoio e amizade ao longo dos anos.

Às professoras e professores que fizeram parte de meu percurso acadêmico, pelo exemplo de dedicação.

Às famílias Froeseler e Verdolin e àqueles que se tornaram família ao longo do caminho por me ajudarem a construir as bases para meu crescimento.

A meus amigos da vida, que me ajudaram a viver esses quatro anos de forma mais leve.

Aos amigos da graduação e pós-graduação, pelo compartilhamento de conhecimento e experiências.

Aos colegas da Faculdade Ciências da Vida que se tornaram grandes amigos, pelas palavras de carinho, incentivo e pela descontração.

Aos amigos do Laboratório de Processos Cognitivos pelo companheirismo, em especial aos queridos Alice, Lucas e Lira pelo papel especial na realização desse projeto.

À Edi, Fernanda e graduandos de Psicologia da UFBA, pela parceria fundamental.

Aos adultos emergentes que participaram dos estudos que compõem essa tese, pela confiança ao compartilharem suas experiências.

Resumo

A adultez emergente (AE), período entre a adolescência e a idade adulta jovem, é proposta como fase desenvolvimental distinta caracterizada pela postergação de compromissos adultos e pela experimentação de possibilidades, exploração de papéis e vivência de ambivalência e instabilidade. Diferenças socioeconômicas e culturais tem se mostrado associadas à alta heterogeneidade, tanto em marcos objetivos quanto na percepção dos jovens sobre a fase, que também é marcada por evidências contrastantes de ajustamento e desajustamento psicossocial. Estudos anteriores verificaram a existência de perfis de percepção da AE associados a diferenças demográficas e sintomas psicopatológicos, mas nenhum foi conduzido no contexto brasileiro. O presente estudo teve por objetivo geral avaliar as percepções de jovens brasileiros sobre a AE, como elas se diferenciam em perfis e se associam a características sociodemográficas e psicológicas (crenças da tríade cognitiva e indicadores de saúde mental). Para tanto foram conduzidos dois estudos exploratórios e quantitativos, nos quais os participantes preencheram questionários e instrumentos de autorrelato. No estudo transversal, 563 jovens de 18 a 29 anos ($M=22,5$; $DP=3,0$) informaram sobre condições socioeconômicas e demográficas, percepção de AE, sintomas internalizantes, ideação suicida e orientação positiva. Os perfis de percepção de AE foram encontrados via análise de perfis latentes, conduzidas juntamente a análises de correlação e comparação entre grupos. No segundo estudo, longitudinal, 34 participantes (18 a 21 anos; $M=18,6$; $DP=1,4$) foram avaliados na adolescência e cerca de seis anos depois com o objetivo de verificar as relações entre as percepções sobre a AE e as crenças centrais (tríade cognitiva positiva e negativa). Verificou-se que a maior parte dos jovens se identifica de forma significativa com as características da AE, sendo “Ambivalência” e “Exploração de identidade” as dimensões que melhor diferenciaram os participantes. Também foram verificadas na amostra a postergação de papéis adultos, especialmente matrimônio e filhos, e de maior percepção de AE entre jovens universitários e com maior nível socioeconômico. Os indicadores de adoecimento mental mostraram-se associados a dimensões específicas da AE, mas não foram encontradas diferenças na intensidade dos sintomas entre os perfis. A percepção da fase como marcada por negatividade e instabilidade associou-se a maior intensidade de sintomas, ideação suicida e à tríade cognitiva negativa atual, enquanto uma visão mais positiva do futuro na adolescência mostrou-se associada a maiores “exploração de identidade” e “experimentação de possibilidades”. O predomínio de jovens universitários ou com ensino superior, aliado a melhor condição socioeconômica, apresentam-se como potenciais vieses do estudo. Sugere-se que estudos futuros incluam participantes com menor escolaridade e menores condições socioeconômicas e que avaliem a interação entre a percepção de AE e variáveis individuais, familiares e sociais. Estudos longitudinais com mais de um *follow up* e com amostras maiores e mais representativas se mostram importantes na compreensão dos caminhos, percepções e desfechos da AE.

Palavras-chave: adultez emergente; sintomas psicopatológicos; tríade cognitiva.

Abstract

Emerging adulthood (EA), the period between adolescence and young adulthood, is proposed as a distinct developmental phase characterized by the postponement of adult commitments and the experimentation of possibilities, exploration of different roles and experience of ambivalence and instability. Socioeconomics and cultural differences have been associated with high heterogeneity, both in objective milestones and in the perception of young people about the phase, which is also marked by contrasting evidence of psychosocial adjustment and maladjustment. Previous studies have verified that the existence of EA perception profiles is associated with demographic differences and psychopathological symptoms, but none were conducted in the Brazilian context. The present study aimed to evaluate the perceptions of Brazilian youngsters about EA, how these perceptions group into different profiles and are can be associated with socio-demographic and psychological characteristics (cognitive triad beliefs and mental health indicators). Two exploratory and quantitative studies were conducted. In both investigations the participants completed questionnaires and self-report instruments. In the cross-sectional study, 563 youngsters aged between 18 and 29 years ($M=22.5$; $SD=3.0$) gave information on socioeconomic and demographic conditions, perception of EA, internalizing symptoms, suicidal ideation and positive orientation. The EA perception profiles were found via latent profile analysis, conducted along with correlation analyses and between groups comparisons. In the second work, a longitudinal study, 34 participants (18 to 21 years old; $M=18.6$; $SD=1.4$) were evaluated when teenagers and reevaluated six years later focusing on verifying the relations between perceptions about EA and central beliefs (positive and negative cognitive triad). It was verified that the majority of the youngsters identifies themselves significantly with the characteristics of the EA, being "Ambivalence" and "Identity Exploration" the dimensions that best differentiated the participants. The postponement of adult roles, especially matrimony and having children; a higher perception of EA among university students and participants with higher socioeconomic status were also verified in the sample. The indicators of mental illness were associated with specific dimensions of EA, but no differences were found in the intensity of the symptoms between the profiles. The perception of the phase as marked by negativity and instability was associated with greater intensity of symptoms, suicidal ideation and the current negative cognitive triad. Also, positive views of the future in adolescence were associated with greater "identity exploration" and "experimentation of possibilities" at EA. Potential biases of the study might have been the predominance of undergraduate and graduated participants, allied with better socioeconomic status in the samples. It is suggested to future studies to include participants with lower educational level and socioeconomic conditions. Moreover it will be valid to evaluate the interaction between the perception of AE and individual, family and social variables. Longitudinal studies with more than one follow up, larger and more representative samples would enhance our knowledge on EA's pathways, perceptions and outcomes.

Key-words: emerging adulthood; psychological symptoms; cognitive triad.

Lista de Ilustrações

Figura 1. Gráfico de distribuição de frequência dos escores totais no IDEA.....	51
Figura 2. Histogramas das médias dos escores nas subescalas do IDEA.....	52
Figura 3. Comparação de modelos segundo o Critério de Informação <i>Bayesiano</i> (BIC).....	54
Figura 4. Comparação de modelos segundo o Critério de Verossimilhança Completa (ICL).....	55
Figura 5. Médias e intervalos de confiança das subescalas em cada perfil.....	57
Figura 6. Gráfico de estimativa de densidade do IDEA Total de cada perfil.....	58
Figura 7. Gráfico de estimativa de densidades das subescalas do IDEA separadas por perfil.....	58

Lista de Tabelas

Estudo I - Perfis de adultez emergente e suas associações com indicadores de saúde mental

Tabela 1. Descrição da amostra do Estudo I (N=563).....	126
Tabela 2. Descrição da amostra após agrupamento das variáveis sociodemográficas.....	128
Tabela 3. Estatísticas descritivas do desempenho dos participantes (organizados por subgrupos) no IDEA, DASS-21, FSII-Br e EP.....	129
Tabela 4. Coeficientes de correlação de <i>Spearman</i> entre as variáveis (N=563).....	132
Tabela 5. Estatísticas descritivas das subescalas e escala total do IDEA.....	50
Tabela 6. Teste de normalidade <i>Shapiro-Wilk</i> das variáveis.....	52
Tabela 7. Teste de razão de verossimilhança considerando o modelo com variâncias iguais e covariâncias fixadas em zero.....	53
Tabela 8. Teste de razão de verossimilhança considerando modelo com variâncias iguais e covariâncias iguais.....	53
Tabela 9. Médias estimadas das variáveis em cada perfil.....	56
Tabela 10. Intervalo de confiança das médias de cada perfil obtido por <i>bootstrap</i> (999 reamostragens).....	56
Tabela 11. Teste de normalidade <i>Shapiro-Wilk</i> do IDEA Total para cada perfil.....	58
Tabela 12. Estatísticas descritivas do perfil “Transição Bloqueada” (P1) no IDEA.....	60
Tabela 13. Estatísticas descritivas do perfil “Transição Moderada” (P2) no IDEA.....	60
Tabela 14. Estatísticas descritivas do perfil “Período de Transição” (P3) no IDEA.....	60
Tabela 15. Tamanhos de efeito das diferenças entre os perfis nas variáveis não categóricas calculadas a partir das médias e desvios-padrão.....	61
Tabela 16. Descritivas das variáveis que apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os perfis de AE.....	63
Estudo II - Associações longitudinais entre as tríades cognitivas na adolescência e a percepção das dimensões de adultez emergente seis anos depois	
Tabela 17. Descrição da amostra do Estudo II no Tempo 2 (N=34).....	90
Tabela 18. Coeficientes de correlação de <i>Spearman</i> entre as variáveis dos Tempos 1 e 2.....	133
Tabela 19. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes por grupos.....	136

Tabela 20. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário da Tríade Cognitiva por grupos.....	137
Tabela 21. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário de Dimensões de Adulterez Emergente por grupos.....	138

Lista de Abreviaturas e Siglas

AE – Aduldez Emergente

IDEA – *Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood* (Inventário de Dimensões de Aduldez Emergente)

EUA – Estados Unidos da América

TM – Transtorno Mental

WHO /OMS– *World Health Organization/Organização Mundial de Saúde*

LCA - *Latent Class Analysis* (Análise de classes latentes)

LPA - *Latent Profile Analysis* (Análise de perfis latentes)

BIC - *Bayesian Information Criteria* (Critério de Informação Bayesiano)

AIC - *Akaike Information Criteria* (Critério de Informação de Akaike)

LMR-LRT - *Lo–Mendell–Rubin Likelihood Ratio Test* (Teste de Razão de Verossimilhança de Lo-Mendell-Rubin)

UFBA – Universidade Federal da Bahia

EP - Escala de Positividade

DASS-21 - *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form*

FSII-Br - *Brazilian Frequency Suicidal Ideation Inventory*

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

LGBTs – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

PS- Probabilidade de Superioridade

ICL - Critério de Verossimilhança Completa Integrada

LRTs – *Likelihood Ratio Tests* (Testes de Razão de Verossimilhança)

MEC – Ministério da Educação

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ABEP – Associação Brasileira de Estudos Populacionais

ITC-CA - Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes

CTI-C - *Cognitive Triad Inventory for Children*

CTI - *Cognitive Triad Inventory*

ITC - Inventário da Tríade Cognitiva

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

T1 – Primeira coleta do estudo longitudinal (Estudo II)

T2 – Segunda coleta do estudo longitudinal (Estudo II)

SP/SN – *Self* Positivo/*Self* Negativo

MP/MN – Mundo Positivo/Mundo Negativo

FP/FN – Futuro Positivo/Futuro Negativo

DIQ – Distância Interquartilica

NSE – Nível Socioeconômico

Sumário

1. Apresentação Geral.....	15
2. Referencial Teórico.....	16
2.1 Aduldez emergente: contexto de surgimento, caracterização e critérios de avaliação.....	16
2.2 Aduldez Emergente no Brasil e em países latinoamericanos.....	21
2.3 Preditores longitudinais da Aduldez Emergente.....	25
2.4 Indicadores de ajustamento psicossocial associados à Aduldez Emergente.....	28
2.5 Sintomas psicopatológicos e Transtornos Mentais (TMs) na Aduldez Emergente.....	30
3. Estudo I – Perfis de aduldez emergente e suas associações com indicadores de saúde mental.....	32
3.1 Introdução.....	32
3.2 Objetivos e Hipóteses do estudo.....	36
3.3 Método.....	37
3.3.1 Delineamento.....	37
3.3.2 Participantes.....	37
3.3.3 Instrumentos.....	38
3.3.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa.....	41
3.3.5 Análise dos Dados.....	42
3.4 Resultados.....	44
3.4.1 Análises com a amostra geral.....	44
3.4.1.1 <i>Verificação da normalidade dos dados.....</i>	<i>44</i>
3.4.1.2 <i>Comparações entre grupos.....</i>	<i>44</i>
3.4.1.3 <i>Correlações entre as variáveis.....</i>	<i>49</i>
3.4.2 Análises dos perfis latentes (<i>latent profile analysis – LPA</i>).....	50
3.4.2.1 <i>Análises descritivas.....</i>	<i>50</i>
3.4.2.2 <i>Escolha do modelo e índices de qualidade de ajuste.....</i>	<i>52</i>
3.4.2.3 <i>Classificações das observações entre os perfis.....</i>	<i>57</i>
3.4.3 Análises descritivas e inferenciais nas demais variáveis considerando os perfis.....	61
3.4.3.1 <i>Verificação da normalidade dos dados.....</i>	<i>61</i>
3.4.3.2 <i>Correlações entre as variáveis.....</i>	<i>62</i>

3.4.3.3 <i>Comparações entre grupos</i>	62
3.5 Discussão	64
4. Estudo II - Associações longitudinais entre as tríades cognitivas na adolescência e a percepção das dimensões de adultez emergente seis anos depois	82
4.1 Introdução	82
4.2 Objetivos e Hipóteses de estudo	88
4.3 Método	88
4.3.1 Delineamento.....	88
4.3.2 Participantes.....	89
4.3.3 Instrumentos.....	90
4.3.3.1 <i>Instrumentos aplicados no Tempo 1</i>	90
4.3.3.2 <i>Instrumentos aplicados no Tempo 2</i>	91
4.3.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa.....	92
4.3.5 Análise dos Dados.....	93
4.4 Resultados	94
4.4.1 <i>Verificação da normalidade dos dados</i>	94
4.4.2 <i>Análises Descritivas</i>	94
4.4.3 <i>Análises de correlação entre as variáveis</i>	95
4.4.4 <i>Análises de comparação entre grupos</i>	97
4.5 Discussão	98
5. Conclusão Geral	106
6. Referências	109
7. Apêndice A (Estudo I)	125
8. Apêndice B (Estudo II)	132
9. Anexos	138
9.1 Anexo A - Questionário Sociodemográfico (Estudo I).....	138
9.2 Anexo B - Ficha de dados sociodemográficos Adolescente (Estudo II).....	141
9.3 Anexo C - Ficha de dados sociodemográficos Adulto Emergente (Estudo II).....	142

1. Apresentação Geral

O presente trabalho teve por objetivo principal investigar de que forma a adultez emergente é percebida por jovens com idades entre 18 a 29 anos e de que forma tais percepções se associam a variáveis psicológicas e sociodemográficas. O interesse por esse tema desenvolveu-se na autora da presente tese, primeiramente, a partir da constatação da escassez de estudos conduzidos no contexto brasileiro sobre as dimensões da adultez emergente e suas associações com indicadores de saúde mental. Outros importantes motivadores ao desenvolvimento desse estudo foram a identificação de particularidades nas demandas levadas aos consultórios psicológicos por jovens na transição para a vida adulta, e a constatação de similaridades nos relatos de alunos do ensino superior, juntamente à experiência particular como “adulta emergente”.

Essa tese se estrutura em quatro partes principais. A primeira parte é teórica e orientou-se pela delimitação e caracterização da adultez emergente (AE), apresentação de critérios de identificação e dos instrumentos disponíveis atualmente para a avaliação desse construto e evidências da AE no Brasil e países da América Latina. Também foram apresentados estudos orientados à verificação de associações entre a AE e indicadores de ajustamento e desajustamento psicológico, assim como alguns preditores longitudinais da experiência nessa fase do desenvolvimento.

A segunda parte consiste na apresentação de estudo transversal (Estudo I - Perfis de adultez emergente e suas associações com indicadores de saúde mental) conduzido com jovens com idades entre 19 a 29 anos que teve por objetivo principal a identificação de perfis de percepção de AE e verificar diferenças entre eles quanto a sintomas psicopatológicos (ansiedade, estresse e depressão), orientação positiva e características sociodemográficas (escolaridade, nível socioeconômico, entre outros). A terceira parte descreve um estudo longitudinal (Estudo II - Associações longitudinais entre as tríades cognitivas na adolescência e a percepção das dimensões de adultez emergente seis anos depois), que teve por objetivo verificar de que forma as visões sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre o futuro na adolescência se associam à percepção da AE seis anos depois. Por fim, a quarta parte trata das conclusões gerais da tese, na qual são enfatizados os principais resultados, os alcances e os limites do trabalho e sugestões para trabalhos futuros dentro da temática da adultez emergente e saúde mental.

2. Referencial Teórico

2.1 Adulter emergente: contexto de surgimento, caracterização e critérios de avaliação

O paradigma do desenvolvimento humano ao longo de toda a vida (*lifespan*), inicialmente desenvolvido pelo psicólogo alemão Paul B. Bates é largamente reconhecido por psicólogos desenvolvimentistas (Neri, 2006; Swanson, 2016). O referido modelo compreende que o desenvolvimento ontogenético se dá continuamente ao longo do curso de vida, de modo multidimensional e multidirecional (Baltes, Lindenberger & Staudinger, 2007; Neri, 2006). De uma forma geral e simplificada, é possível dizer que pesquisadores desse paradigma estão interessados em determinar como a agenda desenvolvimental de cada período do curso de vida, construindo e testando modelos e definições de desenvolvimento bem sucedido (efetivo) (Baltes, Lindenberger, & Staudinger, 2007). Nessa perspectiva, o desenvolvimento caracteriza-se pela continuidade e pela multiplicidade de dimensões e direções, sendo marcada por mudanças normativas graduadas por idade (como maturação do sistema nervoso central na infância e puberdade na adolescência) e graduadas por história (entrada na escola e casamento), além de influências não normativas (como a morte de um filho e acidentes). Todas essas mudanças ocorrem na interação entre fatores genéticos, biológicos e sociais, sendo perpassados por fatores históricos e culturais que se diferenciam entre coortes (Neri, 2006).

Pode-se dizer que, no estudo do desenvolvimento humano, qualquer divisão em períodos é marcada por construções sociais. A adolescência, por exemplo, tem história recente (século XX) e marcada por demandas de uma sociedade em crescimento econômico e industrial. Ainda mais recente é a adulter emergente, período de transição entre a adolescência e a idade adulta, também marcada por mudanças econômicas e sociais em países ocidentais industrializados (Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2018; Swanson, 2016).

No final dos anos 1990, o professor do Departamento de Psicologia da *Clark University*, Jeffrey Arnett, começou a postular a existência de uma fase intermediária entre o final da adolescência e a idade adulta que não seria apenas um período de transição, mas uma fase desenvolvimental com características próprias (Arnett, 2000). A chamada *emerging adulthood* (aqui denominada em português de adulter emergente) compreende o a terceira década de vida (aproximadamente dos 18 aos 25 anos), na qual os jovens não se percebem mais como adolescentes, nem plenamente adultos (Arnett, 2000). O surgimento da AE como

período diferenciado do ciclo de vida foi possível graças a inúmeras mudanças econômicas e sociais ocorridas no início do século 21 em países desenvolvidos (Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2018), que acabaram por impactar na postergação da inserção plena desses jovens no mundo adulto.

Especificamente no contexto norteamericano, a passagem progressiva de uma economia voltada à agricultura e indústrias para outra baseada no conhecimento e nas tecnologias acarretou no aumento da demanda por profissionais cada vez mais qualificados. Tais mudanças impactaram, de forma heterogênea na população jovem, no aumento dos anos investidos à escolarização formal superior e na postergação de compromissos adultos, como casar-se, ter filhos e um emprego de tempo integral (Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2012). As condições socioeconômicas também foram acompanhadas por mudanças culturais, sobretudo as relacionadas à maior flexibilização em relação ao comportamento sexual (sobretudo feminino), diminuição da taxa de natalidade e aumento na idade média do primeiro filho e maior inserção da mulher no mercado de trabalho e nas universidades (Arnett, 2007). Mudanças similares também ocorreram concomitantemente em outros países industrializados, sobretudo na Europa ocidental.

A adulez emergente (AE) pode ser delimitada a partir de cinco características principais, a saber (Arnett, 2000; 2001; 2003; Galanaki, & Lentopoulou, 2017; Munsen, 2006; Pereira, Dutra-Tomé, & Koller, 2016):

- a) Exploração da identidade em diferentes áreas da vida (amor, trabalho e visão de mundo), sem comprometimento definitivo a longo prazo;
- b) Experimentação ativa diante da identificação de inúmeras possibilidades e otimismo em relação ao futuro;
- c) Negatividade e instabilidade em decorrência da natureza não estruturada desse período e ocorrência das mudanças em diferentes domínios da vida;
- d) Busca crescente por autoconhecimento e autossuficiência, caracterizando um período de maior foco em si mesmo, que é facilitado pela ausência de obrigações com parceiros, filhos e carreira;
- e) Sentimento de ambivalência quanto à inserção na idade adulta (“nem lá, nem cá”; *feeling in between*): O jovem apresenta nessa fase uma sensação de entrada na idade adulta, lidando com seus desafios e assumindo responsabilidades, a o mesmo tempo em que ainda se percebe próximo aos pais e familiares, e não um adulto completo.

A adulez emergente como fase desenvolvimental distinta se fundamenta na literatura sobre correlatos sociodemográficos e psicossociais coletados ao longo dos anos. Em relação

aos primeiros, de uma forma geral, espera-se que AE seja vivida de forma mais intensa por jovens com idades entre 18 e 29 anos, aos quais esteja sendo oportunizada a continuidade dos estudos, privilegiando a formação em nível superior e visando inserção no mercado de trabalho em cargos que exigem mais qualificação (Arnett, 2000; Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2018). Além disso, a experiência da AE também se associa à postergação da assunção de responsabilidades financeiras, comprometimento com carreiras e com relacionamentos conjugais e paternidade/maternidade. Associações entre a adulez e variáveis psicossociais se mostram mais difusas, na medida em que essa fase é marcada tanto pela melhora em indicadores de saúde mental quanto pela intensificação de sintomas psicopatológicos e alta prevalência de transtornos mentais. Considerando a centralidade de tais associações nos objetivos e hipóteses dos estudos da presente tese, optou-se pela apresentação posterior da literatura sobre o tema.

Nos estudos que avaliaram exclusivamente indivíduos na faixa etária da AE (18 a 29 anos), os resultados apontam que quanto maior a idade menor é o endosso às dimensões da AE (Baggio, Iglesias, Studer, & Gmel, 2014; Dutra-Thomé, 2012; Skulborstad & Hermann, 2016). Quando comparados a indivíduos mais novos ou mais velhos, os escores daqueles pertencentes à faixa etária da AE se mostram mais altos (Leontopoulou, Mavridis, & Giotsa, 2016; Negru, 2012; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016). De forma geral, adulez emergente (como concebida por Arnett) parece ser mais experimentada por mulheres (Crocetti *et al.*, 2015; Dutra-Thomé, 2012; Negru, 2012; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016) e por jovens solteiros (Reifman, Arnett, & Colwell, 2016) e sem filhos (Arnett, 2003). Até o presente momento, não há na literatura nacional ou internacional, estudos que tenham verificado diferenças nas percepções de AE em relação à orientação sexual.

Em relação ao trabalho, verificam-se associações negativas entre carga horária de trabalho semanal e probabilidade de estar empregado e percepção da AE (Crocetti *et al.*, 2015; Lisha *et al.*, 2014; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016). Quando comparados com pares, jovens universitários se identificam de forma mais consistente com as dimensões da AE (Dutra-Thomé, 2012; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016). Outra importante variável sociodemográfica que se mostra associada à experiência da adulez emergente é a condição socioeconômica. Ao mesmo tempo em que Arnett (2016) não verificou diferenças significativas associadas à classe social nas percepções de jovens norteamericanos (utilizando cinco afirmações), outros estudos evidenciam que aqueles com melhores condições socioeconômicas percebem seu momento de vida de forma mais síncrona ao esperado na

teoria da AE (Dutra-Thomé, 2012; Hill, Lalji, Rossum, Geest & Blokland, 2015; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016).

Cabe destacar aqui que, apesar de ter sido proposta por J. Arnett como fase distinta do desenvolvimento, outros teóricos da psicologia e ciência do desenvolvimento já se interessavam pela transição entre a adolescência e a idade adulta. As contribuições de Erik Erikson sobre a adolescência prolongada e a moratória psicossocial foram fundamentais para a compreensão da AE como uma fase de continuidade do desenvolvimento identitário, com exploração e experimentação de possibilidades antes do comprometimento com papéis adultos (Arnett, 2000). Outras importantes contribuições são encontradas no trabalho de Kenneth Keniston sobre a juventude (*youth*) e na compreensão de Daniel Levinson sobre os períodos desenvolvimentais na idade adulta. A fase delimitada por Levinson dos 17 aos 33 anos (*novice phase*), em especial, se aproxima da AE de Arnett na medida em que é compreendida como uma fase voltada para a construção de uma estrutura para a vida adulta baseada, sobretudo, em decisões sobre carreira e relacionamentos e no engajamento na sociedade (Arnett, 2000; Hutchison, 2008).

O status de fase desenvolvimental da adultez emergente ainda está sendo debatido, apesar do aumento da aceitação de sua existência e investigação de suas características (Swanson, 2016). Entre as dificuldades de seu estabelecimento na comunidade científica está o fato de que a adultez emergente se associada a maior tempo despendido com estudos e atraso na inserção dos jovens no mercado de trabalho, e adiamento do casamento e filhos após o término da escola, características presentes, sobretudo, em países ocidentais industrializados (Facio, Resett, Micocci, & Mistrorigo, 2007; Swanson & Walker, 2016).

Em editorial da revista *Emerging Adulthood*, dedicada ao tema da adultez emergente, Syed (2016) aponta para importantes limitações dos artigos que vem sendo submetidos à publicação, possibilitando inferências sobre limitações mais gerais no campo de estudos da AE. A primeira das limitações é que, a despeito do esforço de pesquisadores em buscarem amostras fora dos limites das universidades, as pesquisas sobre AE se baseiam predominantemente nos estudos com essa população. Também há, para a editora, excesso de sustentação nos estudos transversais e com informantes únicos, além de serem escassas as investigações qualitativas de boa qualidade metodológica e pesquisas com metodologia mista. Destaca-se aqui que a falta de estudos longitudinais que possam contribuir na compreensão da heterogeneidade da AE, suas causas e consequências ao longo do ciclo de vida também foi destacada por outros pesquisadores da área (Reifmann & Arnett, 2016; Swanson, 2016). Além disso, é possível que as dimensões da AE possam não ser tão distintivas dessa fase quanto

esperado. Em estudo conduzido com indivíduos entre 18 e 60 anos, Arnett e Mitra (2018) encontraram que, a exceção da ambivalência, as demais dimensões da AE também são percebidas como características do momento de vida de adultos mais velhos.

Dentro do amplo campo de estudos da adultez emergente, a identificação de critérios para sua delimitação e o desenvolvimento de instrumentos de avaliação têm se destacado. Diante da heterogeneidade da AE, marcada por variações culturais e sociais, a utilização da faixa etária (18 a 25 ou 29 anos) ou mesmo de marcos normativos relacionados ao não cumprimento de papéis sociais adultos mostram-se limitados. A utilização do critério etário tem como prejuízos a desconsideração de importantes diferenças desenvolvimentais e psicossociais entre os indivíduos. Jovens em situação de risco, por exemplo, parecem empreender tarefas típicas da AE mais precocemente do que os demais (Lisha *et al.*, 2014; Sussman, 2010). A utilização de marcos também apresenta limitações, sobretudo na medida em que se percebe a não linearidade da transição entre adolescência e idade adulta, acarretando na impossibilidade de determinar definitivamente a entrada e permanência na idade adulta (Lisha *et al.*, 2014). Além disso, os marcos tipicamente utilizados (o “*big five*” dos papéis sociais adultos: finalização da educação formal, emprego em tempo integral, independência habitacional, parceira amorosa e paternidade/maternidade) são referências de adultez, e estão presentes quando a transição foi “finalizada”. Assim, não são referências adequadas na compreensão da adultez emergente e suas particularidades (Baggio *et al.*, 2016).

Mesmo em relação à determinação da inserção na idade adulta, os marcos se mostram limitados. Em seu artigo de referência sobre a AE, Arnett (2000) argumenta que indicadores demográficos (casar-se, ter filhos, terminar a escola, estabelecer-se em uma profissão) estão abaixo de qualidades individuais na determinação da entrada na idade adulta. Mais especificamente, tomar decisões de forma independente e assumir responsabilidades por si mesmo apareceram como os principais critérios pelos quais jovens norteamericanos compreendem a idade adulta. Tagliabue *et al.* (2016), ao apresentarem estudos desenvolvidos em diferentes países (ocidentais e orientais), evidenciaram diferenças nos critérios entre culturas, mas indicaram que, no geral, a assunção de papéis adultos e idade são menos importantes que critérios subjetivos. Em contrapartida, no contexto brasileiro, casar, ter filhos e mudar-se da casa dos pais aparecem como fatores determinantes na percepção sobre a passagem para a idade adulta (Dutra-Thomé, 2013).

Considerando as pesquisas que se baseiam em critérios que não são etários e demográficos (marcos e papéis sociais), tem-se a utilização de perguntas diretas (“você se considera adulto?”: sim/não/talvez) e de instrumentos de medida. Dentro os instrumentos

estão aqueles que buscam avaliar os critérios utilizados na delimitação da entrada na idade adulta (como o *Markers of Adulthood*, desenvolvido por Arnett, 2001) e os destinados a avaliar a percepção da AE em suas diferentes dimensões, como o *Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA; Reifmann, Arnett, & Colwell, 2007) e suas versões revisada (IDEA Revised; Lisha *et al.*, 2014) e abreviada (IDEA-8; Baggio, Iglesias, Studer, & Gmel, 2015).

O *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007), utilizado nos dois estudos da presente tese, foi desenvolvido a partir da verificação das mudanças no modo de “tornar-se adulto”, aliado a levantamentos quantitativos e entrevistas semi estruturadas com indivíduos norteamericanos dentro e fora da faixa etária da AE. O inventário é composto por itens nas cinco dimensões da AE (apresentadas previamente), acrescidas da subescala “Foco em outros”. Essa não é uma dimensão da adultez emergente, mas complementa a análise dessa fase na medida em que se contrapõe ao característico foco em si mesmo (busca por autossuficiência e independência) presente na AE.

O IDEA já foi traduzido para diversas línguas e adaptado para diferentes países europeus, como Espanha (Facio, Resett, Micocci, & Mistrorigo, 2007), Holanda (Hill, Lalji, Rossum, Geest, & Blokland, 2015), e Romênia (Negru, 2012); asiáticos, dentre eles Japão (Crocetti, Tagliabu, Sugimura, Nelson, Takahashi, Niwa, Sigiura, & Jinno, 2015) e Malásia (Wider, Bahari, Mustapha, & Halik, 2016). Dentre os países latinoamericanos são encontradas adaptações no México (Arias & Hernandez, 2007), Brasil (Dutra-Thomé & Koller, 2017), Chile (Pérez, Cumsille, & Martinez, 2008) e Argentina (Facio *et al.*, 2007). De uma forma geral, as diferentes versões do inventário apresentam adequados índices de consistência interna, com menores coeficientes alfa nas subescalas com menor quantidade de itens. Maiores discrepâncias são encontradas em relação à estrutura fatorial das adaptações do IDEA para outros países e culturas, o que vai de encontro às expectativas da AE como um construto culturalmente variável (Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2018).

2.2 Adultez Emergente no Brasil e em países latinoamericanos

Inicialmente desenvolvida nos EUA, a teoria da adultez emergente tem sido investigada, a partir dos anos 2000, em vários países ocidentais e orientais, industrializados ou em desenvolvimento (Galanaki & Lentopoulou, 2017). Contudo, duras críticas são feitas à AE na medida em que sua teoria foi formulada e verificada predominantemente em países industrializados ocidentais. Em revisão de estudos empíricos sobre a AE publicados entre os

anos de 2000 e 2015, Swanson (2016) encontrou que 57 estudos (4% da amostra total) conduzidos fora dos EUA, o que foi interpretado pela autora como um indicador da AE como um construto de interesse global.

De uma forma geral, os estudos sobre AE conduzidos fora do contexto norteamericano têm evidenciado proximidades e diferenças entre as experiências de transição entre a adolescência para a idade adulta. Especificamente, Galanaki e Lentopoulou (2017) apontam para a presença consistente da ambivalência (não se perceber mais como adolescente, mas também não se identificar totalmente como adulto) entre as culturas ocidentais ou ocidentalizadas. Os critérios utilizados pelos jovens na determinação da entrada na idade adulta também parecem se aproximar e se diferenciar culturalmente. Critérios baseados na independência, como responsabilizar-se por seus atos, tomar decisões de forma independente dos pais, etc., são mais endossados por adultos emergentes de culturas ocidentais e individualistas. Enquanto isso, em culturas mais coletivistas (China, Índia, Turquia, Argentina), as capacidades de controle emocional e de responsabilizar-se por outras pessoas assumem maior importância (Galanaki & Lentopoulou, 2017).

Considerando as possibilidades de aproximação entre a adultez emergente no Brasil e em outros países latino americanos, serão apresentados a seguir e de forma mais completa estudos que tenham sido desenvolvidos nesses contextos. Conduzido na Argentina com 163 jovens entre 25 e 27 anos, o estudo de Facio e Micocci (2003) avaliou as conexões entre características sociodemográficas, critérios de determinação da idade adulta e a autopercepção sobre ser (ou não) adulto. Dentre os resultados, foi encontrada proporção similar de jovens que se consideram adultos e daqueles que se acham “adultos em alguns aspectos, e em outros não” (46% e 45%, respectivamente), resultado similar ao encontrado por Arnett (2003) com jovens norteamericanos caucasianos e latinos. Entre os argentinos, considerar-se adulto foi mais frequente entre jovens da classe trabalhadora (em comparação aos de classe média) e em mulheres que trabalham em tempo integral ou trabalham e estudam (em comparação a donas de casa). Com relação aos critérios de adultez, os jovens apresentaram maiores escores do que os colegas norteamericanos em critérios coletivistas, como se tornar capaz de ter uma família e sustentar a casa (capacidades familiares) e assumir compromissos duradouros com outras pessoas (interdependência). Ao mesmo tempo os participantes também endossaram critérios individualistas, como se tornar financeiramente independente dos pais, similarmente aos pares norteamericanos.

Marzana, Pérez-Acosta, Marta e González (2010) conduziram entrevistas semi estruturadas com 40 jovens adultos (igualmente distribuídos entre homens e mulheres) da

cidade de Bogotá (Colômbia) a fim de explorar suas percepções sobre seu momento de vida. Análises de conteúdo utilizando a teoria da AE de J. Arnett como referência indicaram a forte presença do suporte familiar na transição para a idade adulta entre os participantes. Barrera-Herrera e Vinet (2017) conduziram grupos focais com 60 universitários chilenos com idades médias de 22 anos a fim de caracterizar a AE e identificar seus traços principais. A partir de procedimentos de análise de conteúdo as falas dos participantes foram agrupadas em cinco grandes categorias, nas quais foram identificadas proximidades e diferenças entre as experiências e percepções dos adultos emergentes chilenos e a teoria geral da AE.

De uma forma geral, os procedimentos de análises de conteúdo das falas dos jovens confirmaram as principais características da adultez emergente, sobretudo a percepção da mesma como uma fase de exploração e ambivalência e favorável ao desenvolvimento da identidade. Também foram identificadas falas espontâneas relacionadas à relação com os pais e saída de casa, juntamente a questões amorosas e sexuais, indicando que concomitantemente ao foco em si mesmo os jovens chilenos também estão orientados ao cuidado com os vínculos com os pais, pares e parceiros amorosos. Tais aspectos foram interpretados pelas autoras como reflexo de características presente na cultura chilena e também nas culturas latinas, nas quais tanto o cuidado e a importância das relações familiares quanto o respeito aos seus valores e normas se mostram presentes (Barrera-Herrera & Vinet, 2017).

Arias e Hernández (2007) avaliaram e compararam 720 estudantes mexicanos e espanhóis em seus desempenhos no IDEA e em variáveis demográficas, sendo que a faixa etária alvo foi propositalmente mais ampla do que a da AE (16 a 34 anos). Dentre os resultados, os autores verificaram maior concordância com várias dimensões da AE entre os jovens mexicanos, que se mostraram mais otimistas e menos instáveis que os pares espanhóis. Maiores graus de escolarização e influência dos valores culturais norte-americanos são levantados como hipóteses explicativas para a maior identificação com a AE.

Apesar das similaridades com outros países latinos, o Brasil apresenta particularidades importantes que precisam ser consideradas na investigação sobre a adultez emergente. Do ponto de vista econômico, ele encontra-se mais desenvolvido, assim como México e Chile (Galambos & Martínez, 2007), sendo atualmente classificado como país em desenvolvimento rápido (Arnett, Dutra-Thomé, & Koller, 2018). Mudanças no perfil sociodemográfico da população brasileira ao longo dos anos também se assemelham as de outros países desenvolvidos, tais como a queda na taxa de fertilidade (de 5 filhos em 1970 para 1,8 em 2013) e aumento no número de matrículas em instituições privadas e públicas de ensino

superior, com predomínio das mulheres (MEC/INEP, 2018; Population Reference Bureau, 2013).

Também se verifica menor desemprego na faixa etária da AE no Brasil em comparação a outros países latinoamericanos (Chile, Argentina) e em alguns países europeus (Suécia e Espanha). Em contrapartida, a idade média do primeiro filho no Brasil é de 22 anos, aproximando o país de outros em desenvolvimento (como Peru e Chile) e diferenciando-se de países desenvolvidos (Arnett, Dutra-Thomé & Koller, 2018). Para além dessas informações é importante considerar que, assim como em outros países em desenvolvimento, diferenças econômicas e sociais impactam no acesso a oportunidades, promovendo maior heterogeneidade nos caminhos de transição para idade adulta.

Estudos sobre as características e especificidades da adulez emergente no contexto brasileiros e apresentam em menor número em comparação à produção internacional. Nesse campo se destacam as pesquisadoras Luciana Dutra-Tomé e Sílvia Koller, que encontraram em seus estudos (2014a, 2014b; 2017) evidências de diferenças na experiência dessa fase entre jovens brasileiros relacionadas ao nível socioeconômico. As autoras verificaram que, apesar da ambivalência entre ser ou não adulto se mostrar presente entre os jovens, aqueles identificados com maior nível socioeconômico se mostram mais ambivalentes do que os de nível baixo. Tal perfil também se mostra presente em outros países, e pode ser explicado pela necessidade de assunção precoce de responsabilidades adultas, reduzindo suas chances de experimentarem o prolongamento da exploração da identidade característica da adulez emergente.

Em sua tese de doutorado, Dutra-Thomé (2013) propõe a caracterização da adulez emergente em uma amostra de 547 jovens residentes em Porto Alegre-RS por meio da condução de estudos quantitativos e qualitativos. Em um dos estudos que compõem a tese, a autora categoriza os jovens a partir do cruzamento de informações sobre papéis adultos (ter filhos, casar-se e ter um emprego) e percepção subjetiva sobre a inserção na idade adulta, comparando-os em relação à percepção das dimensões de adulez emergente. Dentre os resultados, verificou-se que a percepção de ser adulto tem maior influência na experiência da AE do que assumir objetivamente papéis adultos. As dimensões ambivalência e instabilidade/negatividade foram menos endossadas pelos indivíduos adultos (percepção e papéis adultos), que também se mostraram mais auto orientados. Os resultados também apontaram importantes influências do nível socioeconômico e sexo, tais como: maior negatividade/instabilidade entre homens do grupo “adulto” com alto nível socioeconômico, que pode refletir maiores expectativas sociais; maior ambivalência entre mulheres do grupo

“adulto” e com nível socioeconômico baixo, resultado possivelmente relacionado ao fato de que assumir responsabilidades mais cedo impacta negativamente na continuidade dos estudos e na qualificação profissional socialmente esperados.

Cabe destacar aqui que várias outras pesquisas foram conduzidas no Brasil com jovens na faixa etária da AE, tendo por objetivo compreender especificidades de suas experiências nos campos do trabalho, relacionamentos interpessoais e afetivos, no desenvolvimento identitário, na sexualidade, entre outros. Vários desses estudos estão compilados no livro “Adulter Emergente no Brasil: Uma perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta”, organizado por Dutra-Thomé, Nuñez, Pereira e Koller (2018). Contudo, os estudos que tenham avaliado a percepção dos jovens sobre as dimensões da AE, para além da utilização de critérios objetivos como faixa etária e assunção de papéis ou perguntas diretas sobre se perceber adulto, são praticamente ausentes.

Na revisão da literatura sobre aduiter emergente nos países da América Latina, Galambos e Martínez (2007) concluem que a aduiter emergente proposta por Arnett é experimentada por muitos jovens latinoamericanos. Contudo, eles provêm de famílias com melhores condições socioeconômicas e viver em lugares com oportunidades educacionais e ocupacionais. Os autores vislumbram que o crescimento econômico e a globalização continuaram atuando na promoção de condições para que a aduiter emergente seja experimentada por mais jovens da América Latina. Contudo, é provável que a ênfase dessas culturas em valores coletivistas continue diferenciando a experiência da AE nesses países.

Os resultados aqui apresentados dão suporte à compreensão da AE como fase do desenvolvimento marcada por grande heterogeneidade de caminhos e variabilidade nos desfechos entre culturas (Facio, & Micocci, 2003; Swanson, 2016). Mesmo nos EUA, país de origem do conceito de AE, verificam-se diferenças significativas em relação aos jovens adultos pertencentes a grupos étnicos minoritários. Muitos desses jovens são compelidos a tomarem responsabilidades adultas mais cedo, contribuindo para o orçamento familiar ou cuidando da casa e dos irmãos, o que, às vezes, os afastam da formação acadêmica.

2.3 Preditores longitudinais da Aduiter Emergente

Como apresentado até aqui, a aduiter emergente caracteriza-se pela diversidade de caminhos, sendo determinada por relações complexas entre variáveis históricas, sociais, econômicas, culturais e individuais. As consequências associadas aos diferentes modos de ser um adulto emergente também são distintas e, por vezes, contraditórias. Ao mesmo tempo em

que a AE se mostra como período de bem-estar psicológico e satisfação com a vida, também representa o ápice de comportamentos de risco, como uso e abuso de álcool e outras substâncias, além de aumento na incidência de problemas psicológicos (Arnett, 2000; Schulenberg & Zarrett, 2006; Wängqvist & Frisé, 2011).

Diante da heterogeneidade da experiência da adultez e de suas consequências, é relevante empreender pesquisas longitudinais que possam determinar preditores dos diferentes caminhos de AE (Reifmann *et al.*, 2007). Nesse sentido, juntamente aos estudos de compreensão das particularidades da AE nos diferentes contextos (históricos, culturais, sociais), a compreensão de fatores de risco e proteção apresenta-se como uma necessidade em prol do desenvolvimento de políticas públicas mais adequadas a essa faixa etária (Dutra-Thomé & Koller, 2014b; Gaudet, 2007). Apesar da relevância, o que se percebe no campo da AE é, em geral, a falta de pesquisas longitudinais, ou mesmo grandes flutuações na publicação dos seus achados ao longo dos anos (Swanson, 2016).

Cabe destacar aqui que mesmo dentre os estudos longitudinais desenvolvidos na área, a utilização da adultez emergente é, por vezes, exclusivamente associada à faixa etária dos participantes. Assim, é usual encontrar estudos longitudinais que contemplem a temática da AE, mas que não a tenham avaliado de forma criteriosa, para além de delimitações etárias. Diante dessa realidade, a seguir serão apresentados estudos com delineamentos longitudinais (prospectivos e retrospectivos) e transversais que se mostraram relevantes na compreensão dos caminhos e desfechos da AE.

Salmela-Aro, Kiuru, Nurmi e Eerola (2014) avaliaram os perfis de transição para a idade adulta e suas associações com sintomas depressivos e estratégias (otimismo e evitação) frente a situações sociais e de realização de 182 universitários finlandeses com idades entre 18 e 25 anos ($M=20,8$; $DP=1,5$). Quando calouros na graduação, os participantes informaram sobre perfil demográfico, sintomas depressivos e utilização de estratégias de enfrentamento (funcionais e disfuncionais). Passados 18 anos da primeira coleta (idade média de 38 anos), os sintomas depressivos foram novamente avaliados, juntamente à verificação da ocorrência e sequência temporal de eventos de vida comuns. A partir das respostas ao último questionário os participantes foram classificados em seis perfis de transição, divididos entre os perfis com adiamento e sem adiamento das tarefas transicionais (comprometimento amoroso, filhos e emprego tempo integral) que explicaram 45% da variância total. Dentre os resultados, verificou-se que os universitários que apresentaram maior uso de estratégias disfuncionais também apresentavam mais sintomas depressivos, tenderam à categorização nos perfis de adiamento, apresentando, no *follow-up*, mais sintomas depressivos do que os demais. De uma

forma geral, os resultados apontam para a acumulação de impactos ao longo da transição, no qual o baixo bem-estar (indicado aqui por maior intensidade de sintomas depressivos) associa-se ao uso de estratégias disfuncionais diante de circunstâncias de vida, levando ao adiamento da realização das tarefas típicas da idade adulta e aumento nos sintomas depressivos.

Hill e Bosick (2017) acompanharam adultos emergentes holandeses mensalmente, ao longo de dois anos (na primeira onda a idade média era de 20 anos), a fim de compreender associações entre padrões de mudanças em papéis sociais, variáveis sociodemográficas, e comportamentos desviantes (delinquentes). Análises estatísticas de classes latentes apontaram três grupos: os “precocemente independentes”, os “solteiros focados em realização” e os “experimentadores”. Os primeiros foram os mais representativos da amostra (51%) e apresentaram maiores progressões nos papéis sociais, enquanto os “solteiros focados em realização” tenderam a ficar solteiros e mostraram-se mais orientados a metas educacionais e de carreira. Os últimos formaram a classe com menor percentual e se caracterizaram por maior número de regressões nos papéis sociais (efeito *boomerang*) e maior tendência a se envolverem em comportamentos desviantes. As autoras destacam que características de personalidade e variáveis ambientais podem explicar tanto as diferenças nos caminhos de mudança nos papéis quanto a diferenças nos comportamentos desviantes, sendo necessários mais estudos a fim de verificar possíveis relações causais.

Experiências infantis adversas, compreendidas como práticas parentais disfuncionais, abusos e negligência, se mostram associados à baixa percepção de adulez emergente (Arnett, 2016b). Davis, Dumas e Roberts (2017) conduziram estudo com 832 adultos emergentes a fim de investigar associações entre estresse percebido, percepção de AE e experiências infantis adversas autorrelatadas. De forma geral, os indivíduos que vivenciaram experiências de abuso na infância se identificam menos com as dimensões de AE, exceto “negatividade/instabilidade”, “experimentação/possibilidades” e “foco em si mesmo”. Como explicação, sugere-se que a vivência de traumas na infância se associa ao desenvolvimento de modos distorcidos de processar informação. Mais especificamente, esses jovens são mais propensos a internalizar eventos negativos e a pensar de forma menos otimista sobre o futuro. Tais padrões de associação entre podem ser explicados considerando a hipótese de que indivíduos que experienciam traumas na infância podem ser demandados a assumir responsabilidades precocemente, levando-os a se perceberem como adultos antes do que seus pares que não vivenciaram tais experiências na infância (Davis *et al.*, 2017).

Adam *et al.* (2011) também avaliaram o impacto de múltiplas experiências adversas nos relacionamentos com pais, amigos e parceiros amorosos durante a adolescência na saúde mental e física na adultez emergente. A pesquisa foi conduzida com 10.149 jovens, com idades entre 11 e 20 anos na primeira onda e 18 a 27 anos na terceira onda de coleta de dados. De acordo com o esperado, vivenciar experiências adversas nos relacionamentos na adolescência, sobretudo violência conjugal, mostrou-se preditora de sintomas depressivos e problemas de saúde na AE. Apesar dos autores terem utilizado apenas a faixa etária da AE como referência, pode-se hipotetizar que diferentes percepções e experiências de AE como potenciais variáveis moderadoras do efeito do histórico de adversidades na saúde mental e física de adultos emergentes.

2.4 Indicadores de ajustamento psicossocial associados à Adultez Emergente

De uma forma geral, verifica-se aumento do bem-estar psicológico, estilo de vida saudável e percepção positiva de adultos emergentes sobre si mesmos e sobre suas vidas (Baggio, Studer, Iglesias, Daeppen, & Gmel, 2017; Wängqvist & Frisé, 2011). Também se verifica na AE um momento de importantes mudanças nos papéis sociais assumidos, com progressiva liberdade, autonomia para exploração de possibilidades e independência familiar. Cabe destacar, todavia, que tais mudanças de papéis não são lineares, podendo acontecer aos adultos emergentes que já haviam conquistado papéis adultos (emprego fixo, relacionamento estável, independência financeira dos pais, morar sozinho, etc.) o retorno a posições de maior dependência familiar (efeito *boomerang*) (Hill, 2017).

A postergação de compromissos com uma “identidade adulta” configura-se como uma das principais características da adultez emergente (Arnett, 2000; 2001), sendo “Exploração de identidade”, possivelmente, a dimensão mais e melhor pesquisada na teoria da AE (Skulborstad & Hermann, 2016). De forma geral, as possibilidades em aberto e o otimismo em relação ao futuro se associam a maiores níveis de bem-estar psicológico e satisfação com si mesmo e com a vida (Schulenberg & Zarrett, 2006; Wängqvist & Frisé, 2011). Contudo, as tarefas desenvolvimentais típicas dessa fase, dentre elas a construção de um senso de *self* coerente, podem, em associação a fatores individuais e contextuais, se tornar especialmente desafiadoras (Galambos, Barker, & Krahn, 2006; Wängqvist & Frisé, 2011).

Gfellner e Bartoszuk (2015) avaliaram as percepções de adultez e suas associações com indicadores de desenvolvimento da identidade de universitários canadenses e estadunidenses. As autoras verificaram que a percepção dos jovens sobre a entrada na idade

adulta se diferencia tanto em termos culturais (Canadá *versus* EUA) quanto em termos de estágio do desenvolvimento da identidade. De uma forma geral, adultos emergentes em estágios de menor integração identitária se basearam mais em critérios socialmente determinados, enquanto os mais próximos de uma identidade coerente endossaram mais critérios biológicos, etários e marcos normativos. Wängqvist e Frisé (2011) também verificaram associações entre desenvolvimento da identidade, angústia identitária (*identity distress*) e sintomas psicopatológicos em jovens suíços (24 a 26 anos). As autoras encontraram que os jovens experienciando moratória identitária apresentaram maior intensidade de sintomas psicopatológicos, sendo essa associação mediada pela angústia identitária.

Como apresentado anteriormente, a AE é uma fase na qual, tipicamente, percebem-se nos indivíduos níveis saudáveis de satisfação consigo mesmos (Schulenberg & Zarrett, 2006; Wängqvist & Frisé, 2011). Skulborstad e Hermann (2016) avaliaram 1353 universitárias norte-americanas com idades entre 18 e 30 anos nas variáveis autoestima, estima percebida e percepção de adulez emergente (via IDEA). Dentre os resultados, encontraram diferentes padrões de associação entre “exploração de identidade” e idade no subgrupo feminino. Enquanto as mulheres com maior estima percebida seguiram o caminho normativo em relação à exploração de identidade (decréscimo com a idade), enquanto aquelas com menor estima percebida apresentaram escores similares ao longo da faixa etária (18 a 30 anos). Os autores argumentam que o caráter transversal do estudo impede que inferências causais sejam delineadas, mas apontam para a possibilidade de que mulheres procurem mais apoio social no processo de construção de suas identidades do que homens.

A percepção da AE como uma fase de instabilidades associa-se negativamente à autoestima e satisfação com a vida (Luyckx, de Witte, & Goossens, 2011; Negru, 2012). Jovens que percebem a AE como momento de explorar papéis e defocar-se em si mesmo parecem também estar mais satisfeitos com a vida (Negru, 2012; Reifman, Arnett, & Cowell, 2016). No estudo de Cattelino, Graziano e Calandri (2014) com jovens italianos (18 a 22 anos), a satisfação com relacionamentos amorosos atuou como mediadora da associação entre otimismo e sintomas depressivos, sendo que jovens mais otimistas tendiam a perceber mais positivamente seus relacionamentos e apresentar menos sintomas depressivos. Por fim, a orientação para o futuro, tendência a tomar decisões considerando consequências e metas futuras, apresenta-se associada a todas as dimensões da AE (exceto “negatividade/instabilidade” e “ambivalência” (Reifmann *et al.*, 2016).

2.5 Sintomas psicopatológicos e Transtornos Mentais (TMs) na Adultez Emergente

Ao mesmo tempo em que a adultez emergente configura-se como um período de exploração da identidade, otimismo diante das possibilidades, entre outras características, também são encontradas associações entre o período e dificuldades relacionadas à independência, identidade, depressão, ansiedade e comportamento de risco (Hill & Bosick, 2017; Swanson, 2016). Em geral, quando comparada com a adolescência, a AE apresenta-se como uma fase de melhora na saúde mental e declínio nos comportamentos de risco (Salvador-Silva, Lewandowski, & Rigoli, 2018). Contudo, as mudanças típicas da AE são potencialmente estressoras e podem ser desafiadoras para uma parcela dos jovens, explicando a grande incidência de várias psicopatologias (Salvador-Silva *et al.*, 2018; Schulenberg, Sameroff, & Cicchetti, 2004; Schulenberg & Zarrett, 2006; Wängqvist & Frisé, 2011).

Henin e Berman (2016) destacam que a maioria dos adultos emergentes não desenvolve transtornos mentais (TMs) severos o bastante para serem diagnosticados. Contudo, estimativas epidemiológicas indicam que cerca de 40% dos jovens na faixa etária da AE apresentam sintomas compatíveis com quadros psiquiátricos, especialmente os associados à ansiedade (22%), uso de substância (22%) e humor (22%). Eles também afirmam que o adoecimento mental severo na AE associa-se a dificuldades significativas no desenvolvimento dos indivíduos, podendo levar a quadros disfuncionais crônicos, problemas de saúde e associados ao abuso de substâncias, conjuntamente a prejuízos financeiros nos níveis pessoal e social.

Apesar de variações decorrentes das metodologias adotadas nos estudos epidemiológicos (Miranda, Tarasconi, & Scortegagna, 2008), estimativas indicam que mais de 25% da população mundial desenvolverá um ou mais transtornos mentais ou do comportamento ao longo de toda a vida (WHO, 2001). Kessler *et al.* (2009) conduziram estudo nos EUA com 9282 indivíduos maiores de 18 anos e encontraram 46,4% da amostra com algum transtorno mental (avaliado por meio de entrevistas diagnósticas estruturadas). Na faixa etária correspondente à adultez emergente (18 a 29 anos), a prevalência ligeiramente superior (52,4%), sendo mais frequentes os transtornos de ansiedade (30,2%), seguidos pelos transtornos de controle de impulsos (26,8%) e associados ao uso de substâncias (16,7%). Além disso, os autores verificaram na AE o momento mais propício ao início de problemas associados ao abuso de substâncias e que aproximadamente três quartos de todos os casos de transtornos psiquiátricos têm início antes dos 25 anos de idade. Cabe destacar aqui que a determinação das taxas de prevalência de TMs na AE é dificultada pela variabilidade das

faixas etárias dos estudos, que podem a “idade adulta jovem” como referência e agrupá-los com os chamados “adolescentes tardios” (15 a 24/25 anos).

A adulez emergente é caracterizada como um momento no qual os indivíduos se orientam por seus desejos e necessidades e exploram as diferentes possibilidades, ao mesmo tempo em que vivenciam afetos negativos e instabilidade emocional. Tais características, aliadas à maior tolerância e, por vezes, incentivo social, aumentam as chances dos adultos emergentes se envolverem em comportamentos de risco, dentre eles o uso e abuso de álcool e outras substâncias (Sussman & Arnett, 2014). Davis, Dumas, Briley e Sussman (2018) conduziram uma revisão sistemática com metanálise da literatura sobre associações entre percepção de adulez emergente e uso de substâncias. De forma geral, a hipótese de associação encontra suporte parcial, na medida em que são verificados pequenos tamanhos de efeito nas associações positivas entre abuso de substâncias e as dimensões da AE (exceto “foco em si mesmo” e “foco em outros”).

Outros comportamentos de risco, como os relacionados à sexualidade, também são característicos da AE, sendo as taxas de gravidez não planejada e infecção por doenças sexualmente transmissíveis mais altas nessa fase (Henin & Berman, 2016). No Brasil, a faixa etária dos 25 aos 39 anos (em ambos os sexos) apresenta-se como a de maior incidência de casos de AIDS (Brasil, 2018). Cabe destacar que o auge do desenvolvimento das áreas corticais responsáveis pelo funcionamento executivo (autorregulação, controle de impulsos, postergação do reforço, etc.) ocorre por volta dos 25 anos, explicando parcialmente a vulnerabilidade dos adultos emergentes a comportamentos de risco (Henin & Berman, 2016; Hunt & Eisenberg, 2010).

Depressão, ansiedade e transtornos associados ao abuso de substâncias são indicados por outros estudos como mais prevalentes entre adolescentes e adultos emergentes (Hunt & Eisenberg, 2010; MacLeod & Brownlie, 2014), sendo a AE a fase de maior intensidade de sintomas ansiosos (MacLeod & Brownlie, 2014) e de início da maioria dos casos de transtornos de humor (uni e bipolar) (Salvador-Silva, Lewandowski, & Rigoli, 2018). A severidade dos sintomas depressivos também se associa ao suicídio, segunda maior causa de morte entre adolescentes tardios e jovens adultos (MacLeod & Brownlie, 2014; Sheets *et al.*, 2013; Thompson & Swartout, 2017). Outros quadros comumente identificados na transição entre adolescência e adulez emergente são os transtornos alimentares, transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e esquizofrenia (MacLeod & Brownlie, 2014).

Até o presente momento não foram encontrados estudos que propusessem compreender as relações entre transtornos mentais e percepções sobre a adulez emergente,

apesar de haver evidências da associação com sintomas depressivos e uso/abuso de álcool e substâncias (Davis *et al.*, 2018; Lanctot & Poulin, 2017). A compreensão de que o adoecimento mental é produto de interações entre fatores de risco e proteção individuais, familiares e sociais abre caminho para o levantamento de hipóteses sobre as contribuições da experiência da adultez emergente para a vulnerabilidade aos TMs. Em outra direção, também é possível pensar nos efeitos prejudiciais das psicopatologias na vivência dessa fase e suas demandas típicas (maior responsabilidade, autonomia, expectativas sociais), agravando ainda mais os quadros e dificultando a entrada na idade adulta (Salvador-Silva, Lewandowski, & Rigoli, 2018).

Ao longo da fundamentação teórica da presente tese, foram apresentadas as características gerais da adultez emergente, assim como evidências sobre sua heterogeneidade, marcada por diferenças socioeconômicas, culturais e individuais. Para além da variabilidade na experiência e percepção da AE, também se discorreu sobre as relações, muitas vezes contraditórias, entre essa fase e indicadores de ajustamento psicossocial e saúde mental. Tais discrepâncias podem ser explicadas pela presença de subgrupos, que se diferenciariam nas percepções das dimensões da AE e, possivelmente, em outras variáveis psicológicas e sociodemográficas. A hipótese acerca da existência de tais subgrupos foi o ponto de partida para o primeiro estudo empírico desse trabalho, apresentada a seguir.

3. Estudo I – Perfis de adultez emergente e suas associações com indicadores de saúde mental

3.1 Introdução

O interesse no estudo da adultez emergente e suas diferentes configurações tem se mostrado crescente desde seu desenvolvimento no final da década de 1990 (Arnett, 2000; Swanson, 2016). Originalmente desenvolvida nos EUA em pesquisas com universitários, a verificação da AE e suas especificidades em outros países e contextos tem evidenciado seu caráter cultural e histórico, ao mesmo tempo em que indica similaridades nas percepções dos indivíduos sobre a fase. São consistentes as evidências da relação entre a experiência da AE e características demográficas (a idade, gênero, estado civil, escolaridade, etc.) e, em menor grau, suas associações a eventos de vida anteriores e desfechos futuros (Baggio *et al.*, 2015; Lisha *et al.*, 2014; Reifman, Arnett, & Colwell, 2016). A confirmação da existência da adultez

emergente em diferentes países e contextos sociais é, no entanto, marcada pela multiplicidade de experiências e por diferenças nas condições econômicas e sociais dentre os jovens da faixa etária da AE (Galanaki & Lentopoulou, 2017).

Diante da heterogeneidade das experiências de AE, se mostram importantes os estudos que utilizam de delineamentos de pesquisa e estratégias de análise de dados que possibilitem a construção e verificação de modelos potencialmente explicativos das diferenças e associações encontradas. Além disso, à exceção da dimensão “negatividade/instabilidade”, que se mostra consistentemente associada problemas emocionais e de comportamento (Allem, Lisha, Soto, Baezconde-Garbanati, & Unger, 2013; Reifman *et al.*, 2016; Davis, Dumas, Briley, & Sussman, 2018), as demais dimensões da AE se mostram relacionadas tanto a indicadores de bem-estar quanto a problemas no funcionamento psicossocial (Perez, Cumsille, & Martínez, 2008; Reifman *et al.*, 2016). Tais inconsistências podem ser explicadas a partir da verificação, via análise de subpopulações ou grupos latentes, de que em um determinado grupo ocorre uma associação, mas não a outra, e vice e versa.

Assim, complementarmente às análises centradas nas variáveis (como análises fatoriais, correlacionais e de regressão), mais comuns nos estudos da AE e outros campos da psicologia, tem-se nas abordagens focadas nos indivíduos a possibilidade de verificar as diferenças entre os sujeitos de uma forma mais integrativa e holista, considerando diferentes características e padrões dentro de amostras e grupos (Lactot & Poulin, 2017; Tagliabue, Lanz, & Crocetti, 2016). Nos estudos com delineamentos longitudinais e medidas repetidas podem ser conduzidas análises de modelagens de crescimento (*growth modeling*), nas quais são identificados subgrupos com diferentes trajetórias (Jung & Wickrama, 2008).

Em estudos transversais, tem-se a possibilidade de utilização da análise de *cluster* e das modelagens de mistura. Na primeira, tem-se por objetivo a classificação dos casos em grupos que compartilham características entre si e que se diferenciam dos demais (Yim & Ramdeen, 2015). As modelagens de mistura (*mixture modeling*), em contrapartida, são uma classe ampla de estatísticas focadas na identificação de variáveis latentes a partir de dados observáveis. Dentro dessa classe genérica há dois tipos importantes: a *latent class analysis* (LCA) e a *latent profile analysis* (LPA). Na primeira, o pressuposto é de que associações entre variáveis categóricas observadas são explicadas por variáveis categóricas latentes. A partir da LCA é possível dividir a amostra em grupos independentes formados por sujeitos que se aproximam entre si e que se diferenciam dos demais grupos. Em contrapartida, a *latent profile analysis* (LPA) consiste em um tipo de *latent cluster analysis* e pressupõe que

variáveis categóricas latentes explicam variações e associações entre variáveis observadas contínuas (Hagenaars & McCutcheon, 2002).

Tagliabue, Lanz e Crocetti (2016) avaliaram 1513 adultos italianos emergentes (19 a 30 anos; M=24,02; DP=3,4 anos) e utilizaram análises de *cluster* (hierárquico; método de *Ward*) a fim de verificar se os critérios usados para definir o que é ser adulto estariam associados à percepção dos participantes sobre a AE. Usando como referência uma lista com 31 critérios de adulez (Arnett, 2001), foram identificados dois *clusters*, denominados de “adulez composta” e “adulez estereotipada”. O primeiro, com 61% da amostra, caracterizou-se pela atribuição de importância a todos os critérios, percepção oposta à do segundo grupo, que não considerou nenhum dos quatro fatores critérios importante na determinação da idade adulta. Para esses jovens, a chegada à idade adulta é definida por critérios gerais importantes para todos os jovens.

Utilizando como referência a percepção das dimensões de AE (via IDEA), seis *clusters* foram identificados e serão apresentados a seguir do subgrupo com maior para o subgrupo com menor frequências. No *cluster* denominado “Período de Transição”, os jovens apresentaram escores altos em todas as dimensões de AE (exceto para “foco em si mesmo”, com desempenho médio). Entre os jovens categorizados em “Transição Positiva” identificou-se baixa “negatividade/instabilidade” e altos “experimentação/possibilidades”, “ambivalência”, “exploração de identidade” e “foco em si mesmo”. Níveis altos de “foco em si”, “ambivalência”, “exploração de identidade”, médio em “negatividade/instabilidade” e baixo em “experimentação/possibilidades” caracterizaram o subgrupo “Ausência de Possibilidades”. O subgrupo “Bloqueado” não se identificou com nenhuma dimensão da AE, enquanto o subgrupo “Foco em si mesmo” apresentou os mais baixos escores em “exploração de identidade” e “ambivalência” junto a escores altos em “foco em si mesmo”. Por fim, o *cluster* “Sentimentos negativos” caracterizou-se por escores altos em “negatividade/instabilidade”.

Análises de qui-quadrado mostraram frequência maior do que a esperada de participantes classificados concomitantemente nos *clusters* “Adulez estereotipada” e “Ausência de possibilidades” e frequência menor do que a esperada de convergência entre “Adulez composta” e “Ausência de possibilidades”. A hipótese levantada é de que o primeiro grupo (“adulez estereotipada”) seja marcado por uma visão mais negativa das possibilidades atuais e do futuro e menor senso de controle. Enquanto isso, o segundo grupo (“adulez composta”), que tem uma visão mais complexa sobre a idade adulta e dos diferentes caminhos

para chegar lá, parece manter uma atitude mais engajada e uma visão mais otimista dessa fase (Tagliabue *et al.*, 2016).

Lactot e Poulin, (2017) investigaram associações entre percepções de AE e características demográficas, sintomas internalizantes e abuso de álcool em 307 jovens canadenses de 21 anos de idade. A maioria da amostra é feminina (58%), vivia com os pais (73%), estavam em um relacionamento amoroso (60%), haviam se formado no ensino médio (31%) e apresentavam renda anual entre seis e 12 mil dólares canadenses. Os autores conduziram *latent profile analysis* a fim de identificar subgrupos com perfis diferentes de percepção de AE, esperando encontrar resultados similares aos de Tagliabue *et al.* (2016). A partir da análise dos indicadores de ajustamento dos modelos (*Bayesian Information Criteria* – BIC; *Akaike Information Criteria* – AIC; *Lo–Mendell–Rubin likelihood ratio test* – LMR-LRT), os autores encontraram que o modelo com quatro perfis era o mais parcimonioso e se ajustava melhor aos dados. O primeiro perfil representava 5% da amostra e era caracterizado por baixos escores em todas as dimensões, sendo denominado de “transição bloqueada”. O perfil “transição moderada” (63% da amostra) apresentou escores medianos em todas as dimensões, enquanto “tempo de transição” (35%) caracterizou-se por altos escores em todas as dimensões (exceto “foco em si mesmo”, que foi mediano). O último perfil, “transição positiva”, com 17% da amostra, apresentou escores altos em “experimentação/possibilidades”, “foco em si mesmo” e “foco em outros”, moderados para “exploração de identidade” e baixos para “ambivalência” e “negatividade/instabilidade”.

Ao contrário do esperado, os perfis não se diferenciaram de forma estatisticamente significativa em nenhuma das variáveis sociodemográficas. Em relação aos sintomas internalizantes e abuso de álcool, todavia, várias diferenças apresentaram significância estatística. Tais diferenças foram mais robustas em dois subgrupos que apresentaram maior concordância com as dimensões de AE. Os jovens do perfil “tempo de transição”, em comparação aos categorizados em “transição positiva”, apresentaram escores mais altos em sintomas depressivos, de ansiedade social e uso problemático de álcool e menor autoestima. Cabe destacar que ambos os subgrupos apresentaram escores altos na dimensão “experimentação/possibilidades”. Como destacado previamente nessa tese, essa dimensão da AE se associa na literatura tanto a comportamentos de risco quanto a bem-estar (Allem, Sussman, & Unger, 2017; Arnett, 2005; Hill *et al.*, 2015; Pérez & Cumsille, 2008).

De um modo geral, Lactot e Poulin (2017) encontraram similaridades e discordâncias com os perfis identificados por Tagliabue *et al.* (2016). Todos os perfis encontrados pelos primeiros (exceto “transição moderada”) também foram verificados no estudo italiano. Três

perfis encontrados por Tagliabue *et al.* (2016), entretanto, não foram identificados na amostra canadense. Dentre as limitações do estudo, os autores destacam a ausência de variação na idade dos participantes, afirmando que o estudo pode dar informações precisas, mas limitadas sobre a AE (que se estende em uma faixa etária mais ampla). Além disso, por se tratar de um corte transversal, o estudo tem poder limitado na afirmação da direção entre as associações entre percepção de adultez e as demais variáveis investigadas (sintomas internalizantes e abuso de álcool).

Apesar das limitações, ambos os estudos tiveram sucesso na confirmação da heterogeneidade da AE em relação aos critérios usados na determinação do que é ser adulto, à forma como indivíduos com características similares percebem a fase e das associações entre essas percepções e indicadores de saúde mental. Mesmo em estudos sobre AE que não tinham como objetivo a identificação dos perfis, percebe-se a indicação dos autores de que pode haver diferenças entre grupos (como variações na visão de si mesmo ou do futuro, ou traços de personalidade) que expliquem correlações contrárias entre as variáveis (Adam *et al.*, 2011; Galanaki & Lentopoulou, 2017; Sussman & Arnett, 2014). Além de contribuir na explicação das associações discrepantes entre a percepção de AE e características psicossociais, estudos como esses podem auxiliar na construção de estratégias de identificação de indivíduos mais vulneráveis à experimentação de dificuldades na AE que possam levar a problemas emocionais e de comportamento durante a fase e a longo prazo. Desse modo, a identificação desses perfis é extremamente importante para o desenvolvimento e implementação de estratégias de prevenção de problemas e promoção do desenvolvimento saudável dos indivíduos e grupos.

3.2 Objetivos e Hipóteses do estudo

O presente estudo teve, por objetivo principal, caracterizar adultez emergente em uma amostra de jovens de 18 a 29 anos. A partir da revisão da literatura, hipotetiza-se a existência de subgrupos com diferentes perfis de percepção sobre as dimensões de AE. Espera-se que os adultos emergentes agrupados nesses perfis apresentem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis demográficas e psicossociais investigadas (estado civil, ocupacional e habitacional; paternidade/maternidade; idade; sexo; orientação sexual). Também é esperado que os subgrupos apresentem diferenças quanto à orientação positiva sobre a vida e intensidade de sintomas depressivos, ansiosos, de estresse e ideação suicida.

Seguindo a literatura, são esperados ao menos dois grupos extremos: um com escores altos em todas (ou quase todas) as dimensões e outro com escores baixos em todas (ou quase todas). Também se espera a verificação de um grupo com perfil mais negativo (escores mais altos na dimensão “Negatividade/Instabilidade”) e outro com perfil mais positivo (escores mais baixos na dimensão “Negatividade/Instabilidade”). Concomitantemente às diferenças entre os perfis de AE, espera-se que sejam encontradas outras diferenças entre os participantes. Especificamente, são esperados maiores escores no IDEA entre os participantes: do sexo feminino, solteiros (as), sem filhos que tem maior escolaridade, que ainda não trabalham e que são financeiramente dependentes de outras pessoas.

3.3 Método

3.3.1 Delineamento

O presente estudo caracteriza-se como exploratório, transversal e quantitativo.

3.3.2 Participantes

Participaram desse estudo 563 jovens, sendo 416 (73,9%) do sexo feminino (dois participantes se identificam com outro gênero), com idades entre 18 e 29 anos ($M=22,5$; $DP=3,0$) e com predomínio de indivíduos cursando graduação ou ensino técnico/tecnólogo ($n=461$; $n=81,9\%$). Na Tabela 1 (Apêndice 1) estão apresentadas todas as características sociodemográficas avaliadas e suas respectivas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão; frequências e percentuais). Foram utilizados dois procedimentos para coleta de dados: divulgação online, coordenada pela autora dessa tese, e divulgação presencial com alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA - Campus Vitória da Conquista). A subamostra da UFBA foi composta por 366 graduandos e pós graduandos e representou 65% da amostra total. Dentre os 366 universitários, três eram estudantes de pós-graduação (*stricto sensu*) da área biológica e o restante eram graduandos em oito cursos: psicologia ($n=92$), enfermagem ($n=55$), nutrição ($n=50$) ciências biológicas ($n=48$), farmácia ($n=41$), medicina ($n=39$), biotecnologia ($n=35$) e letras ($n=2$).

Na amostra total ($N=563$), a maioria se declarou heterossexual ($n=450$; 79,9%), solteira ($n=506$; 89,9%), sem filhos ($n=546$; 97%), mora com familiares ($n=372$; 66,1%), está

atualmente cursando graduação (n=459; 81,5%), e nunca trabalhou (n=218; 38,7%). Dentre os participantes, 124 (22%) informaram terem sido diagnosticados com algum transtorno mental, com maior frequência de quadros e transtornos ansiosos (n=56; 45,2%). A maioria dos participantes informou que os pais (juntos e separadamente) são os principais responsáveis, tanto pelos gastos do próprio participante (n=299; 54%) quanto pelo pagamento das contas da casa (n=250; 44,4%). De acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2018), os participantes se distribuíram entre todos os sete níveis (A-E), sendo a maioria correspondente ao nível socioeconômico B2 (n=163; 29%). A renda familiar mensal por pessoa variou entre um e seis salários mínimos (R\$954) (M=2,4; DP=1,1). A Tabela 1 (Apêndice 1) apresenta a caracterização completa da amostra (optou-se por apresentar a amostra total e separadamente para participantes da UFBA e da amostra geral).

3.3.3 Instrumentos

Os instrumentos de coleta de dados apresentados a seguir foram compilados em dois formulários online na plataforma *Google Forms*, sendo um deles destinado à amostra geral e outro específico para a amostra da UFBA. Esse segundo formulário continha, para além dos instrumentos abaixo, questionários e escalas relacionados à vida acadêmica dos estudantes, cujas respostas não foram utilizadas no presente estudo.

- Questionário Sociodemográfico (Anexo 1)

O questionário foi composto por perguntas em diferentes domínios: informações básicas (nome, data de nascimento, idade, escolaridade, naturalidade, cidade e estado onde mora); gênero e orientação sexual, estado civil, filhos; status habitacional (com quem e com quantas pessoas mora) e ocupacional (se exerce ou já exerceu trabalho remunerado) dos participantes. A fim de complementar a avaliação da condição psicológica dos participantes, foi incluída a seguinte pergunta: “Você foi diagnosticado com algum problema mental/psicológico? Se sim, qual?”. Também utilizaram-se, a fim de determinar o nível socioeconômico dos participantes, perguntas sobre a escolaridade do chefe da família, acesso a rede de esgoto e rua asfaltada, além da verificação de itens de comodidade no domicílio (Critério Brasil; ABEP, 2018). A partir do crivo de correção foram determinadas em quais classes socioeconômicas os participantes se encontravam no momento da pesquisa. O questionário também incluía perguntas sobre comportamentos sexuais e de uso de substâncias lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas, que não foram analisadas na presente tese por não se relacionarem a seus objetivos.

- IDEA Inventário de Dimensões da Adulter Emergente (*Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood– IDEA*; Reifman, Arnett & Colwell, 2007)

Originalmente desenvolvido por Reifman, Arnett e Colwell (2007), o IDEA destina-se à avaliação da percepção de jovens sobre temas relacionados à transição para a idade adulta, baseando-se na proposta de Arnett (2000) sobre a adulter emergente. O inventário é composto por 31 itens respondidos em uma escala *Likert* de quatro pontos (“discordo fortemente” a “concordo fortemente”), nos quais o sujeito é solicitado a indicar o quanto cada um diz sobre seu momento de vida (últimos anos, momento presente e próximos anos). No estudo original, o IDEA apresentou seis subescalas: “Exploração de identidade”, “Experimentação/Possibilidades”, “Negatividade/Instabilidade”, “Foco em si mesmo”, “Ambivalência” e “Foco em outros”. Esse último fator foi incluído pelos autores a fim de contrapor-se ao fator “Foco em si mesmo”, sendo que se espera que indivíduos fora da faixa da AE apresentem maiores escores nessa subescala. A pontuação no inventário vai de 0 a 124, sendo que quanto maior o escore maior a identificação do indivíduo com as dimensões da adulter emergente. Reifman *et al.* (2007) encontraram coeficientes alfa variando de 0,70 a 0,85 (seis fatores) e evidências de validade de construto (diferenças etárias, ocupacionais e em relação ao estado civil dos jovens).

Dutra-Thomé e Koller (2017) produziram a adaptação para o português brasileiro, aplicando-a em 547 indivíduos com idades entre 18 e 29 anos (Me=22; IQR²=19-26) residentes na cidade de Porto Alegre (RS). A partir da condução de análises fatoriais exploratórias as autoras retiraram itens com baixas cargas fatoriais (>0,3) e incluíram novos itens, resultando na versão final com 29 itens divididos entre seis subescalas. Foram encontrados alfas de *Cronbach* variando de 0,61 a 0,79 para as subescalas e 0,80 para a escala total (Dutra-Thomé & Koller, 2017). No presente estudo foram encontrados alfas de 0,90 para a escala total e variando entre 0,50 (“Foco em si mesmo”) e 0,84 (“Negatividade/Instabilidade” e “Exploração de identidade”) entre as subescalas.

- Escala de Positividade – EP (*Positivity Scale – P-Scale*; Caprara, Alessandri, Eisenberg, *et al.*, 2012)

Instrumento de autorrelato composto por oito itens, respondidos em uma escala *Likert* de cinco pontos (“Discordo fortemente” a “Concordo fortemente”), que avaliam a visão positiva de adultos sobre si mesmos, sobre a vida e sobre o futuro. A construção do instrumento por Caprara *et al.* (2012) foi baseada na verificação de sobreposições das variáveis satisfação com a vida, otimismo e autoestima em vários estudos, levando à hipótese da existência de uma tendência geral a orientar-se de forma positiva (*positive orientation*). O

escore bruto da escala deve ser computado a partir da soma das respostas aos itens, sendo que a resposta ao quarto item precisa ser invertida previamente (por se tratar de um item indireto). Assim, quanto maior o escore mais positividade. A versão original apresenta evidências adequadas de precisão (consistência interna e teste reteste) e validade de construto (unidimensionalidade e correlações positivas com outros instrumentos).

A versão em português (Borsa, Damásio, Souza, Koller, & Caprara, 2015) apresenta evidências de validade de construto baseadas na confirmação de sua estrutura unidimensional, e correlações com medidas de saúde mental e satisfação com a vida. Borsa, Damásio e Koller (2016) aplicaram a EP em 876 adultos de 18 a 83 anos a fim de obter novas evidências de validade da adaptação. Dentre os resultados eles encontraram a confirmação, via análises de regressão logística, da positividade como um compósito das variáveis autoestima, satisfação de vida, esperança e otimismo. No presente estudo o alfa de *Cronbach* foi de 0,9 (excelente) (Zanon & Filho, 2015).

- *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form* (DASS-21; Lovibond & Lovibond, 1995)

Lovibond e Lovibond (1995) desenvolveram o DASS-21 a partir da seleção dos melhores itens de sua versão expandida (DASS; Lovibond & Lovibond, 1993). Destinada à avaliação de sintomas depressivos e ansiosos em adultos, com ênfase no poder de discriminação desses sintomas (dada a sobreposição entre eles, em muitos instrumentos), a escala também avalia estresse. Essa subescala emergiu empiricamente no processo de construção do instrumento e engloba itens associados à tensão, dificuldade para relaxar e agitação. A DASS-21 é composta por três subescalas (Depressão, Ansiedade e Estresse), com sete itens cada. O indivíduo deve indicar, em uma escala *Likert* de quatro pontos (“não se aplicou” a “aplicou-se muito, ou na maioria do tempo”) o quanto experimentou o sintoma na semana anterior. Os escores devem ser contabilizados separadamente para cada subescala e vão de 0 a 21. Os escores da versão reduzida devem multiplicados por dois para que possam ser corrigidos de acordo com as normas fornecidas no manual (Lovibond & Lovibond, 2004).

No estudo original não são apresentadas as propriedades psicométricas da DASS-21, mas sua versão com 42 itens mostrou qualidades discriminatórias dos três grupos de sintomas (com menor diferenciação entre ansiedade e estresse), estrutura fatorial congruente ao esperado teoricamente e índices de validade convergente com outros instrumentos (Lovibond & Lovibond, 1995). O instrumento foi adaptado para o Brasil por Machado e Bandeira (2013) e por Vignola e Tucci (2014) (versão utilizada nesse estudo). Vignola e Tucci (2014), após os procedimentos de tradução e adaptação transcultural, aplicaram a DASS-21 em adultos de 18

a 75 anos, encontrando alfas de *Cronbach* variando de 0,86 a 0,92 e confirmação da estrutura trifatorial. No presente estudo as três subescalas apresentaram alfas excelentes (0,9), assim como a escala total (0,95).

- *Brazilian Frequency Suicidal Ideation Inventory – FSII-Br (Frequency Suicidal Ideation Inventory - FSII; Chang & Chang, 2016)*

Desenvolvida originalmente por Chang e Chang (2016), a FSII-Br é um instrumento breve (cinco itens) de avaliação da frequência de ideação suicida em adultos. O indivíduo precisa indicar, em uma escala *Likert* de cinco pontos, a frequência com a qual teve pensamentos suicidas no último ano (“nunca” a “quase todos os dias”). A pontuação no inventário vai de 5 a 25, sendo que maiores escores indicam maior frequência de ideação. A escala original apresentou estrutura unifatorial (86,96% de variância explicada) e correlações estatisticamente significativas com instrumentos de avaliação de risco de suicídio e sintomas depressivos. O instrumento foi aplicado em amostras de universitários norteamericanos, turcos, húngaros e chineses, tendo apresentado alfas de *Cronbach* variando de 0,85 a 0,96. Também foram encontradas evidências do poder de predição de sintomas depressivos e tentativas de suicídio no futuro. A versão brasileira do instrumento (Teodoro, manuscrito em desenvolvimento) obteve consistência interna de 0,88 (alfa de *Cronbach*), e coeficientes de correlação estatisticamente significativos ($0,51 < r < 0,75$) com as escalas Beck (Ideação Suicida, Depressão, Desesperança e Ansiedade). No presente estudo o inventário apresentou consistência interna excelente ($\alpha=0,92$).

3.3.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa

Como referido previamente, foram utilizadas duas estratégias de busca de participantes. Na primeira (subamostra geral), o contato com os potenciais participantes foi feito por meio do “método bola de neve” (amostragem não probabilística), com envio de mensagens em redes sociais, aplicativos de comunicação e por *email*. Os critérios de inclusão para inclusão dos indivíduos na pesquisa foi: consentir a participação na primeira página do formulário online; apresentar idade entre 18 e 29 anos; ser natural do Brasil; e ter acesso à *internet* (via *smartphone*, computador pessoal ou outros dispositivos), possibilitando o preenchimento do formulário.

A segunda estratégia de coleta de dados foi conduzida na Universidade Federal da Bahia (Campus Vitória da Conquista), sob coordenação da Profa. Dra. Edi Cristina Manfroi e da psicóloga Fernanda David Vieira, e compôs um estudo maior desenvolvido por

pesquisadoras dessa instituição. Nessa coleta de dados, graduandos voluntários de iniciação científica, previamente treinados pelas pesquisadoras responsáveis, visitaram as salas de aulas e fizeram o convite aos alunos. As permissões para interrupção das aulas já haviam sido concedidas pelos professores à pesquisadora responsável. Nessas visitas foram coletados os emails pessoais dos alunos e, concomitantemente, foram enviados os *links* para preenchimento dos formulários. Os procedimentos de pesquisa obedeceram aos critérios da Ética na pesquisa com seres humanos conforme resolução do Conselho Nacional de Saúde (nº 196/96).

3.3.5 Análise dos Dados

Os dados na coleta de dados foram analisados no programa SPSS 18.0® (*Statistical Package for Social Sciences* 18.0). A princípio foram conduzidas análises com os dados obtidos na amostra total, sendo que a primeira delas visou a verificação da normalidade dos dados. Foram consideradas normais as variáveis cujos testes de *Shapiro-Wilk* apresentaram valores de *p* superiores a 0,001, diante da possibilidade de exagero da probabilidade de cometer um erro do tipo II em amostras superiores a 500 (Miot, 2017). Juntamente ao SW foram empreendidas análise da assimetria, via cálculo da razão entre o coeficiente de assimetria e seu erro padrão. Foram considerados indicadores de distribuição normal valores entre -1,96 e +1,96 (Miot, 2017).

A partir da verificação da normalidade dos dados, foram empreendidas análises de comparações entre grupos. Tal procedimento visou identificar associações entre as variáveis sociodemográficas entre si e entre estas e o desempenho da amostra geral nos instrumentos aplicados. Nas comparações entre dois ou mais grupos em variáveis categóricas foram empreendidas análises de qui-quadrado. Nas análises entre dois grupos em variáveis intervalares optou-se pela utilização do teste *t* para amostras independentes, sendo a decisão pela estatística paramétrica tomada à revelia da distribuição das variáveis. Tal escolha se baseia no teorema central do limite, que sustenta que em grandes amostras (como no caso do presente estudo, com *N* de 563), a distribuição amostral da média se aproxima da distribuição normal (Dancey & Reidy, 2011).

Em contraponto, previamente à utilização da estatística paramétrica nas comparações entre três grupos foi necessário verificar duas suposições: a homogeneidade das variâncias (teste de *Levene* com $p > 0,05$) e distribuição normal dos resíduos (teste de *Kolmogorov-*

Smirnov com $p > 0,05$). Nos casos em que tais suposições não foram cumpridas, utilizou-se a estatística não paramétrica correspondente (teste de *Kruskal-Wallis*).

Considerando que o tamanho amostral é a característica amostral que mais afeta os valores de p (Espírito-Santo & Daniel, 2015) e que o presente estudo apresenta grande tamanho amostral, também foram conduzidas análises para verificar o tamanho do efeito das diferenças estatisticamente significativas. Nas análises de qui-quadrado utilizou-se o V de Cramer, estatística adequada para casos nas quais as variáveis dependentes são dicotômicas ou categóricas, considerando pequenos os V s entre 0,1 e 0,29; médios entre 0,3 e 0,49 e grandes acima de 0,5 (Cohen, 1988). O d de Cohen foi utilizado na verificação do tamanho do efeito das diferenças nos testes t para amostras independentes, sendo considerados os seguintes critérios: $|0,2|$ a $|0,4|$ pequeno; $|0,5|$ a $|0,7|$ médio; maior que $|0,8|$ grande (Cohen, 1988).

Nas comparações entre três ou mais grupos com variáveis dependentes não categóricas, utilizou-se do cálculo da probabilidade de superioridade (PS; Grissom & Kim, 2005) a fim de auxiliar na interpretação dos resultados dos testes de *Kruskal-Wallis*. O resultado do cálculo da PS indica a probabilidade um valor retirado aleatoriamente do grupo a ser superior a um valor retirado aleatoriamente do grupo b . Assim, valores mais próximos de 1 indicam maior tamanho de efeito (Grissom & Kim, 2005; Espírito-Santo & Daniel, 2015). Por fim, na interpretação dos coeficientes de correlação foram utilizados como referência os critérios de interpretação de Cohen (1988, apud Espírito-Santo & Daniel, 2017): pequena: 0,1 a 0,29; moderada: 0,3 a 0,49; grande $> 0,5$.

Em sequência, visando a identificação de perfis diferentes na percepção de AE, foram conduzidas análises de perfis latentes (*latent profile analysis*; LPA) com as subescalas do IDEA. A análise de perfis latentes (LPA) foi utilizada com o objetivo de identificar classes latentes baseando-se nas características dos indivíduos em cada subescala. A LPA é um tipo de Modelo de Mistura Gaussiano, que classifica os indivíduos probabilisticamente em subpopulações (ou perfis) representadas através de uma variável categórica. Dessa maneira considera-se que, em cada uma das variáveis (subescalas), a distribuição observada dos valores pode ser o resultado da mistura de duas ou mais subpopulações desconhecidas (Berlin, Williams, & Parra, 2014). Na determinação da quantidade de perfis foram utilizados o Teste da Razão da Verossimilhança e os Critérios de Informação *Bayesiano* (BIC) e de Verossimilhança Completa Integrada (ICL) (descritos na seção Resultados).

A partir da LPA foram conduzidas novas verificações da normalidade das demais variáveis, separando por subgrupos, seguidas de análises descritivas das variáveis

sociodemográficas e dos demais instrumentos aplicados. Por fim, considerando os resultados dos testes de normalidade, foram realizadas análises de correlação (separadas por perfil) e de comparação entre grupos com o intuito de verificar diferenças entre os subgrupos nas variáveis demográficas e nos instrumentos referidos acima. A fim de verificar se as mudanças nos coeficientes de correlação foram significativas, os resultados foram analisados a partir da equação para comparação de correlações de amostras independentes (Espírito-Santo & Daniel, 2017). Resultados superiores a $|1,96|$ foram considerados significativos, enquanto valores superiores a $|2,58|$ foram considerados muito significativos (J. Cohen & Cohen, 1983; apud Espírito-Santo & Daniel, 2017).

3.4 Resultados

3.4.1 Análises com a amostra geral

3.4.1.1 Verificação da normalidade dos dados

A normalidade das distribuições das variáveis não categóricas (idade, quantidade de moradores no domicílio, renda e escores na DASS-21, FSII-Br e Escala de Positividade) foi verificada via teste de *Shapiro-Wilk* ($\alpha=1\%$) e análise das assimetrias (produto da razão entre o coeficiente e o erro padrão). Para todas as variáveis, os valores de p dos testes de *Shapiro Wilk* foram inferiores a 0,01, levando à rejeição da hipótese nula de normalidade. Tais resultados foram endossados pela análise dos produtos da razão entre os coeficientes de assimetria e seus respectivos erros padrão. Apenas a variável “sintomas de estresse da DASS-21” apresentou razão dentro dos limites utilizados como referência (valor de 1,84). Dessa forma, será necessário conduzir análise de correlação não paramétrica (*Spearman*), além de verificar os pressupostos anteriormente indicados antes de conduzir análises paramétricas de comparação entre grupos (exceto teste t).

3.4.1.2 Comparações entre grupos

Com o intuito de aperfeiçoar e aumentar a comparabilidade dos resultados das análises entre grupos, optou-se pelo reagrupamento de algumas das variáveis sociodemográficas (Vide Tabela 2, Apêndice 1). A primeira delas foi “orientação sexual”, na qual foram reunidos no subgrupo LGBTs (n=107) os participantes que indicaram serem homossexuais, bissexuais ou

outras orientações. Nesse caso também foram excluídas seis pessoas (n total de 557) das análises, pois as mesmas preferiram não informar suas orientações sexuais. Também foram excluídas das comparações de gênero duas pessoas que informaram ter gênero distinto de feminino e masculino (n total de 561).

Nas comparações entre participantes com diferentes estados civis, optou-se pelo agrupamento dos indivíduos casados e aqueles que moram junto de seus parceiros (n=56), com exclusão de um participante separado (n total de 562). Em relação a “com quem mora”, empreendeu-se a dicotomização da variável, agrupando os indivíduos que moram com familiares (qualquer tipo de configuração; n=293) com os demais (que moram sozinhos, com parceiros, colegas, entre outros; n=270). Quanto à escolaridade atual, foram excluídos os quatro participantes cursando ensino médio ou fazendo pré-vestibular e optou-se pelo agrupamento daqueles que estão fazendo curso técnico ou graduação (n=461) em comparação ao subgrupo formado pelos graduados (n=47) e pós-graduandos (n=47) (n total do subgrupo=94).

Com relação ao status ocupacional, foram formados três grupos, sendo que um deles é composto pelos participantes que já trabalharam, mas que não estavam no momento da pesquisa (n=192), independente de estarem procurando trabalho ou não. Considerando a classificação do nível socioeconômico, optou-se pela divisão em três estratos: superior (A e B1; n=156), médio (B2 e C1; n=307) e inferior (C2, D e E). Na variável “principal responsável pelos gastos da casa”, as sete respostas possíveis foram reorganizadas em três: próprio participante (n=55), pais/familiares/marido (n=264) e todos (n=244). Por fim, com relação ao “principal responsável pelos gastos pessoais” também optou-se pelo reagrupamento em três categorias, sendo elas: próprio participante (n=252), pais/pai/mãe (n=299) e todos/marido/outros (n=12).

A Tabela 3 (Apêndice 1) apresenta as estatísticas descritivas dos desempenhos dos participantes nos quatro instrumentos aplicados (IDEA, DASS-21, FSII-Br e EP), agrupados de acordo com as 12 variáveis qualitativas. No caso dos agrupamentos com dois subgrupos, foram apresentadas as médias e desvios-padrão, enquanto nos casos com três subgrupos optou-se pela apresentação dos valores correspondentes aos percentis 25, 50 e 75 e a distância interquartílica. Tais decisões foram tomadas considerando a utilização de estatística paramétrica de comparação entre amostras no primeiro caso (dois subgrupos) e não paramétrica no segundo caso (três subgrupos).

As primeiras comparações foram conduzidas a partir da proveniência do participante (amostra geral X UFBA). Verificou-se a presença significativamente maior do que a esperada

de participantes casados [$\chi^2(1)=18,3$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2], com filhos [$\chi^2(1)=6,8$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1], com diagnósticos de transtornos mentais [$\chi^2(1)=4,9$; $p<0,05$; V de Cramer=0,2], e que moram com familiares [$\chi^2(1)=35,1$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3] na amostra geral.

Também foram encontrados na amostra geral: menor número de graduandos e maior número de graduados e pós graduandos [$\chi^2(2)=186,4$; $p<0,001$; V de Cramer=0,6], mais indivíduos nas classes A e B1 e menos nos níveis C2, D e E [$\chi^2(1)=35,1$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3], mais jovens trabalhando e menos que nunca trabalharam [$\chi^2(2)=182,2$; $p<0,001$; V de Cramer=0,6] e mais participantes responsáveis pelos próprios gastos e menos cujos pais pagam suas despesas [$\chi^2(1)=29,5$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. Análises de comparação de dois grupos (teste t para amostras independentes) evidenciaram que a amostra geral apresenta maiores renda familiar ($t=8,2$; $df=561$; $p<0,001$; $d=0,7$) e idade ($t=10,4$; $df=340,4$; $p<0,001$; $d=1,13$), e menores escores na dimensão do IDEA “Foco em outros” ($t=-2,3$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$) e na subescala de ansiedade da DASS-21 ($t=-2,2$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$).

Considerando o gênero dos participantes, entre as mulheres foram maiores as frequências de TMs autorreferidos [$\chi^2(1)=13,6$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2], de graduadas e pós graduadas [$\chi^2(2)=7,8$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1] e mais estão trabalhando atualmente [$\chi^2(2)=13,3$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. As mulheres apresentaram escores maiores em três dimensões do IDEA (“Exploração de identidade”: $t=2,6$ e $d=0,2$; “Negatividade/Instabilidade”: $t=3,7$ e $d=0,3$; “Ambivalência”: $t=2,2$ e $d=0,2$; sendo 559 os graus de liberdade e o $p<0,05$ em todas as diferenças) e na escala total ($t=2,4$; $df=559$; $p<0,05$; $d=0,2$). Também foram maiores na subamostra feminina os escores no FSII-Br ($t=2,2$; $df=267,2$; $p<0,05$; $d=0,3$), na DASS total ($t=4,1$; $df=559$; $p<0,001$; $d=0,4$) e em todas as subescalas (Depressão: $t=2,1$ e $d=0,2$; Ansiedade: $t=3,99$ e $d=0,3$; Estresse: $t=5,5$ e $d=0,5$; sendo 559 os graus de liberdade e o $p<0,001$ em todas as diferenças). A única variável na qual os homens apresentaram escore médio estatisticamente superior foi a “Escala de Positividade” ($t=-2,6$; $df=559$; $p<0,05$; $d=-0,2$).

Quando comparados participantes heterossexuais e LGBTs ($n=557$), também foram identificadas várias diferenças com significância estatística. Entre a subamostra LGBT, foram mais frequentes indivíduos com TMs [$\chi^2(1)=16,9$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2], maiores escores na DASS-21 (Depressão: $t=-4,5$ e $d=-0,4$; Ansiedade: $t=-3,04$ e $d=0,3$; Estresse: $t=-2,8$ e $d=-0,2$; Total: $t=-3,9$ e $d=-0,3$; sendo 555 os graus de liberdade e o $p<0,05$ em todas as diferenças) e no FSII-Br ($t=-6,3$; $df=555$; $p<0,001$; $d=-0,5$), e menor desempenho na “Escala de Positividade” ($t=5,5$; $df=555$; $p<0,001$; $d=0,5$). Os participantes LGBTs também

apresentaram maiores médias em “Negatividade/Instabilidade” ($t=-4,33$; $df=555$; $p<0,001$; $d=-0,4$) e no IDEA total ($t=-2,9$; $df=180,3$; $p<0,05$; $d=-0,4$).

Em relação ao estado civil, verificou-se frequência observada maior do que a esperada de participantes com filhos entre os casados ou que moram junto aos parceiros [$\chi^2(1)=13,9$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. No subgrupo “Solteiros” foram encontradas maiores frequências de participantes: graduandos [$\chi^2(1)=47,3$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3], morando com familiares [$\chi^2(2)=4,1$; $p<0,05$; V de Cramer=0,2], tendo as contas pessoais pagas pelos pais [$\chi^2(2)=19,8$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2] e que nunca trabalharam [$\chi^2(2)=23,4$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. Também verificou-se que os casados/coabitando são mais velhos ($t=-7,4$; $df=560$; $p<0,001$; $d=-0,6$), possuem maior renda média ($t=-2,1$; $df=560$; $p<0,05$; $d=-0,2$) e maiores escores na Escala de Positividade ($t=-5,01$; $df=83,1$; $p<0,001$; $d=-1,1$). Diferenças interessantes foram verificadas no IDEA, sendo que os participantes solteiros apresentaram maiores escores em “Negatividade/Instabilidade” ($t=2,33$; $df=560$; $p<0,05$; $d=0,2$) e “Ambivalência” ($t=2,8$; $df=61,7$; $p<0,05$; $d=0,7$), enquanto os casados apresentaram escores superiores em “Foco em si mesmo” ($t=-2,5$; $df=560$; $p<0,05$; $d=-0,2$) e “Foco em outros” ($t=-2,9$; $df=77,5$; $p<0,05$; $d=-0,7$). Os solteiros também apresentaram maiores pontuações na subescala de sintomas depressivos ($t=3,4$; $df=80,9$; $p<0,05$; $d=0,8$) e na DASS-21 total ($t=2,2$; $df=560$; $p<0,05$; $d=0,2$), juntamente a maior ideação suicida ($t=2,9$; $df=77,8$; $p<0,05$; $d=0,7$).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com e sem filhos, sendo que entre os primeiros há menor número de graduandos [$\chi^2(2)=10,6$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1], mais responsáveis pelos próprios gastos [$\chi^2(2)=10,1$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1], e mais participantes trabalhando e menos que nunca trabalharam [$\chi^2(2)=7,6$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1]. Os participantes com filhos também são mais velhos ($t=-3,9$; $df=561$; $p<0,001$; $d=-0,3$) e apresentaram mais sintomas depressivos ($t=-2,4$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$), ansiosos ($t=-2,2$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$) e de estresse ($t=-2,6$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$). No IDEA, esse subgrupo também apresentou maior escore em “Foco em Outros” ($t=-2,3$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,2$) e menor em “Experimentação/Possibilidades” ($t=2,97$; $df=561$; $p<0,05$; $d=0,3$).

Quando considerado a presença de diagnóstico de transtornos mentais (TMs), foram encontradas diferenças no sentido esperado na DASS-21, tendo os participantes com TM apresentado maiores escores em todas as subescalas (Depressão: $t=-4,4$, $df=182,9$, $p<0,001$ e $d=-0,7$; Ansiedade: $t=-5,9$, $df=173,7$, $p<0,001$ e $d=-0,9$; Estresse: $t=-5,1$, $df=561$, $p<0,001$ e $d=-0,4$) e na escala total ($t=-5,97$; $df=561$; $p<0,05$; $d=-0,5$). Também foram verificados maiores escores em “Negatividade/Instabilidade” ($t=-3,8$; $df=242,4$; $p<0,001$; $d=-0,5$) e na

escala de ideação suicida ($t=-6,3$; $df=155$; $p<0,001$; $d=-1,01$) nesse subgrupo, juntamente a menor positividade ($t=4,4$; $df=167$; $p<0,001$; $d=0,7$).

Entre os participantes que moram com familiares, maior número trabalha atualmente [$\chi^2(2)=8,3$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1] e tem os gastos da casa sob responsabilidade dos pais [$\chi^2(2)=19,5$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. Também foi verificada idade média maior ($t=2,3$; $df=561$; $p<0,05$; $d=0,2$) e maior foco em si mesmo ($t=2,5$; $df=561$; $p<0,05$; $d=0,2$) entre os participantes que moram com a família.

Quando os participantes são comparados considerando o principal responsável pelos gastos da casa, verificou-se que aqueles que são provedores principais da casa são mais velhos [$\chi^2(2)=6,9$; $p<0,05$; PS=40%], possuem maior renda [$\chi^2(2)=17,9$; $p<0,001$; PS=70%] e também são mais responsáveis pelos próprios gastos [$\chi^2(4)=68,7$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3]. Agrupando de acordo com o principal responsável pelos gastos pessoais, aqueles cujos pais pagam suas despesas são mais novos [$\chi^2(2)=42,6$; $p<0,001$; PS=40%], têm menor renda familiar [$\chi^2(2)=9,6$; $p<0,05$; PS=60%] e menores escores na dimensão “Foco em si mesmo” do IDEA [$\chi^2(2)=8,7$; $p<0,05$; PS=40%] do que os participantes que pagam suas próprias despesas. Por fim, a frequência de indivíduos que nunca trabalharam é maior no grupo no qual os pais pagam as despesas pessoais [$\chi^2(4)=87,4$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3].

Considerando a escolaridade, verificou-se que o subgrupo de graduandos é mais novo [$\chi^2(2)=164,2$; $p<0,001$; PS=90%], tem renda familiar menor [$\chi^2(2)=47,9$; $p<0,001$; PS=70%] e apresenta maior intensidade de sintomas ansiosos [$\chi^2(2)=15,7$; $p<0,05$; PS=40%], de estresse ansiosos [$\chi^2(2)=11,1$; $p<0,05$; PS=40%] e sintomas em geral [DASS-21 total: $\chi^2(2)=10,7$; $p<0,05$; PS=40%]. Enquanto a frequência de graduandos com NSE mais alto (A e B1) é menor, há maior quantidade de participantes cursando graduação nos níveis 2 (B2 e C1) e 3 (C2, D e E) [$\chi^2(4)=39,2$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2]. Entre os graduandos também foram maiores as frequências de “nunca trabalhou” e “já trabalhou, mas não trabalha atualmente” [$\chi^2(4)=125,6$; $p<0,001$; V de Cramer=0,3] e maior a frequência de participantes cujos gastos pessoais são pagos pelos pais [$\chi^2(4)=35,8$; $p<0,001$; V de Cramer=0,2].

Agrupando os participantes em relação ao seu nível socioeconômico, identificou-se que quando comparados com o nível mais baixo (C2, D e E), o nível 1 (A e B1) apresenta escores maiores nas dimensões “Exploração de Identidade” [$\chi^2(2)=8,4$; $p<0,05$; PS=40%] e “Experimentação/Possibilidades” [$\chi^2(2)=6,6$; $p<0,05$; PS=40%]. Os participantes classificados nos níveis B2 e C1 apresentaram maior intensidade de sintomas depressivos do que os no nível 1 [$\chi^2(2)=7,3$; $p<0,05$; PS=60%]. Entre os participantes com menor NSE foram mais frequentes aqueles responsáveis pelos gastos da casa, enquanto os pais são mais responsáveis

no nível 1e no nível 2 há maior frequência de casos onde todos contribuem de forma semelhante [$\chi^2(4)=21,8$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1].

Por fim, também foram encontradas diferenças entre os participantes que estão trabalhando atualmente, que já trabalharam (mas não no momento), e aqueles que nunca trabalharam. A média de idade é maior entre os que trabalham [$\chi^2(2)=98,2$; $p<0,05$], sendo a PS igual a 30% na comparação com quem já trabalhou e de 20% com quem nunca teve trabalho remunerado. Os participantes com trabalho remunerado atual apresentam maior renda familiar que os demais [$\chi^2(2)=33,4$; $p<0,05$], com PS de 30% e 40% nas comparações com aqueles nunca trabalharam e que já trabalharam, respectivamente. Por fim, os participantes sem experiência de trabalho apresentaram maiores escores na dimensão “Ambivalência” quando comparados aos demais [$\chi^2(2)=11,4$; $p<0,05$], com PS de 40% em ambas as comparações.

3.4.1.3 Correlações entre as variáveis

Na Tabela 4 (Apêndice 1) estão apresentados os coeficientes de correlação (de *Spearman*) entre todas as variáveis investigadas. Considerando a quantidade elevada de coeficientes que fogem ao objetivo central do presente trabalho, serão apresentados a seguir (e discutidos posteriormente) apenas aqueles que se associam às seguintes hipóteses: idade e renda familiar se associariam positivamente às dimensões da AE; idade estaria positivamente associada à dimensão “foco em outros”; as dimensões “negatividade/instabilidade” e “ambivalência” apresentariam correlações positivas com os sintomas e ideação suicida e negativas com orientação positiva; as demais dimensões do IDEA se correlacionariam com sintomas psicopatológicos e ideação suicida, mas os coeficientes (positivos ou negativos) teriam magnitudes menos expressivas; orientação positiva se associaria positivamente as dimensões do IDEA (exceto “negatividade/instabilidade” e “ambivalência”).

Contrariando o esperado, a idade dos participantes apresentou correlações com significância estatística, mas de magnitude pequena com três subescalas do IDEA. Também não foram encontradas as associações esperadas entre a renda familiar e a percepção da AE. Em consonância com as hipóteses iniciais, a dimensão “Negatividade/Instabilidade” apresentou coeficientes de correlação positivos com as escalas de sintomas e com ideação suicida, tendo os mesmos variado entre 0,3 e 0,5 ($p<0,001$). Essa subescala também se correlacionou negativamente com a Escala de Positividade ($\rho=-0,4$; $p<0,001$). A subescala

“Ambivalência” também correlacionou positivamente a sintomas de estresse e com a DASS-21 total, mas os coeficientes foram pequenos ($\rho=0,1$; $p<0,05$).

Foram encontrados coeficientes de correlação estatisticamente significativos (positivos e negativos) entre as demais dimensões do IDEA e os instrumentos de saúde mental, mas os coeficientes foram pequenos. “Exploração de identidade” e o “IDEA Total” associaram-se positivamente com a DASS-21, contudo os coeficientes foram pequenos ($\rho\leq 0,2$; $p<0,05$). “Experimentação/Possibilidades” associou-se negativamente com todas as subescalas e escala total da DASS-21 e com a escala de ideação suicida, enquanto “Foco em si mesmo” associou-se ao estresse e à DASS-21 total. Entretanto, em todos os casos os coeficientes foram pequenos ($\rho\leq -0,2$; $p<0,05$). Destacam-se, por fim, as correlações positivas entre a Escala de Positividade e quatro subescalas do IDEA. Enquanto a associação com “Experimentação/Possibilidades” foi moderada ($\rho=0,3$; $p<0,001$), os coeficientes com “Foco em si mesmo” e “Foco em outros” foram pequenos ($\rho=0,2$; $p<0,001$).

3.4.2 Análises de perfis latentes (*latent profile analysis*)

3.4.2.1 Análises descritivas

Preliminarmente foram empreendidas análises descritivas (médias, desvios-padrão, medianas, mínimos e máximos, assimetrias e curtoses; Tabela 5) e gerados gráficos de dispersão das subescalas e escala total do IDEA (Figuras 1 e 2). Os dados apresentam acentuada assimetria com cauda à esquerda (os coeficiente de assimetria são negativos) e com a maior parte das observações acumuladas nos escores elevados (mediana é maior do que a média em todas as variáveis). O conjunto dos dados possui um afunilamento maior do que a distribuição normal (curtose positiva, exceto para a subescala “Foco em outros”).

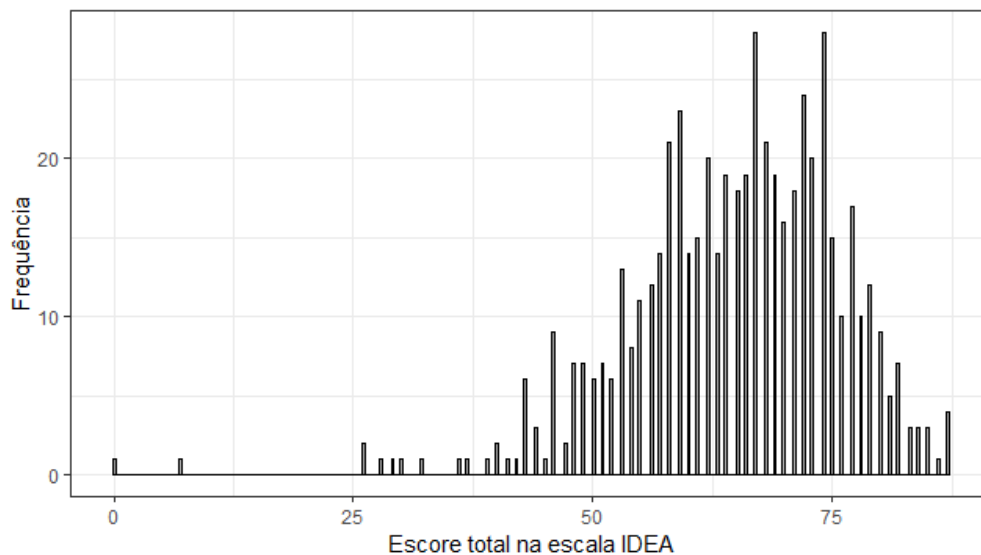
Tabela 5. Estatísticas descritivas das subescalas e escala total do IDEA

	Média	DP	Mediana	Min	Max	Assimetria	Curtose
Exploração de Identidade	12	2,97	13	0	15	-1,09	1,08
Experimentação/ Possibilidades	6,9	1,8	7	0	9	-0,79	0,44
Negatividade/ Instabilidade	15,1	4,1	15	0	21	-0,86	0,65
Foco em si mesmo	17,8	4,1	18	0	24	-0,79	1,03

Ambivalência	9,2	2,7	10	0	12	-1,02	0,9
Foco em outros	3,8	1,5	4	0	6	-0,25	-0,41
IDEA Total	64,9	11,3	66	0	87	-1,02	2,91

A Figura 1 apresenta graficamente a distribuição de frequência dos escores totais do inventário (IDEA Total). Destacam-se duas observações discrepantes, com escores abaixo de oito. O teste *Shapiro-Wilk* (Vide Tabela 6) mostra evidência significativa para a rejeição da hipótese da normalidade da distribuição dessa variável ($w=0,952$; $p<0,001$). A identificação de diferentes picos de alta frequência no gráfico do IDEA total (Figura 1) e a acentuada assimetria das subescalas representadas na Figura 2 sugerem a possibilidade, previamente hipotetizada, da presença de subgrupos (ou perfis) não observados no banco de dados¹. A existência desses perfis também pode contribuir para explicar especificidades nas associações entre as subescalas do IDEA e demais variáveis investigadas no estudo.

Figura 1. Gráfico de distribuição de frequência dos escores totais no IDEA

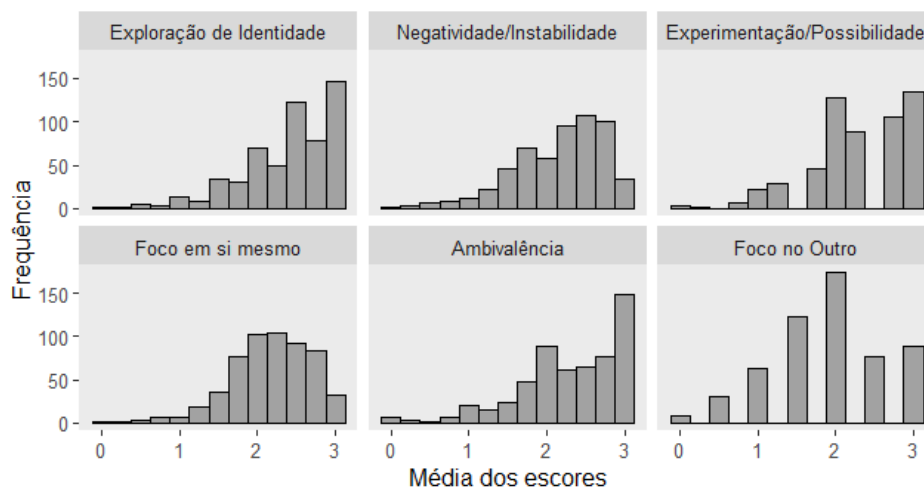


¹ Além disso, a maior frequência de observações no lado direito do gráfico pode ser indicio de uma baixa sensibilidade das escalas no caso de escores elevados.

Tabela 6. Teste de normalidade *Shapiro-Wilk* das variáveis

	Estadística <i>Shapiro-Wilk</i>	P-valor
Exploração de Identidade	0,880	2,2e-16
Experimentação/Possibilidades	0,903	2,2e-16
Negatividade/Instabilidade	0,941	3,816e-14
Foco em si mesmo	0,953	2,161e-12
Ambivalência	0,884	2,2e-16
Foco em outros	0,934	4,717e-15
IDEA Total	0,952	1,658e-12

Figura 2. Histogramas das médias dos escores nas subescalas do IDEA



3.4.2.2 Escolha do modelo e índices de qualidade de ajuste

Como apresentado previamente, a LPA tem por objetivo identificar classes latentes a partir de características dos indivíduos em determinadas variáveis. No caso do presente estudo, as classes foram determinadas a partir dos escores dos sujeitos das seis subescalas do IDEA. A LPA pode assumir diferentes características pressupostas para os perfis. O modelo mais geral é obtido considerando uma distribuição normal multivariada em que cada perfil latente possui seu próprio vetor de médias e variâncias, assim como sua própria matriz de covariância. Outros modelos mais restritivos, e consequentemente mais parcimoniosos, podem ser obtidos restringindo a variância e a matriz de covariância dos perfis. Por razões

práticas, os modelos sem restrição de variâncias não foram analisados aqui, uma vez que o algoritmo não convergiu para um resultado com dois ou mais perfis.

Uma abordagem para determinar o número adequado de perfis é o uso do teste da razão da verossimilhança, utilizado para comparar a qualidade do ajuste de diferentes modelos. O método permite testar uma hipótese nula de que a amostra é oriunda de uma distribuição de mistura com k_0 componentes contra uma hipótese alternativa de que a amostra é oriunda de uma distribuição com k_1 componentes. No entanto, neste caso, a razão da verossimilhança não apresenta a distribuição assintótica χ^2 usual (Schlattmann, 2005), o que impossibilita obter a significância estatística do ganho da verossimilhança. Sendo assim, foi empreendido o teste da razão da verossimilhança considerando a significância aproximada obtida pela técnica do *bootstrap* com 999 reamostragens (McLachlan, 1987).

A Tabela 7 mostra os resultados do teste e a significância aproximada para os modelos com covariâncias fixadas em zero, enquanto a Tabela 8 apresenta os mesmo resultados para os modelos com covariâncias iguais. Corroborando a literatura (Tagliabue *et al.*, 2016; Lactot & Poulin, 2017), os valores p sugerem ganhos estatisticamente significativos no ajuste dos modelos de dois a seis perfis, no primeiro caso, e dois a cinco perfis, no segundo.

Tabela 7. Teste de razão de verossimilhança considerando o modelo com variâncias iguais e covariâncias fixadas em zero

Incremento de perfis no modelo	LRTs	P-valor
1 vs 2	386,3797	0,001
2 vs 3	128,6231	0,001
3 vs 4	140,4294	0,001
4 vs 5	97,55377	0,001
5 vs 6	72,20543	0,001
6 vs 7	26,08689	0,003
7 vs 8	12,10697	0,091

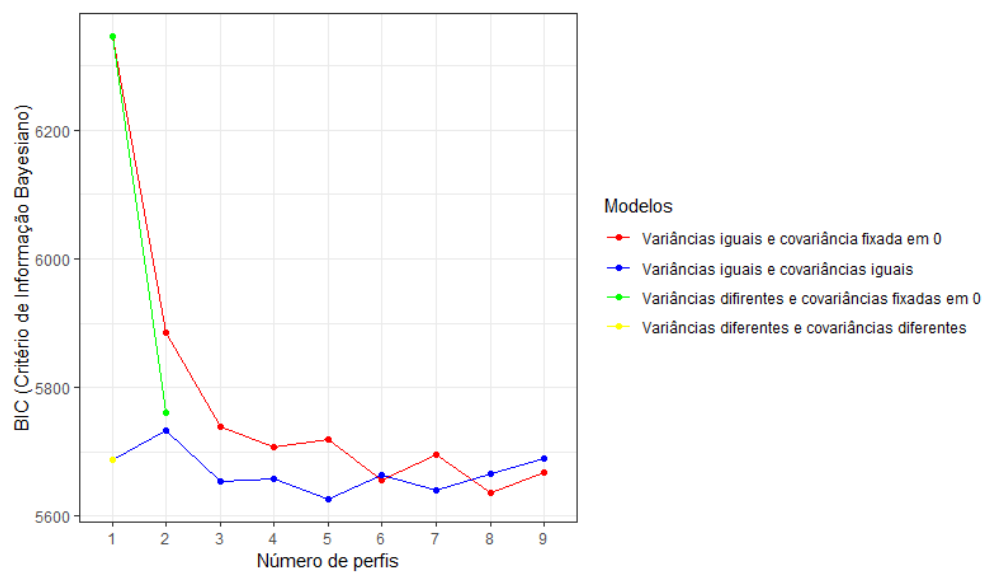
Tabela 8. Teste de razão de verossimilhança considerando modelo com variâncias iguais e covariâncias iguais

Incremento de perfis no modelo	LRTs	P-valor
1 vs 2	102,125	0,001

2 vs 3	20,161	0,050
3 vs 4	40,115	0,001
4 vs 5	14,083	0,183

Os gráficos das Figuras 3 e 4 mostram os valores do Critério de Informação Bayesiano (BIC) e do Critério de Verossimilhança Completa Integrada² (ICL) para os modelos de um a nove componentes, com e sem restrição na variância e covariância.

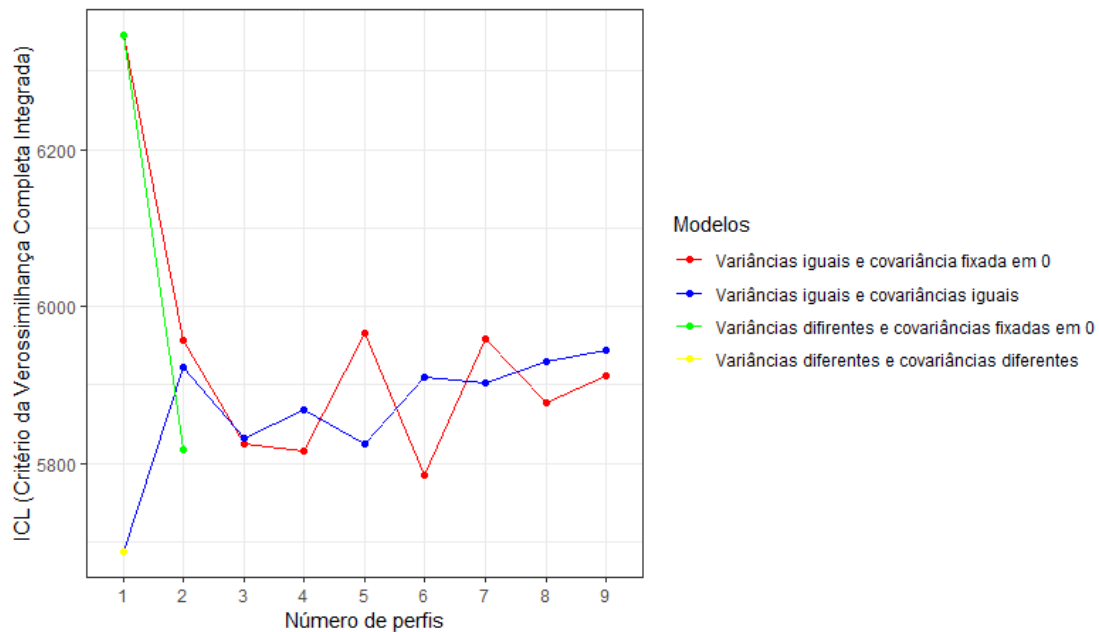
Figura 3. Comparação de modelos segundo o Critério de Informação Bayesiano (BIC)



A análise dos gráficos (Figuras 3 e 4) foi orientada pela identificação de quedas acentuadas nos valores do BIC e ICL, sugerindo melhoras significativas na qualidade do modelo. A curva do BIC sugere três perfis, tanto para o modelo com covariâncias fixadas em zero como para o modelo com covariâncias iguais. A partir disso (acima de três perfis), o ganho no BIC sofre apenas pequenas oscilações. A análise do ICL também sugere a existência de três perfis, uma vez que os valores deste critério começam a apresentar picos a partir desse ponto. No caso do primeiro modelo (variâncias iguais e covariância fixadas em zero), apesar da solução com quatro perfis apresentar desempenho ligeiramente melhor no BIC e ICL, esse ganho não acompanha a perda de parcimônia na adição de um perfil. Além disso, a quarta classe adicional seria composta de um número relativamente pequeno de casos ($n=24$), o que pode levar a baixo poder e baixa precisão aos resultados comparativamente a classes maiores (Berlin *et al.*, 2014).

²ICL penaliza o BIC em termos da entropia do *cluster*, o que ajuda na identificação de partições com clusters sobrepostos

Figura 4. Comparação de modelos segundo o Critério de Verossimilhança Completa (ICL)



No caso da solução com três perfis, o modelo de variâncias iguais e covariâncias fixadas em zero teve um melhor desempenho no critério ICL, além de compor uma solução mais parcimoniosa³: os perfis são estimados assumindo que as covariâncias das subescalas (dentro de cada perfil) devem ser iguais a zero e que as variâncias são idênticas entre os perfis. Disso resulta que as subescalas tenham a mesma distribuição, diferindo apenas em termos de sua média.

Diante de tais resultados, optou-se pela escolha do modelo com variâncias iguais e covariâncias fixadas em zero com três perfis. A média das probabilidades *a posteriori* (a probabilidade de uma dada observação ter sido gerada pela distribuição de mistura modelada, sendo 0 a incerteza absoluta e 1 a certeza absoluta) é de 0,936. Tal medida indica uma baixa zona de incerteza na classificação e sugerindo uma boa separabilidade dos perfis.

A fim de facilitar a comparação dos perfis, estão apresentadas nas Tabelas 9 e 10 as médias estimadas das variáveis (subescalas do IDEA) para cada perfil, assim como a estimativa do seu intervalo de confiança de 95% (obtido via *bootstrap* com 999 reamostragens). Tais informações também estão graficamente apresentadas na Figura 5, a partir da qual é possível verificar diferenças estatisticamente significativas nas médias dos três perfis nas subescalas de “Exploração de Identidade” e “Ambivalência”. Entre os perfis 2 e 3

³Esse tipo de restrição do modelo é útil porque minimiza o número de parâmetros que precisam ser estimados.

constatam-se diferenças também entre as demais subescalas, tendo o segundo maiores médias estimadas. O mesmo acontece quando comparados os perfis 1 e 3. Entretanto, na comparação gráfica entre os perfis 1 e 2, verifica-se sobreposição (ausência de diferença com significância estatística) nas demais subescalas (“Experimentação/Possibilidades”, “Negatividade/Instabilidade”, “Foco em si mesmo” e “Foco em outros”).

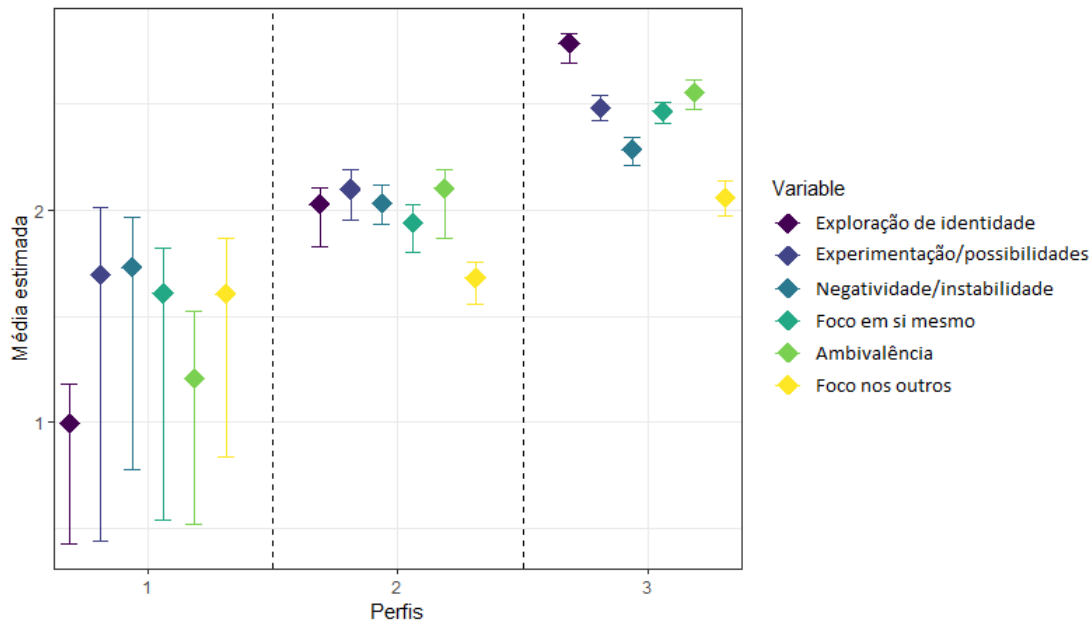
Tabela 9. Médias estimadas das variáveis em cada perfil

Subescala	Perfil		
	1	2	3
Exploração de Identidade	0,997	2,030	2,789
Experimentação/Possibilidades	1,698	2,099	2,485
Negatividade/Instabilidade	1,730	2,034	2,287
Foco em si mesmo	1,607	1,940	2,468
Ambivalência	1,207	2,103	2,558
Foco em outros	1,605	1,680	2,062

Tabela 10. Intervalo de confiança das médias de cada perfil obtido por *bootstrap* (999 reamostragens)

Dimensões (subescalas)	Perfil 1		Perfil 2		Perfil 3	
	LI	LS	LI	LS	LI	LS
Exploração de Identidade	0,464	1,185	1,831	2,107	2,692	2,837
Experimentação/Possibilidades	0,468	2,008	1,945	2,196	2,424	2,541
Negatividade/Instabilidade	0,699	1,966	1,936	2,121	2,214	2,351
Foco em si mesmo	0,575	1,818	1,814	2,032	2,416	2,512
Ambivalência	0,478	1,531	1,872	2,198	2,491	2,615
Foco em outros	0,803	1,881	1,567	1,758	1,970	2,141

Figura 5. Médias e intervalos de confiança das subescalas em cada perfil



3.4.2.3 Classificação das observações entre os perfis

Na classificação das observações foi utilizada a regra da máxima probabilidade, na qual cada observação é designada ao perfil com a maior probabilidade *a posteriori*, minimizando o número de classificações incorretas. Estimativas calculadas a partir dessa classificação devem, no entanto, ser analisadas com cautela uma vez que tratam o perfil latente (que conta com uma incerteza) como se fosse uma variável observada. A perda da incerteza da classificação pode introduzir erro e queda na precisão das estimativas. Para a análise descritiva dos perfis, a seguir, foram retiradas duas observações discrepantes, com escore no IDEA total inferior a 8, ambos pertencentes ao perfil 1.

A Figura 6 apresenta o gráfico de densidade estimada⁴ do escore total do IDEA para cada perfil, no qual fica evidenciada a existência de perfis com escores baixo, médio e alto no inventário. Pela estatística de *Shapiro-Wilk* (Tabela 11), considerando um nível de significância de 0,05, não há evidência para rejeitar a normalidade da distribuição dessa variável nos três perfis. As densidades estimadas das subescalas podem ser vistas na Figura 7.

⁴ Pelo método de núcleo (kernel)

Figura 6. Gráfico de estimativa de densidade do IDEA Total de cada perfil

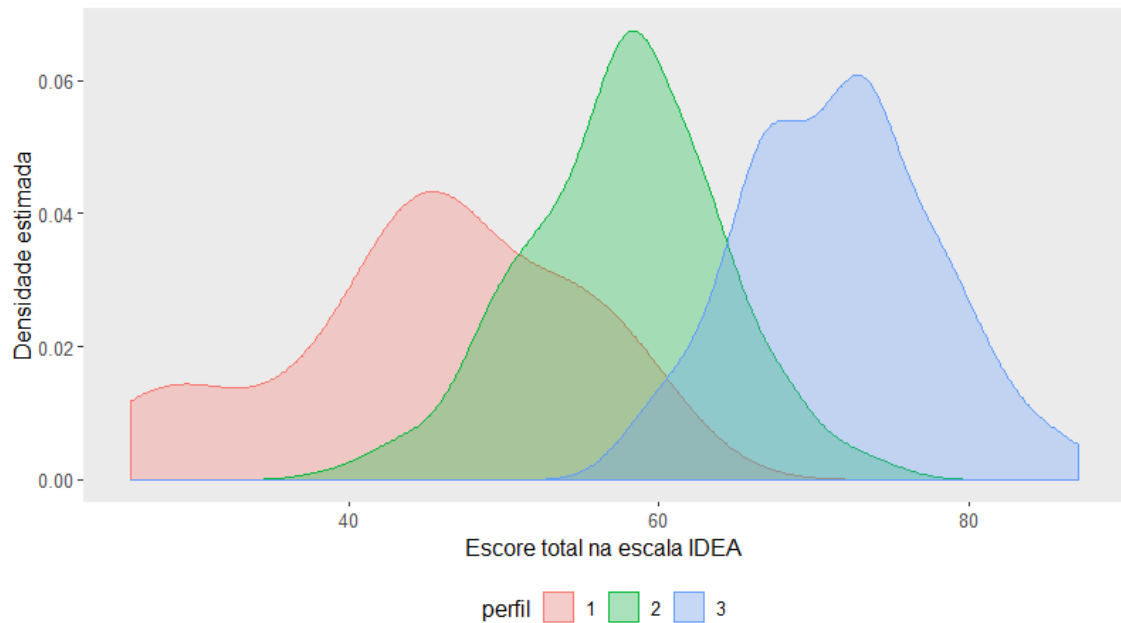
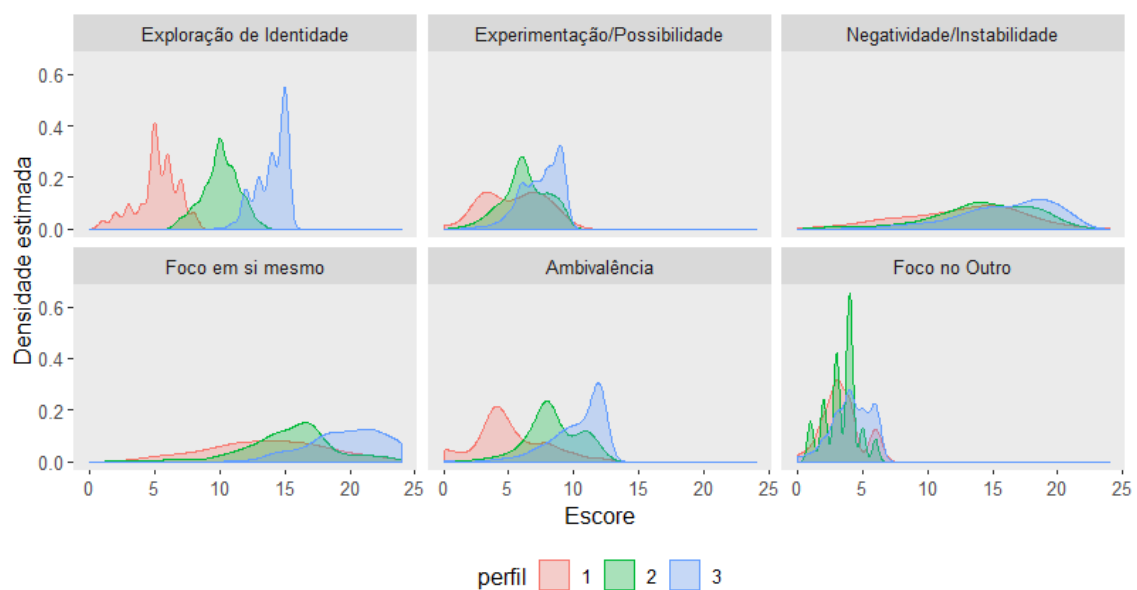


Tabela 11. Teste de normalidade *Shapiro-Wilk* do IDEA Total para cada perfil

	Estatística <i>Shapiro-Wilk</i>	P-valor
Perfil 1	0,947	0,064
Perfil 2	0,993	0,492
Perfil 3	0,992	0,082

Figura7. Gráfico de estimativa de densidades das subescalas do IDEA separadas por perfil



A análise do comportamento das subescalas aponta que os perfis são claramente distinguíveis em termos das variáveis “Exploração de Identidade” e “Ambivalência”, com algumas diferenças entre os perfis 2 e 3 em termos das variáveis “Foco em si mesmo” e “Experimentação/Possibilidades”. As variáveis “Foco em outros” e “Negatividade/Instabilidade” aparecem relativamente bem distribuídas em todos os perfis. As Tabelas 12, 13 e 14 apresentam as medidas de tendência central e dispersão das subescalas e escala total do IDEA dos perfis 1, 2 e 3, respectivamente.

Considerando os resultados encontrados por Lactot e Poulin (2017) e Tagliabue *et al.* (2016), os três perfis encontrados no presente estudo foram nomeados, em ordem numérica, de “transição bloqueada”, “transição moderada” e “período de transição”. No primeiro foram verificados escores baixos para todas as subescalas, com destaque para “ambivalência” e “exploração de identidade”. O segundo apresenta escores medianos em todas as subescalas, associados a baixo “foco em outros”. O terceiro perfil também apresenta na subescala “foco em outros” a menor média, e é denominado de “período de transição” por apresentar os escores médios estimados mais altos. De forma geral, pode-se pensar que a minoria da amostra ($n=39$; perfil 1) não se identifica de forma significativa com a adultez emergente, ao contrário dos outros dois perfis. Nesse sentido, destaca-se que, enquanto no primeiro grupo tem-se a média estimada da subescala “Foco em outros” próxima às demais subescalas, nos perfis “transição moderada” e “período de transição” percebe-se a confirmação do esperado teoricamente, de menor endosso dessa subescala em relação às demais (Reifmann *et al.*, 2007).

Com o intuito de complementar a caracterização dos subgrupos foram empreendidas análises do tamanho do efeito (d de Cohen) das diferenças dos desempenhos dos mesmos nas subescalas e no IDEA total (Tabela 15). Seguindo a análise dos gráficos de estimativa de densidade (Figura 7), as subescalas “Exploração de Identidade” ($-3,1 < d > -6,2$) e “Ambivalência” ($-0,9 < d > -2,2$) foram as que melhor diferenciaram os subgrupos, acrescidas da escala total ($-1,6 < d > -3,3$). Em relação às comparações par a par, os perfis “transição bloqueada” e “período de transição” apresentaram os maiores tamanhos de efeito, sendo todos grandes (exceto “Foco em outros”, com tamanho de efeito médio). “Transição moderada” e “período de transição” aparecem em sequência com maior quantidade de diferenças com tamanho de efeito grande. Nesse par, “Experimentação/Possibilidade”, “Negatividade/Instabilidade” e “Foco em outros” tiveram tamanho de efeito médio. Por fim, os perfis que se diferenciaram de forma menos robusta foram “transição bloqueada” e

“transição moderada”, com três diferenças com tamanhos de efeito pequenos (“Negatividade/Instabilidade”, “Foco *Self*” e “Foco em outros”).

Tabela 12. Estatísticas descritivas do perfil “Transição Bloqueada” (P1) no IDEA

Perfil “Transição Bloqueada”								
	n	Média	DP	Mediana	Min	Max	Assimetria	Curtose
Exploração de Identidade	39	5,21	1,61	5	1	8	-0,58	0,02
Experimentação/ Possibilidades	39	5,36	2,29	6	0	9	-0,14	-1,04
Negatividade/ Instabilidade	39	12,59	4,37	13	2	21	-0,43	-0,51
Foco em si Mesmo	39	13,69	4,43	14	5	22	-0,08	-0,69
Ambivalência	39	4,97	2,75	4	0	12	0,37	-0,05
Foco em outros	39	3,36	1,48	3	0	6	0,25	-0,27
IDEA Total	39	45,18	9,44	46	26	60	-0,43	-0,64

Tabela 13. Estatísticas descritivas do perfil “Transição Moderada” (P2) no IDEA

Perfil “Transição Moderada”								
	n	Média	DP	Mediana	Min	Max	Assimetria	Curtose
Exploração de Identidade	196	10,08	1,34	10	7	13	-0,22	-0,18
Experimentação/ Possibilidades	196	6,27	1,72	6	1	9	-0,28	-0,21
Negatividade/ Instabilidade	196	14,21	4,03	14	2	21	-0,77	0,45
Foco em si Mesmo	196	15,39	3,53	16	2	24	-0,52	1,33
Ambivalência	196	8,36	2,17	8	0	12	-0,58	1,05
Foco em outros	196	3,37	1,24	4	1	6	-0,12	-0,27
IDEA Total	196	57,68	6,33	58	39	75	-0,14	0,08

Tabela 14. Estatísticas descritivas do perfil “Período de Transição” (P3) no IDEA

Perfil “Período de Transição”								
	n	Média	DP	Mediana	Min	Max	Assimetria	Curtose
Exploração de Identidade	326	13,97	1,16	14	10	15	-0,84	-0,34
Experimentação/ Possibilidades	326	7,46	1,5	8	2	9	-0,87	0,38
Negatividade/ Instabilidade	326	16,03	3,75	17	0	21	-0,9	0,75

Foco em si mesmo	326	19,76	2,87	20	11	24	-0,48	-0,4
Ambivalência	326	10,26	2,11	11	0	12	-1,55	3,14
Foco em outros	326	4,11	1,47	4	0	6	-0,51	-0,23
IDEA Total	326	71,6	6,23	72	57	87	0,11	-0,37

Tabela 15. Tamanhos de efeito das diferenças entre os perfis nas variáveis não categóricas calculadas a partir das médias e desvios-padrão

IDEA	Tamanhos do efeito* (Interpretação)**		
	Bloqueada X Moderada	Bloqueada X P. de Transição	Moderada X P. de Transição
Exploração de Identidade	-3,3 (grande)	-6,2 (grande)	-3,1 (grande)
Experimentação/ Possibilidades	-0,5 (médio)	-1,1 (grande)	-0,7 (médio)
Negatividade/ Instabilidade	-0,4 (pequeno)	-0,9 (grande)	-0,5 (médio)
Foco em si mesmo	-0,4 (pequeno)	-1,6 (grande)	-1,4 (grande)
Ambivalência	-1,4 (grande)	-2,2 (grande)	-0,9 (grande)
Foco em outros	-0,01 (pequeno)	-0,5 (médio)	-0,5 (médio)
Total	-1,6 (grande)	-3,3 (grande)	-2,2 (grande)

* *d* de Cohen; **Segundo Cohen (1988); ¹ Os tamanhos de efeito foram calculados a partir das médias e desvios-padrão observados

3.4.3 Análises descritivas e inferenciais nas demais variáveis considerando os perfis

3.4.3.1 Verificação da normalidade dos dados

Como apresentado previamente, considerando a amostra total (N=563), as distribuições das variáveis não categóricas (idade, renda familiar e escores na DASS-21, FSII-Br, IDEA e Escala de Positividade) não são normais. Contudo, após a condução da LPA, faz-se necessário conduzir novos testes de normalidade a fim de verificar mudanças no padrão de distribuição das variáveis, como ocorreu com o IDEA (escala total), que apresentou distribuições normais quando considerados separadamente os três perfis.

A despeito do encontrado no IDEA, quando avaliadas as distribuições das demais variáveis entre perfis, verificou-se a manutenção da não normalidade. Os perfis 2 e 3 não apresentaram nenhuma variável com teste de SW com *p* valor superior a 0,01, enquanto apenas a subescala “Estresse” (DASS-21) apresentou razão entre assimetria e erro padrão na faixa previamente delimitada (produto da razão foi 1,2 para ambos os perfis). No perfil 1 verificou-se que os escores na Escala de Positividade e na subescala “Estresse” (DASS-21)

apresentaram p valores superiores a 0,01 no teste de *Shapiro-Wilk*, além de razões entre assimetria e erro padrão entre -1,96 e +1,96.

3.4.3.2 *Correlações entre as variáveis*

Como apontado previamente, acredita-se que a ausência de associações mais robustas entre a percepção de adultez emergente e os demais construtos avaliados nos instrumentos de autorrelato pode ser parcialmente explicada pela existência de subgrupos na amostra. Assim, fez-se necessário empreender análises de correlação entre as variáveis separadamente por cada perfil encontrado no LPA, juntamente à verificação de quão significativas foram tais mudanças (critérios descritos na seção Método). Cabe aqui destacar que, apesar de terem sido encontradas várias associações, dentre elas algumas com mudanças significativas nos coeficientes, serão apresentadas apenas aquelas que estão relacionadas às hipóteses já delineadas no método e na apresentação das correlações na amostra geral.

Considerando o perfil “transição bloqueada” (n=39), foram verificadas 24 mudanças nos coeficientes de correlação (em um total de 70 associações), sendo apenas seis delas significativas. Dentre essas, verificou-se aumento nas associações negativas entre “Experimentação/Possibilidades” e sintomas de estresse (-0,1 para -0,5; $p < 0,001$) e entre a dimensão “Foco em si mesmo” e sintomas depressivos, de estresse e com a escala total da DASS-21 (-0,1 para -0,5; $p < 0,001$ em todos os casos).

No perfil “transição moderada” (n=196) foram 28 alterações no total, das quais oito foram significativas. Nesse subgrupo ocorreram aumentos nas associações entre a dimensão “Foco em si mesmo” e a idade dos participantes (0,1 para 0,3; $p < 0,001$) assim como com sintomas depressivos (-0,1 para -0,3; $p < 0,001$). Também houve aumento na associação entre a dimensão “Negatividade/Instabilidade” e sintomas depressivos (0,4 para 0,6; $p < 0,001$) e ansiosos (0,3 para 0,5; $p < 0,001$). No perfil “período de transição” foram 18 mudanças nos coeficientes, sendo oito delas significativa. Contudo, todas elas diziam respeito ao grau de associação entre as subescalas do IDEA entre si, não havendo mudança significativa nas associações entre as dimensões da AE e os demais construtos.

3.4.3.3 *Comparações entre grupos*

Foram empreendidas análises de comparação entre grupos via qui-quadrado (variáveis qualitativas) e teste de *Kruskal-Wallis*. Diferentemente dos resultados encontrados nas

comparações entre a amostra total, foram verificadas apenas três diferenças com significância estatística entre os perfis da LPA: no nível socioeconômico [$\chi^2(4)=10,01$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1], no principal responsável pelos gastos pessoais [$\chi^2(4)=11,6$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1] e no status ocupacional [$\chi^2(4)=9,6$; $p<0,05$; V de Cramer=0,1] (Descritivas na Tabela 16). A análise do V de Cramer indica que todas as diferenças foram pequenas ($0,1<V<0,29$) (Cohen, 1988; apud Espírito-Santo & Daniel, 2017).

Em relação ao NSE, o perfil “período de transição” apresentou maior frequência de participantes nos níveis 1 e 2, contrapondo-se aos perfis “transição bloqueada” e “transição moderada”, cujos participantes foram classificados com maior frequência no nível 3. Também no subgrupo “período de transição” foram encontrados mais participantes responsáveis pelos próprios gastos, enquanto nos demais perfis a frequência foi maior de participantes cujos pais arcam com suas despesas pessoais.

Por fim, nos subgrupos “transição bloqueada” e “período de transição” foram mais frequentes os jovens que nunca trabalharam e menos frequentes os que já trabalharam, mas não trabalham atualmente. Esses dois subgrupos se diferem, entretanto, na quantidade de participantes que trabalham, que são em menor quantidade no primeiro subgrupo e maior no segundo. No subgrupo “transição moderada” tem-se maior frequência de participantes com experiência de trabalho, mas sem trabalho atual.

Tabela 16. Descritivas das variáveis que apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os perfis de AE

		Transição Bloqueada¹	Transição Moderada	Período de Transição
		(n=41)	(n=196)	(n=326)
NSE F (%)	Classes A e B1	8 (19,5)	52 (26,5)	96 (29,4)
	Classes B2 e C1	21 (51,2)	101 (51,5)	185 (56,7)
	Classes C2, D e E	12 (29,3)	43 (22)	45 (13,8)
	Total	41 (100)	196 (100)	326 (100)
Principal responsável pelos gastos pessoais F (%)	Próprio participante	12 (29,3)	81 (41,3)	159 (48,8)
	Pai/Mãe/Pais	26 (63,4)	111 (56,6)	162 (49)
	Todos/Marido/Outros	3 (7,3)	4 (2,1)	5 (1,5)
	Total	41 (100)	196 (100)	326 (100)
Status Ocupacional F (%)	Trabalhando	10 (24,4)	46 (23,5)	97 (29,8)
	Já trabalhou, mas não no momento	13 (31,7)	83 (42,3)	96 (29,4)
	Nunca trabalhou	18 (43,9)	67 (34,2)	133 (40,8)
	Total	41 (100)	196 (100)	326 (100)

¹Foram incluídos aqui os participantes com o IDEA<8 previamente excluídos das estatísticas de tendência central; ²Há um *missing* (n=41); ³Há 3 *missing* (n=196); ⁴Há 4 *missing* (n=326).

3.5 Discussão

O objetivo principal do presente estudo foi caracterizar a adultez emergente em uma amostra de jovens brasileiros, buscando verificar a existência de perfis de percepção sobre essa fase da vida. Entre os perfis, eram esperadas diferenças sociodemográficas e na intensidade de sintomas psicopatológicos. De forma simplificada, foram encontrados três perfis de adultez emergente que se aproximaram dos encontrados na literatura internacional. Dentre esses perfis foram encontradas diferenças relacionadas ao nível socioeconômico, responsabilidade com os gastos e situação ocupacional. Diferenças na intensidade de sintomas de ansiedade, depressão, estresse e ideação suicida foram encontradas quando os participantes foram comparados em outras características, tais como gênero, estado civil, orientação sexual, entre outras.

Previamente à discussão aprofundada dos resultados, mostra-se importante compreender as especificidades da amostra do estudo. Na caracterização amostral, a particularidade possivelmente mais importante e determinante para os resultados encontrados é a predominância de estudantes universitários ($n=459$; 81,5%), sendo que apenas 10 participantes (1,8%) não cursam ou cursaram graduação ou curso técnico.

Dados do último censo do ensino superior (MEC/INEP, 2018) indicam o predomínio das mulheres, maior número de alunos em instituições privadas, em cursos noturnos e idade média de matrícula de 24,3 anos ($DP=7,5$; para cursos presenciais). Informações complementares apontam que também há predominância de indivíduos solteiros, declaradamente brancos, que moram com os pais e que vem de famílias com renda de até 10 salários mínimos (Gisi, 2006).

Comparações entre o perfil acima apresentado e a amostra do presente estudo evidenciam semelhanças importantes. Verificam-se, entre os participantes, maiores frequências de mulheres ($n=416$; 73,9%) de indivíduos solteiros ($n=506$; 89,9%) e que moram com familiares (pais e outras configurações; $n=236$; 41,9%). Com relação às informações sobre renda e condições socioeconômicas, foram verificadas na amostra total rendas variando entre R\$954 a \$5724 por pessoa/mês, com média de R\$2289,60 ($M=2,4$; $DP=1,1$ salários mínimos/pessoa/mês). Esse valor médio é superior ao encontrado pelo IBGE em 2018 no território brasileiro (renda média per capita de R\$1373). Considerando que todos os participantes da amostra da UFBA moram em Vitória da Conquista ou em cidades baianas próximas, cabe compará-los à população da Bahia avaliada pelo IBGE. Em 2018, a renda *per*

capita mensal nesse estado foi de R\$841, correspondendo a 40% da renda média do subgrupo da UFBA no presente estudo (média de 2,2 salários mínimos, correspondendo a R\$2098,80).

Os dados sobre a renda média mensal por pessoa também encontram confirmação nas frequências dos níveis socioeconômicos, avaliados via Critério Brasil (ABEP, 2018). Enquanto que a maioria dos participantes do estudo (57%) foi classificada nos níveis B2 e C1, na população brasileira geral percebe-se a concentração em C2 e D-E (aproximadamente 55%) (ABEP, 2018). Outras características da amostra que podem estar associadas às questões socioeconômicas são o predomínio de participantes cujos pais são os principais responsáveis pelos pagamentos das contas da casa e das despesas pessoais do próprio. Também foi verificado que a maioria dos participantes ainda não possui experiência de trabalho (n=218; 38,7%), característica ainda mais presente entre os universitários (46,2%).

Pode-se afirmar que mudanças importantes têm ocorrido no Brasil quanto à ampliação do acesso da população ao ensino superior, tanto por meio de bolsas e financiamentos nas instituições privadas como aumento de cursos e vagas nas públicas (MEC/INEP, 2018; Silva & Veloso, 2013). Contudo, o perfil de matriculados e de concluintes nas instituições privadas e públicas evidencia que, para além da entrada, a permanência na universidade é marcada por desigualdades sociais e étnicas (Dutra-Thomé & Amazarray, 2018; Gisi, 2006). Os fatores socioeconômicos se mostram diretamente relacionados à evasão estudantil no ensino superior, juntamente à insatisfação com o curso (estrutura, metodologia, disciplinas) e falta de vocação. Contudo, os primeiros se mostram determinantes na medida em que influenciam outros fatores, como inadimplência, dificuldades relacionadas à localização da instituição e a condições de trabalho (Souza, Petró, & Gessinger, 2011). Também cabe ressaltar que a maior frequência de estudantes em cursos noturnos (MEC/INEP, 2018) aponta para um possível perfil de alunos que trabalham no contra turno das aulas.

Como já apresentado previamente, a universidade é “o ambiente da adultez emergente por excelência” (Arnett, 2016a, p.1) na medida em que proporciona ao estudante conhecer diferentes visões de mundo, explorar possibilidades, desenvolver habilidades que serão requisitadas no mercado de trabalho e conhecer pessoas experimentando momentos de vida similares. De forma simplificada, Arnett (2016a) acredita que a universidade é local propício para crescimento pessoal, intelectual e social. Estatísticas educacionais norte-americanas apontam para aumento crescente da população universitária, influenciada pelas mudanças econômicas do início do século 20 (baseada em agricultura e manufatura para uma economia baseada em conhecimento). Apesar de tal cenário, também ficam evidentes singularidades na população universitária norte-americana, que tem maioria feminina e branca. Além disso,

metade dos universitários no EUA faz cursos de dois anos (a outra metade cursam quatro anos), sendo que entre os primeiros são mais velhos e há maior frequência de minorias, de indivíduos que trabalham e que moram fora do campus (Arnett, 2016a).

Dessa forma, é necessário considerar que o recorte amostral influencia diretamente na verificação da adultez emergente nessa faixa etária, na medida em que atingir e permanecer na universidade estão associados a melhores condições socioeconômicas. É possível que os participantes avaliados provenham de famílias cujos pais também têm maior escolaridade, o que estaria associado, juntamente à questão econômica, a maior acesso a capital cultural/social e a educação básica de qualidade, aumentando as chances de inserção na universidade (sobretudo pública). Características econômicas e sociais dos familiares provedores também podem se associar a maior incentivo à continuidade dos estudos, visando inserção no mercado de trabalho em cargos com melhores salários e condições (Dutra-Thomé & Amazarray, 2018).

Por outro lado, apesar de apresentarem características que os diferenciam de outros adultos na mesma faixa etária, os universitários são uma parcela importante da população “adulta emergente” como qualquer outra (Arnett, 2016a). Além disso, pode-se pensar que, para além das diferenças socioeconômicas que favorecem ou dificultam a inserção na universidade, esse é um ambiente propício para o desenvolvimento do adulto emergente. De uma forma geral, o ensino superior promove contato com diferentes pessoas, ideias e visões de mundo, dando lugar para a exploração de identidade, experimentação de possibilidades e preparação para o futuro.

Diante da análise apresentada, pode-se pensar que os resultados encontrados no presente estudo precisam ser compreendidos a partir das especificidades da amostra, e a extrapolação dos achados para outras parcelas da população é limitada. Associada à questão da universidade, mas indo além dela, está a faixa etária da amostra. Apesar de a faixa etária ter variado entre 18 e 29 anos, a idade média amostral foi baixa ($M=22,5$; $DP=3,0$), sendo ainda menor a idade média daqueles cursando graduação ($n=461$; $M=21,8$; $DP=2,5$ anos). Assim, a presença de menos adultos emergentes com idades próximas aos 30 anos pode ser pensada como variável ruído nos resultados, dificultando a generalização dos achados para adultos emergentes mais velhos.

Com relação ao predomínio feminino na amostra ($n=416$; 73,9%), pode-se pensar que, além de ser maioria na população brasileira e nas universidades (IBGE, 2017) as mulheres se voluntariam mais a responder questionários em estudos com maior frequência que os homens (Costa, 2018). Indivíduos solteiros ($n=506$; 89,9%) e sem filhos ($n=544$; 96,6%) também

foram maioria. Entre os 19 (3,4%) participantes com filhos, 16 eram do sexo feminino e apresentaram, no geral, idade média superior ($M=25,3$; $DP=3,0$). Esses resultados vão de encontro ao adiamento de casamento e filhos esperado para adultos emergentes (Dutra-Thomé, 2013; Arnett, 2000), mas podem estar enviesados pelas especificidades da amostra, em especial sua escolaridade.

Considerando apenas a maternidade, os percentuais de nascidos vivos em relação à idade da mãe foram de 24,8% e para mulheres com idades entre 20 e 24 anos e de 23,6% para mulheres com 25 a 29 anos (IBGE, 2017). Em relação ao casamento (entre pessoas de sexos diferentes), a idade média na população brasileira é de 30 anos para os homens e de 28 anos para as mulheres (IBGE, 2017). Assim, no presente estudo, constata-se que a maior discrepância em relação ao restante da população está no baixo percentual de mulheres com filhos. Por outro lado, o maior número de indivíduos solteiros encontra-se consistente com as estatísticas nacionais na medida em que a amostra do estudo concentra-se em idades inferiores as idades médias de casamento.

Diante da heterogeneidade de caminhos e percepções de adultez emergente, o principal objetivo do presente estudo foi verificar a existência de diferentes perfis de AE. Previamente a tal verificação, entretanto, fez-se necessário conduzir análises de comparação entre grupos e de correlação entre variáveis a fim de identificar diferenças significativas entre outros subgrupos da amostra. Considerando o grande volume de resultados (já apresentados previamente), optou-se por privilegiar aqueles com tamanhos de efeito médios e grandes (V de Cramer $\geq 0,3$; d de Cohen e Probabilidade de superioridade $\geq 0,5$). Tal decisão se baseia na ideia de que os valores de p , sozinhos, não informam sobre o poder da associação ou magnitude da diferença entre grupos, além de serem afetados pelo tamanho amostral (Espírito-Santo & Daniel, 2015).

Análises de paramétricas (teste t para amostras independentes) e não paramétricas (qui-quadrado) evidenciaram que na amostra geral ($n=197$; 35%), em comparação aos alunos da UFBA ($n=366$; 65%), a idade é mais elevada e há maior frequência de participantes que moram com familiares, que são graduados ou cursam pós-graduação e que apresentam NSE compatível com as classes A e B1 (e menor frequência de C2, D e E). Também foram menos frequentes na amostra geral os jovens que nunca trabalharam e que tem suas despesas pessoais pagas pelos pais. Apesar dos tamanhos de efeito pequenos, vale destacar que os adultos emergentes da UFBA apresentaram mais “Foco em Outros” ($d=-0,2$) e mais sintomas ansiosos ($d=-0,2$).

Esses resultados podem ser melhor compreendidos quando relacionados aos dados previamente apresentados e discutidos sobre a população universitária brasileira. Considerando que apenas cinco (1,4%) alunos da UFBA já concluíram a graduação e cursam pós-graduação na instituição, é compreensível que esse subgrupo apresente-se mais novo e com maior número de indivíduos que nunca trabalharam e que dependem financeiramente dos pais. As especificidades da população universitária, entretanto, não dão conta das diferenças no NSE e na questão da moradia. No caso da primeira, uma possível explicação está nas diferenças socioeconômicas regionais, nas quais o nordeste apresenta menor renda média e maior frequência de indivíduos nas classes D e E do que o sudeste (ABEP, 2018). Com relação ao número reduzido de alunos da UFBA morando com os pais, pode-se pensar que tal resultado é explicado pela necessidade dos jovens de se mudarem de suas cidades natais para a cidade de Vitória da Conquista, onde se localiza o *campus*. Apesar de não ter entrado nas análises, verificou-se que 50,8% (n=186) dos participantes precisaram sair de casa para estudar.

Por fim, tem-se as diferenças com tamanhos de efeito pequenos entre os subgrupos na dimensão “Foco em outros” do IDEA e na intensidade de sintomas ansiosos. O primeiro resultado vai contra ao esperado teoricamente, na medida em que se espera que indivíduos mais velhos (e não mais novos como os estudantes da UFBA) apresentem-se mais orientados para o cuidado e compromisso com outras pessoas (Reifman *et al.*, 2007; Dutra-Thomé, 2013). Pode-se pensar, no entanto, que diferenças culturais e socioeconômicas entre os indivíduos da amostra geral e da amostra da UFBA possam contribuir para explicar tal diferença. Apesar de, em sua maioria, não estarem empregados e não serem responsáveis principais pelo sustento da casa, os jovens universitários baianos podem se perceber aptos ao cuidado e comprometimento com outros para além da dimensão financeira. Com relação à maior intensidade de sintomas ansiosos, estudos apontam para a alta frequência de problemas de saúde mental entre os universitários (Chaves, Souza, Silva, Oliveira, Lipp, & Pinto, 2016; Cerchiari, Caetano, & Faccenda, 2005; Hunt & Eisenberg, 2010), sendo o afastamento da família e rede de apoio social anterior um dos fatores ambientais explicativos (Osse & Costa, 2011).

Quando comparados em relação a gênero, verificou-se maior estresse entre as mulheres (n=416; 74,2%), resultado que encontra suporte na literatura (Bell & Lee, 2008; Torquato, Goulart, Vicentin, & Correa, 2010). Apesar dos tamanhos de efeito pequenos, a hipótese de que mulheres pontuariam mais alto no IDEA (Crocetti *et al.*, 2015; Negru, 2012) foram confirmadas nas subescalas “Exploração de Identidade”, “Negatividade/Instabilidade”

e “Ambivalência” e na escala total. Dutra-Thomé (2013) também encontrou maiores escores entre as mulheres nas duas primeiras subescalas, com tamanhos de efeito pequenos. As comparações considerando a orientação sexual seguiram tendência similar, tendo os participantes LGBTs (n=107; 19,2%) apresentado maior intensidade de ideação suicida e menor positividade em comparação aos heterossexuais. Também foram encontradas diferenças com tamanhos de efeito pequenos na subescala “Negatividade/Instabilidade” e no IDEA total, sendo maiores os escores do subgrupo LGBT.

As diferenças encontradas na dimensão “Negatividade/Instabilidade”, com escores maiores em mulheres e LGBTs, encontram respaldo em outros estudos com o IDEA (no caso das mulheres: Dutra-Thomé, 2013; Crocetti *et al.*, 2015; Negru, 2012), além de irem ao encontro da literatura internacional que aponta para maiores prevalências de psicopatologias (sobretudo depressão) nessas populações (Hatzenbuehler, Hilt, & Nolen-Hoeksema, 2010; Meyer, 2003; Rosario, Reisner, Corliss, *et al.*, 2015). Particularmente com a população LGBT, fica claro que, a despeito do aumento da aceitação social, discriminação e vitimização continuam sendo a realidade para esses jovens. Estatísticas brasileiras alarmantes indicam que a cada 26 horas um LGBT é assassinado, sendo a faixa etária entre 19 e 30 anos a mais prevalente (47%) (Grupo Gay da Bahia, 2012). Juntamente ao risco aumentado para psicopatologias em geral, entre a população LGBT também se verifica alto risco de suicídio (Hatzenbuehler *et al.*, 2010; Santos, Marcon, Espinosa, Baptista, & Paulo, 2017).

A população feminina (em geral e dentro de outras minorias étnicas e sociais) também está mais exposta a atitudes sexistas, além de experimentar maiores dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e ganharem menos que os homens, a despeito da maior escolaridade (Dutra-Thomé, 2013). Assim, a experimentação de mais estressores (em potencial) explica, em parte, a maior vulnerabilidade das mulheres e das minorias sexuais à negatividade/instabilidade e à depressão (Hatzenbuehler *et al.*, 2010). Com relação às demais dimensões de adultez emergente, pode-se hipotetizar que, apesar dos fatores contextuais e sociais que colocam mulheres e minorias sexuais em maior risco, a adultez emergente também se configura como uma fase de possibilidades. No caso das mulheres, pode-se pensar que a maior aceitação do sexo e da coabitação antes do casamento contribuíram para a continuidade de exploração de identidades, experimentação de possibilidades, busca por autoconhecimento e autossuficiência e postergação de compromissos definitivos, como casar-se e ter filhos (Arnett, Dutra-Thomé, 2013; Morgan, 2013).

Apesar de não ter sido encontrada diferença estatisticamente significativa em relação à orientação sexual na dimensão “Exploração de Identidade”, pode-se supor que tal dimensão

associa-se à diferença encontrada no IDEA total. Tal suposição se baseia na verificação de que, durante a AE, o desenvolvimento de um senso de identidade e orientação sexuais constitui-se como importante tarefa. Contudo, que para aqueles adultos emergentes cujas sexualidades divergem da heteronormatividade, tal processo pode ser ao mesmo tempo estimulado e restringido, acarretando em grandes variações no desenvolvimento da identidade entre jovens LGBTs (Morgan, 2013).

Quando considerado o estado civil, os participantes solteiros eram mais novos (tamanho de efeito grande) e apresentaram escores maiores em “Ambivalência” e menores em “Foco em outros”, sendo ambas as diferenças com tamanho de efeito médio. Outras diferenças com menor tamanho de efeito também foram encontradas nas subescalas “Negatividade/Instabilidade” e “Foco em si mesmo”, com maiores escores entre os solteiros e entre os casados, respectivamente. Dutra-Thomé (2013) não encontrou diferenças associadas ao estado civil nas dimensões “ambivalência” e “foco em outros”, mas encontrou maior foco em si mesmo entre os solteiros. Em contrapartida, a autora verificou que os indivíduos mais novos eram mais ambivalentes e mais focados em si mesmos. Diante disso, pode-se levantar a hipótese de que, no presente estudo, os maiores escores entre os solteiros em “ambivalência” e “negatividade/instabilidade” e menores em “foco em outros” estão associados ao fato desse subgrupo ser mais novo e se encontrar diante de um caminho mais longo na transição para a idade adulta, com desafios, incertezas e possibilidades (Dutra-Thomé, 2013).

A presença de maiores escores na dimensão “Foco em si mesmo” para o grupo casado, no entanto, não encontra respaldo teórico, na medida em que se espera que indivíduos solteiros estejam mais investidos na busca por seu desenvolvimento pessoal do que os pares comprometidos. Considerando que os participantes casados e aqueles que moram junto com os parceiros foram agrupados em um único subgrupo, é possível que a diferença com os participantes casados se deva a diferenças intragrupo, tendo os participantes que coabitam com seus parceiros características que os aproximam mais dos pares solteiros. Outra possibilidade está no resultado previamente apresentado, no qual os participantes da UFBA apresentaram maior “foco em outros” do que os demais. Considerando que apenas 6% dos universitários baianos são casados/coabitam, pode-se hipotetizar que eles acabaram por aumentar a média do subgrupo “solteiros”.

Os solteiros também apresentaram maiores pontuações na subescala de sintomas depressivos, juntamente a maior ideação suicida. A associação entre sintomas depressivos e ideação suicida está bem fundamentada na literatura (Konick & Gutierrez, 2005; Santos, Marcon, Espinosa, Baptista, & Paulo, 2017; Silva *et al.*, 2006; Thompson & Swartout, 2017;

Vasconcelos-Raposo, Soares, Silva, Fernandes, & Teixeira., 2016), enquanto suas associações com o estado civil são mais heterogêneas. Weissman *et al.* (1999) analisaram dados sobre ideação e tentativas de suicídio em nove países e verificou que adultos casados apresentam menos ideação do que pares divorciados e solteiros, sendo menor a diferença com os últimos. Em contrapartida, Silva *et al.* (2006) e Vasconcelos-*et al.* (2016) não verificaram diferenças na ideação suicida em adultos quanto ao estado civil. Especificamente em relação aos sintomas depressivos, verifica-se na literatura que estar casado (a) ou morando com companheiro (a) configura-se como fator de proteção para depressão em mulheres (Gonçalves *et al.*, 2018) e em adultos mais velhos e idosos (Jang *et al.*, 2009). Entre adultos emergentes evidências dessa associação são escassas, sobretudo pela própria caracterização da AE como um período de postergação do casamento. A literatura aponta, no entanto, que o suporte social é especialmente importante nessa fase de transição e configura-se como fator de risco-proteção para depressão (Edgerton, Shaw, & Roberts, 2018).

Diante das divergências na literatura, pode-se pensar o estado civil como um indicador de suporte social, atuando como fator protetor tanto para a depressão quanto para a ideação suicida (Vasconcelos-Raposo *et al.*, 2016; Hunt & Eisenberg, 2010). Outra possibilidade seria de que as diferenças nos sintomas estariam associadas à pior condição socioeconômica dos participantes solteiros em comparação aos indivíduos casados ou coabitando. Como apresentado anteriormente, houve diferença estatisticamente significativa na variável renda em relação ao estado civil, mas o tamanho do efeito foi pequeno. Por fim, pode-se pensar que os participantes solteiros também são, em sua maioria (86,6%), estudantes universitários, população com altas taxas de prevalência de problemas de saúde mental (Hunt & Eisenberg, 2010).

Em relação à paternidade/maternidade, não foram encontradas diferenças com tamanhos de efeito médios ou grandes em nenhuma das variáveis investigadas. Contudo, os participantes com filhos (n=17; 3 %) apresentaram escores maiores em “Foco em Outros” e menores em “Experimentação/Possibilidades” (tamanhos de efeito pequenos), como era teoricamente esperado (Arnett, 2000; Dutra-Thomé, 2013). Pode-se pensar que a paternidade/maternidade configura-se como importante marco da entrada na vida adulta, a partir do qual as possibilidades de exploração e experimentação da adultez emergente são reduzidas e os compromissos com outros papéis adultos se impõem (Arnett, 2000). Considerando que o presente estudo é um corte transversal (além de não ter sido avaliado se o (s) filho (s) foi desejado/programado ou não), é impossível precisar de que forma essas dimensões da AE e ter filho (s) se relacionam causalmente. É possível que perceber-se mais

orientado ao cuidado com o outro e mais comprometido com um caminho para seu futuro seja, ao mesmo tempo, causa e consequência (parciais) da parentalidade/maternidade. Apesar da validade de tais explicações, é importante ressaltar que o número de participantes com filhos foi extremamente reduzido e os tamanhos de efeito foram pequenos, o que compromete a interpretação e extrapolação dos resultados.

De acordo com o esperado, foram encontradas diferenças com tamanho de efeito grande entre indivíduos com ($n=124$; 22%) e sem ($n=439$; 78%) diagnósticos de transtornos mentais autorreferidos na DASS-21 (subescala depressão e escala total), com maiores escores entre os primeiros. Aqueles que apresentam diagnóstico de TM também obtiveram pontuações maiores na subescala do IDEA “Negatividade/Instabilidade” e na escala de ideação suicida, juntamente a menor positividade. Primeiramente, cabe ressaltar que houve compatibilidade entre prevalência de quadros psicopatológicos encontrada na amostra e a incidência referida em estudos epidemiológicos, que apontam para prevalências de distúrbios psiquiátricos entre um quarto a um terço da população (Kessler *et al.*, 2005; WHO, 2001; 2004). Na faixa etária da AE, estudos no contexto norteamericano indicam prevalências próximas a 40% de distúrbios psiquiátricos (Arnett, Žukauskienė & Sugimura, 2014; Hunt & Eisenberg, 2010). No contexto brasileiro não são encontrados estudos epidemiológicos que tenham considerado a AE como uma faixa etária distinta da idade adulta jovem. Entretanto, estudos com a população geral (Maragno, Goldbaum, Gianini, Novaes, & César, 2006) e entre universitários (Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005) apontam para 25% da população apresentando transtornos mentais comuns ou menores (não psicóticos), percentual próximo ao encontrado no presente estudo.

Diante das diferenças encontradas, é possível hipotetizar que a presença de transtornos mentais reflete a interação de vulnerabilidades e fatores de risco individuais e contextuais que podem estar presentes tanto no presente quanto na história de vida dos participantes. Tais fatores, juntamente ao próprio desenvolvimento do quadro psicopatológico, podem explicar a percepção da AE como uma fase de mudanças e instabilidades, contribuindo para a manutenção ou mesmo agravamento dos sintomas psicopatológicos. Apesar de plausíveis, tais relações entre as variáveis não são passíveis de verificação nesse estudo por conta de seu caráter transversal e descritivo.

Os participantes também foram categorizados a partir dos principais responsáveis pelos pagamentos dos gastos da casa e dos gastos pessoais do participante. No primeiro caso, verificou-se que os participantes que são os provedores principais da casa ($n=55$; 9,8%) também pagam suas próprias despesas com maior frequência, além de ser alta (PS=70%) a

probabilidade de esses jovens possuírem maior renda que participantes dos outros subgrupos. Tais associações vão de encontro ao esperado, mas se mostra impossível determinar a correta direção das associações, na medida em que não se sabe de que forma variáveis anteriores à condição socioeconômica atual podem ter influenciado a realidade independência financeira desses participantes.

Agrupando segundo o principal responsável pelos gastos pessoais, foi verificado que dentre aqueles que têm as despesas pagas predominantemente pelos pais (n=299; 53,1%) é maior a frequência de indivíduos sem experiência de trabalho, além de terem menor renda familiar (PS=60%) do que os que pagam as próprias despesas (n=252; 44,8%). Esses resultados vão de encontro ao esperado para adultos emergentes que ainda não se encontram inseridos no mercado de trabalho e, portanto, não são financeiramente independentes de seus pais. A diferença com relação à renda familiar, no entanto, precisa ser analisada a partir de outras possíveis diferenças entre os grupos, sobretudo em relação à escolaridade do participante e de seus pais. Também foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre esses subgrupos na dimensão “Foco em si mesmo” do IDEA (próprio participante > pais), mas a probabilidade de superioridade foi baixa (40%). Nesse caso, é possível que aqueles com maior independência financeira também estejam vivenciando mais experiências congruentes com a adultez emergente, dentro ou fora do contexto universitário, o que estimularia nesses a auto orientação e autossuficiência, em comparação àqueles mais dependentes financeiramente dos familiares.

Comparações considerando a escolaridade dos participantes também evidenciaram diferenças interessantes. Aqueles que estão cursando graduação ou ensino técnico (n=461; 83,1%) apresentam alta probabilidade de serem mais novos (PS=90%) e apresentarem renda familiar mais baixa (PS=70%) do que os demais. Entre os graduandos verificaram-se maiores frequências de participantes sem experiência de trabalho e que, apesar de terem experiência, não estão trabalhando no momento (tamanho de efeito médio).

Como apresentado previamente, percebe-se que no contexto brasileiro, o acesso e permanência na universidade estão diretamente relacionados às condições financeiras do estudante e de sua família. Assim, a amostra do estudo pode ser pensada como economicamente privilegiada em relação ao restante da população que não atingiu o ensino superior. Contudo, diferenças também existem entre os participantes, na medida em que uma parcela já concluiu a graduação e outra ainda está cursando. Nesse caso, pode-se afirmar que a primeira apresenta maior chance de inserção no mercado de trabalho em cargos com melhores salários e condições (Dutra-Thomé & Amazarray, 2018). Outra possível explicação se associa

à demanda dos próprios cursos de graduação, que podem exigir grande disponibilidade de tempo para aulas e atividades extracurriculares, impossibilitando a manutenção de empregos de tempo integral.

Por fim, graduandos apresentaram maiores níveis de ansiedade, estresse e sintomas totais na DASS-21, mas os tamanhos de efeito foram pequenos ($PS=40\%$). Essas diferenças podem ser compreendidas a partir das evidências previamente apresentadas acerca do risco aumentado para problemas mentais entre adultos emergentes (Arnett, Žukauskienė & Sugimura, 2014) e, em especial, entre universitários (Cerchiari, Caetano, & Faccenda, 2005). Concomitantemente, pode-se pensar que a interação entre as pressões acadêmicas e inseguranças em relação à inserção no mercado de trabalho após a formatura possam explicar, em parte, a experimentação aumentada de sintomas psicopatológicos.

Quanto ao nível socioeconômico, os participantes da classe média (B2 e C1; $n=307$; $54,5\%$) apresentaram mais sintomas depressivos do que os da classe alta (A e B1; $n=156$; $27,7\%$), resultado compatível com a literatura de que piores condições socioeconômicas são fator de risco para psicopatologias em geral (Kessler *et al.*, 2005) e para depressão, especificamente (Lorant *et al.*, 2003). Os participantes no nível socioeconômico mais alto também apresentaram escores significativamente maiores em “Exploração de Identidade” e “Experimentação/Possibilidades” ($PS=40\%$), resultados que também vão de encontro ao esperado teoricamente e a outros estudos na área da AE (Arnett, 2016a; Dutra-Thomé, 2013). Nesses casos, pode-se afirmar que melhores condições socioeconômicas proporcionam aos jovens explorarem diferentes possibilidades nas dimensões identitárias, acadêmicas, profissionais, etc.

As diferenças entre os participantes de acordo com o status ocupacional apresentaram-se no sentido esperado, mas os tamanhos de efeito foram pequenos ($PS<0,5$). Sinteticamente, aqueles que estão trabalhando atualmente são mais velhos e possuem maior renda familiar que os demais, enquanto aqueles que nunca trabalharam se percebem mais ambivalentes quanto a serem adultos. Esse último resultado evidencia a associação entre um marco objetivo (trabalho remunerado) e a percepção de ser (ou não ser) um adulto, ao mesmo tempo em que pode refletir o efeito de variáveis ruído. Como apresentado previamente, há maior proporção de jovens sem experiência de trabalho entre os graduandos, sendo que esse subgrupo também é mais novo e tem menor renda familiar. Em relação à dimensão “Ambivalência”, no entanto, não houve diferença estatisticamente significativa em relação à escolaridade, indicando que a percepção de ser (ou não) adulto se associa de forma mais consistente à experiência de trabalho do que à experiência de fazer graduação.

Em relação às análises de correlação, não foram verificadas associações com significância estatística entre as subescalas do IDEA e a renda familiar dos participantes, enquanto os coeficientes entre o IDEA e a idade foram estatisticamente significativos, mas apresentaram magnitudes muito pequenas ($p < |0,2|$). Ambos os resultados se assemelham aos encontrados por Dutra-Thomé (2013), que avaliou jovens brasileiros na mesma faixa etária dos participantes do presente estudo. É possível que tais resultados se devam a menores variâncias nas variáveis idade e renda. Apesar de terem participado indivíduos com idades entre 18 e 29 anos, a média de idade foi baixa e o desvio-padrão relativamente pequeno ($M=22,5$; $DP=3,0$). A variação na renda familiar também foi baixa ($M=2,9$; $DP=1,1$), além de terem sido mais frequentes na amostra indivíduos com nível socioeconômico intermediário (74,6% da amostra nos níveis B1, B2 e C1).

Coefficientes positivos e significativos eram esperados e foram encontrados entre a subescala “Negatividade/Instabilidade” e os sintomas psicopatológicos e ideação suicida, assim como associação negativa com Escala de Positividade. Tais resultados que reforçam as associações entre dificuldades de ajustamento emocional diante do caráter imprevisível de mudanças na AE (Barlett & Barlett, 2015; Lactot & Poulin, 2017) e se assemelham aos encontrados em outros estudos com o IDEA (Pérez & Cumsille, 2008; Reifman *et al.*, 2007; Dutra-Thomé, 2013). As associações entre as demais subescalas do IDEA e os indicadores de saúde mental ou apresentam baixa magnitude ou foram ausentes ($p > 0,05$). Cabe destacar, no entanto, as associações negativas entre os sintomas e as subescalas “Experimentação/Possibilidades” e “Foco em si mesmo” e as correlações positivas entre os sintomas e “Ambivalência”. Em relação a essas últimas, é possível levantar a hipótese de que a percepção de não ser mais adolescente, mas também não ser adulto, se associe à experimentação de preocupação quanto ao futuro, evidenciada pela associação moderada entre “Ambivalência” e “Negatividade/Instabilidade” ($\rho=0,4$; $p < 0,001$).

As dimensões “Exploração de Identidade” e “Experimentação/Possibilidades” apresentaram correlações positivas e moderadas com a Escala de Positividade. Pérez e Cumsille (2008) também verificaram associações positivas entre a subescala “Experimentação/Possibilidades” e indicadores de autoeficácia, autoestima e bem-estar, enquanto Reifman *et al.* (2007) verificaram coeficientes de correlação positivos e significativos entre essas subescalas do IDEA e orientação para o futuro (*future orientation*). Diante desses resultados, pode-se pensar que a orientação positiva sobre si, mundo e futuro se associa tanto à valorização de si mesmo, importante no processo de construção da identidade, quanto à postura otimista em relação ao futuro. Por fim, foram encontradas associações

positivas, moderadas e grandes entre ideação suicida e sintomas psicopatológicos, e negativas entre os sintomas e a visão positiva, resultado semelhante ao verificado em universitários com o instrumento original (Caprara *et al.*, 2012).

Também foi verificada associação positiva e pequena entre “Foco em outros” e orientação positiva, resultado que pode ser pensado como resultado da interação entre a disposição para o foco no outro e visões positivas, tanto de si quanto do mundo e das outras pessoas. Por fim, espera-se que haja acréscimo no número de associações com significância estatística juntamente a aumento na magnitude dos coeficientes nas análises de correlação separadas por perfil de AE (resultados apresentados a seguir).

O processo de análise dos perfis foi extensivamente apresentado previamente, cabendo, nesse momento, a comparação entre os resultados encontrados e a literatura. Como apresentado previamente, até o momento apenas dois estudos utilizaram *latent profile analysis* (LPA) na identificação de perfis de transição pela adultez emergente, medida pelo IDEA (Tagliabue *et al.*, 2016; Lanctot & Poulin, 2017). Dutra-Thomé (2013) também conduziu análises de comparação entre diferentes perfis de transição, mas utilizou de variáveis objetivas (marcos) na categorização dos participantes, e não da percepção sobre a AE.

Enquanto as análises de cluster conduzidas com as respostas de 1513 adultos emergentes italianos retornaram seis perfis (Tagliabue *et al.*, 2016), apenas quatro perfis latentes foram encontrados por Lanctot e Poulin (2017). A partir de comparações entre os resultados da LPA conduzida nesse estudo com os demais, optou-se pela seguinte identificação dos perfis: “Transição Bloqueada” (n=41, 7,3%; dois participantes classificados nesse perfil apresentaram escores no IDEA total inferiores a oito e foram retirados das análises descritivas); “Transição Moderada” (n=196; 34,8%) e “Período de Transição” (n=326; 57,9%). Como se pode ver, a maioria da amostra foi classificada no terceiro perfil, no qual todas as subescalas do IDEA foram altamente endossadas (a exceção de “Foco em outros”, como esperado). Por outro lado, uma minoria não se mostrou identificada com a AE, resultado similar ao encontrado por Tagliabue *et al.* (2016) e Lanctot e Poulin (2017).

O perfil “Transição Moderada” também foi encontrado por Lanctot e Poulin (2017), mas ao contrário do presente estudo, os “adultos emergentes moderados” foram maioria entre os canadenses. Essa diferença pode refletir o maior percentual de jovens com ensino superior (em curso ou cursado) no presente estudo (98,2%) em comparação ao estudo realizado no Canadá (apenas 26% da amostra cursando faculdade). Tagliabue *et al.* (2016) verificaram

outros quatro perfis além dos dois extremos (altos e baixos escores no IDEA), sendo que nenhum deles se aproxima de forma consistente do perfil moderado do presente estudo.

De uma forma geral, as subescalas “Exploração de Identidade” e “Ambivalência” foram as maiores responsáveis pelas diferenciações entre os perfis, seguidas pelo IDEA total. Em todos os casos, as médias do perfil “Período de Transição” foram maiores do que as do “Transição Moderada”, que foram superiores aos do perfil “Transição Bloqueada”, com todos os tamanhos de efeito grandes ($d > 0,9$). Tagliabue *et al.* (2016) não conduziram análises estatísticas de comparação entre os *clusters* nas subescalas do IDEA, impedindo comparações com os resultados do presente estudo.

Lanctot e Poulin (2017), em contrapartida, empreenderam análises de variância (ANOVAs) a fim de comparar os quatro perfis identificados e encontraram diferenças com significância estatística em todas as subescalas, especialmente em “Foco em si mesmo” e “Experimentação/Possibilidades”. Essas diferenças em relação ao presente estudo e estudo canadense podem ser explicadas a partir de diferenças culturais entre os países, além de diferenças entre as amostras. Como já destacado, a escolaridade dos participantes desse estudo foi, em geral, superior ao canadense, e a média de idade ligeiramente superior (22,5, nesse estudo, *versus* 21 anos, no de Lanctot e Poulin). Além disso, há diferenças na quantidade de itens (29 itens nesse estudo *versus* 31 no estudo canadense) e na qualidade psicométrica (maior precisão na versão canadense) das versões do IDEA, características que podem impactar nos resultados.

“Foco em outros” foi a subescala com tamanhos de efeito menos significativos, o que pode ser compreendido como uma evidência de que, no geral, se perceber apto a se responsabilizar e comprometer-se com outras pessoas esteja presente de forma abrangente e independente de outros aspectos da AE no Brasil. Dutra-Thomé (2013), ao analisar as características psicométricas da versão brasileira do IDEA, ressaltou que a cultura do nosso país é marcada pela alta valorização da família, similarmente a outros países latinoamericanos e asiáticos (Facio *et al.*, 2007), o que pode explicar essa diferença em relação aos adultos emergentes norteamericanos.

Nas comparações dois a dois entre os perfis nas subescalas do IDEA verificou-se que os perfis “Transição Bloqueada” e “Período de Transição” apresentaram diferenças com tamanhos de efeito grandes em todas as subescalas (exceto em “Foco em outros”, com tamanho de efeito médio). Esse resultado também foi encontrado por Lanctot e Poulin (2017), sendo todas as diferenças com tamanhos de efeito grandes (inclusive “Foco em outros”). Pode-se pensar que esses dois perfis são os que mais se diferenciam: enquanto o primeiro não

se identifica com a adultez emergente, seja porque ela já foi experimentada pelo indivíduo ou por não ter sido possibilitada, no segundo temos os adultos emergentes típicos.

No presente estudo, para além das subescalas “Exploração de Identidade” e “Ambivalência”, somente duas diferenças entre os perfis “Transição Bloqueada” e “Transição Moderada” apresentaram tamanho de efeito grande e médio: no IDEA total e na dimensão “Experimentação/Possibilidades”, respectivamente. Resultado diferente foi verificado por Lanctot e Poulin (2017), que só não encontraram tamanhos de efeito grandes na dimensão “Ambivalência”. Uma possível explicação se baseia na ideia de que a existência de um quarto perfil no estudo canadense tenha permitido a identificação de diferenças mais significativas entre os participantes. Caso tivesse sido optado, no presente estudo, pelo modelo com quatro perfis, é possível que mais diferenças com tamanho de efeito grande apareceriam. Contudo, tão opção foi descartada, pois o ganho nos índices de qualidade de ajuste do modelo (BIC e ICL) decorrente da adição de outro perfil não justificava a perda de parcimônia.

Entre os perfis “Transição Moderada” e “Período de Transição”, além de “Exploração de Identidade” e “Ambivalência”, foram verificados tamanhos de efeito grandes em “Foco em outros” e no IDEA total. Nas demais subescalas o tamanho foi mediano. Lanctot e Poulin (2017) também encontraram diferença com tamanho de efeito moderado na dimensão “Foco em outros”. Contudo, em todas as outras dimensões as diferenças foram grandes. Também nesse caso, é possível que os maiores tamanhos de efeito do estudo canadense sejam explicados pela presença de um quarto fator, aumentando a homogeneidade intra e a heterogeneidade entre perfis.

De uma forma geral, as dimensões “Negatividade/Instabilidade” e “Foco em outros” apresentaram distribuições relativamente homogêneas entre os perfis. Em relação à primeira dimensão pode-se pensar tal resultado como evidência de que mudanças e incertezas em relação à vida profissional, educacional e pessoal fazem parte da realidade de todos os jovens nessa faixa etária, independentemente de como esse período de transição é percebido e vivenciado. A própria ausência de um perfil marcadamente positivo, como verificado na literatura (Lanctot & Poulin, 2017; Tagliabue *et al.*, 2016) constitui um indicador de que a adultez emergente é, entre todos os perfis, permeada tanto pelo otimismo em relação ao futuro, quanto pela insegurança diante das mudanças, sobretudo as imprevisíveis e fora do controle pessoal. A responsabilidade e o compromisso com outras pessoas também aparece como fazendo parte da realidade atual desses jovens, à revelia da identificação com os demais aspectos da adultez emergente.

Como previamente hipotetizado, foram verificadas mudanças interessantes nas associações entre as variáveis considerando o perfil da LPA. No perfil “Transição Bloqueada” (n=39) verificou-se aumento na correlação negativa entre “Experimentação/Possibilidades” e sintomas de estresse, e entre “Foco em si mesmo” e sintomas depressivos, de estresse e na DASS-21 total. Mudanças semelhantes às ocorreram no perfil “Transição Moderada” entre a dimensão “Negatividade/Instabilidade” e sintomas depressivos ($\rho=0,4$ para $\rho=0,6$; $p<0,001$) e ansiosos ($\rho=0,3$ para $\rho=0,5$; $p<0,001$). Também verificou-se nesse subgrupo um aumento na correlação negativa entre “Foco em si mesmo” e sintomas depressivos, contrapondo-se ao perfil “Período de Transição”, que não apresentou nenhuma mudança significativa nas associações entre o IDEA e as demais variáveis hipotetizadas (idade, renda e indicadores de saúde mental).

De uma forma geral, esses resultados apontam para maior consistência na associação entre perceber-se como um adulto emergente e apresentar sintomas psicopatológicos entre aqueles classificados nos perfis bloqueados e moderados. Dentre os participantes que endossaram de forma mais consistente as dimensões do IDEA, em contrapartida, a associação entre AE e sintomas foram menores. Apesar de ter comparado os perfis de AE em relação à intensidade de sintomas internalizantes, Lanctot e Poulin (2017) não conduziram análises de correlação entre as variáveis com os dados da amostra total ou separando por perfil, impossibilitando comparações. Diante disso, faz-se necessário levantar hipóteses baseadas exclusivamente baseadas nos resultados encontrados. A primeira delas se relaciona à identificação de possível efeito de teto no IDEA, evidenciado pela grande assimetria encontrada nas subescalas. É possível que a menor sensibilidade do IDEA entre os indivíduos com maior percepção de AE tenha prejudicado a verificação de associação entre o instrumento e os sintomas psicopatológicos no subgrupo “Perfil de Transição”. Outra possibilidade é de que outras características presentes nesse perfil atuem como fatores de proteção, diminuindo a associação entre a percepção de AE e indicadores de desajustamento.

Discrepâncias nas associações entre as variáveis em cada perfil poderiam ser melhor explicadas por diferenças sociodemográficas entre eles. Contudo, contrariando as hipóteses iniciais, poucas diferenças foram encontradas entre os subgrupos nas variáveis investigadas. No presente estudo, foram encontradas diferenças entre os perfis apenas nas variáveis nível socioeconômico, principal responsável pelos gastos pessoais do participante e status ocupacional, sendo todas as diferenças com tamanhos de efeito pequenos (V de Cramer $<0,3$). Ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças de idade, no nível de escolaridade assim como nos indicadores de saúde mental (DASS-21, FSII-Br e EP).

De uma forma geral, verificou-se que no perfil “Período de Transição” houve menor frequência de participantes classificados no nível socioeconômico mais baixo (NSE compatível a C2, D e E), característica compatível com a literatura previamente apresentada. Nesse perfil também foram constatadas duas diferenças aparentemente discrepantes: maior número de jovens que nunca trabalharam (comparativamente com o perfil “Transição Moderada”) e maior frequência de participantes trabalhando (comparado com o perfil “Transição Bloqueada”). Considerando o cruzamento das características socioeconômicas e ocupacionais no perfil “Período de Transição”, pode-se pensar que a primeira explica parcialmente a segunda, na medida em que melhores condições financeiras favorecem o investimento no preparo do jovem para inserção no mercado de trabalho. Em comparação aos demais perfis, pode ser oportunizado aos do “perfil de transição” a postergação da entrada no mercado de trabalho (parcialmente) devido às condições financeiras familiares. Entretanto, quando a inserção no mundo ocupacional é feita, há maiores chances de permanência (e, conseqüentemente, menor desemprego), possivelmente devido à melhor qualificação profissional atingida por meio da escolarização.

Tais relações entre condição socioeconômica, desemprego e escolaridade são, no entanto, especulativas. Apesar de haver diferença significativa entre os três perfis com relação ao NSE os tamanhos de efeito foram pequenos, além de não haver diferença com significância estatística no grau de escolaridade. Por fim, considerando que foram reunidos no subgrupo “já trabalhou, mas não trabalha no momento” aqueles que estão procurando emprego e os que não estão, não é possível afirmar sobre a natureza do afastamento do mercado de trabalho (se intencional ou não).

Diante dos resultados encontrados na LPA, pode-se dizer que predomínio de jovens que se identificaram de forma consistente com as dimensões do IDEA (perfis “Transição Moderada” e “Período de Transição”) vai de encontro ao pressuposto principal do estudo de compatibilidade entre as características da adultez emergente delineadas por J. Arnett (2000; 2001; 2004) e a realidade percebida por jovens brasileiros de 18 a 29 anos. Nas análises de perfil também foi possível perceber o efeito de teto do IDEA na amostra, indicando que o instrumento foi menos discriminativo entre aqueles com maiores percepções da AE. Em menor número, foram encontrados participantes que não se identificaram com as dimensões da AE, resultado semelhante ao de Lanctot e Poulin (2017). Considerando que esse perfil apresentou mais indivíduos com menor NSE e sem experiência de trabalho, não é possível determinar se o baixo endosso da AE se deve ao fato deles já terem passado pela fase, ou não. Enquanto o perfil socioeconômico aponta para a possibilidade de assunção “precoce” de

papeis adultos, a menor inserção no mercado de trabalho e maior dependência financeira dos pais não confirmam a entrada no mundo adulto.

Dentre as hipóteses levantadas inicialmente, a de que os diferentes perfis de percepção de AE se diferenciaram na intensidade de sintomas psicopatológicos não se confirmou. A partir de análises descritivas dos escores brutos, é possível constatar que o perfil “Período de Transição” apresenta médias mais elevadas na DASS-21 (subescalas e escala total), mas nenhuma diferença é estatisticamente significativa. Em relação à FSII-Br e Escala de Positividade, a análise descritiva aponta para maior ideação suicida e menor orientação positiva no perfil bloqueado, mas as diferenças são ainda menores entre os perfis e não há significância estatística. Considerando que foram encontradas importantes diferenças entre grupos previamente à condução da LPA, é possível hipotetizar que a intensidade de problemas psicológicos esteja mais associada a variáveis psicossociais (algumas delas diretamente relacionadas à experiência da adulez emergente, como orientação sexual e escolaridade) do que à percepção da AE em si.

Dentre as principais limitações do presente estudo estão a predominância (quase exclusividade) de participantes com nível de escolaridade superior e naturais dos estados de Minas Gerais e Bahia, características que dificultam a extrapolação dos resultados para adultos emergentes com menores escolaridades e de outras regiões do país. Também se mostrou limitador das análises a ausência de uma pergunta direta sobre a percepção do participante sobre ser ou não adulto. Apesar da possibilidade de avaliação de diferentes dimensões da adulez emergente, o IDEA não apresenta um ponto de corte ou referências normativas que possam auxiliar na categorização dos respondentes. De certa forma, a condução da LPA cumpriu tal objetivo classificatório. Contudo, seria interessante a possibilidade de cruzar informações, como fez Dutra-Thomé (2013) ao separar os participantes em grupos quanto a marcos objetivos de entrada na idade adulta e a autodeclaração e compará-los em características sociodemográficas e na percepção de AE.

Sugere-se que, em estudos futuros, possam ser utilizadas mais fontes de informação do participante sobre seu momento de vida (se ele acredita ser adulto ou não) e quais são os principais critérios que ele utiliza para pensar a si mesmo e a outras pessoas como adultos. Também se mostram potencialmente interessantes pesquisas que cruzem as percepções dos próprios adultos emergentes com as de pessoas próximas a ele, como pais e cônjuges/companheiros. Para além das percepções, caberia também a avaliação da relação entre a qualidade de tais relacionamentos e a experiência de adulez emergente. Considerando as altas taxas de TMs e sintomas psicopatológicos entre adultos emergentes e o fator protetor

do suporte social, poderiam ser encontrados efeitos moderadores entre a qualidade desses relacionamentos na associação entre a AE (avaliada objetiva e subjetivamente) e indicadores de saúde mental nessa faixa etária.

Para além de características atuais nas dimensões pessoal, familiar e social, diferenças nas percepções e na experimentação da AE também podem ser explicadas por variáveis presentes ao longo do desenvolvimento. Dessa forma, estudos longitudinais que possam verificar relações causais entre condições e experiências na infância e adolescência e a adultez emergente, juntamente às pesquisas sobre as repercussões da AE ao longo da idade adulta, se mostram fundamentais na consolidação da teoria da AE. O estudo a seguir busca compreender de que forma as crenças sobre si, outras pessoas e futuro, avaliadas na adolescência, se relacionam ao modo como jovens experienciam a adultez emergente.

4. Estudo II - Associações longitudinais entre as tríades cognitivas na adolescência e a percepção das dimensões de adultez emergente seis anos depois

4.1 Introdução

A adultez emergente (AE) configura-se como um período do ciclo de vida no qual jovens com idades entre 18 e 29 anos (aproximadamente) vivenciam uma abertura à exploração de possibilidades nos campos acadêmico, profissional e pessoal (Arnett, 2000; 2001). Mais independentes do que crianças e adolescentes e ainda não plenamente inseridos nas demandas e responsabilidades do “mundo adulto”, os adultos emergentes podem experimentar diferentes opções antes de se comprometer com identidades, valores, carreiras, relacionamentos amorosos e filhos (Arnett, 2000; 2001; Swanson, 2016). Tais possibilidades são estruturadas e, muitas vezes, limitadas ou impedidas por variáveis econômicas, culturais e sociais (Arnett, 2000; 2007).

Assim como a adolescência, sobretudo considerando seu término, a adultez emergente é um construto forjado culturalmente, ocorrendo de formas variadas entre sociedades, grupos e momentos históricos (Arnett, 2000). Ela pode ser considerada como consequência de condições histórico-culturais que proporcionaram o relaxamento das expectativas em relação ao cumprimento de papéis sociais adultos. A heterogeneidade e não universalidade são características fundamentais da adultez emergente, fazendo-se fundamental considerar as

interações entre fatores individuais, econômicos, sociais e culturais na compreensão desse período do ciclo de vida (Arnett, 2015; Furstenberg, 2016; Henin & Berman, 2016).

A adultez emergente como período distinto do curso de vida foi proposta por Jeffrey Arnett em artigo publicado no ano 2000 na revista *American Psychologist*. De acordo com o autor, a AE caracteriza-se cinco dimensões: exploração de identidade, experimentação e possibilidades, ambivalência, foco em si mesmo e negatividade/instabilidade (Arnett, 2000; 2007). Mudanças econômicas e sociais em países industrializados possibilitaram que jovens continuassem a experimentar múltiplos papéis e explorar diferentes direções na carreira, compromissos amorosos e visões de mundo antes de estabelecerem compromissos duradouros. Concomitantemente à exploração e experimentação, verifica-se o aumento na independência, liberdade e responsabilidade, caracterizando a AE como uma fase de orientar-se a si mesmo em busca de autoconhecimento e autossuficiência. Esses jovens se percebem “no meio do caminho” entre a adolescência e a idade adulta (ambivalência), também se sentindo sobrecarregados e inseguros diante das mudanças e do futuro (instabilidade/negatividade) (Reifman *et al.*, 2007).

Compreender a natureza das transições pela adultez emergente não só contribui para o esclarecimento desse período desenvolvimental como também possibilita a predição de uma miríade de problemas psicológicos de comportamento, durante a própria AE e posteriormente na idade adulta (Barlett, Barlett, & Chalk, 2018). Com o objetivo de avaliar de forma estruturada diferenças individuais na experiência da AE, Reifman, Arnett e Colwell (2007) criaram o *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* – IDEA (Inventário de Dimensões de Adultez Emergente). Composto originalmente por 31 itens, o IDEA avalia a percepção do respondente sobre características do seu momento de vida relacionadas às cinco dimensões da AE, acrescidas da subescala “foco em outros”. Nessa subescala estão itens relacionados à responsabilização e comprometimento com outras pessoas, e sobre os quais se espera maior endosso por indivíduos mais velhos em comparação aos jovens na faixa etária da AE (Reifman *et al.*, 2007).

Estudos internacionais que utilizaram o IDEA na avaliação da AE apresentam resultados interessantes, e por vezes, contraditórios, sobre as associações entre as dimensões da AE e indicadores de ajustamento e desajustamento psicológicos. De uma forma geral, a percepção da AE como permeada por negatividade e instabilidade configura-se como o indicador mais consistente de insucesso na passagem pela AE. São verificadas, em diferentes estudos, associações positivas entre essa dimensão e sintomas depressivos e ansiosos, uso de substâncias e comportamento agressivo (Barlett & Barlett, 2016; Hill *et al.*, 2015; Lactot &

Poulin, 2017; Pérez & Cumsille, 2008). Também são encontradas associações negativas entre essa dimensão da AE e indicadores de satisfação com a vida, autoestima e autoeficácia e bem-estar psicológico (Baggio *et al.*, 2017; Davis, Dumas, Briley, & Sussman, 2018; Hill *et al.*, 2015; Luyckx, Witte, & Goosens, 2011; Pérez & Cumsille, 2008; Skulborstad & Hermann, 2016).

Diferentemente de “negatividade/instabilidade”, as demais dimensões da AE apresentam associações com indicadores de ajustamento e de desajustamento em diferentes direções. A percepção da AE como período de exploração de identidade, ao mesmo tempo em que se associa positivamente com estima percebida (Skulborstad & Hermann, 2016) e satisfação com a vida (Hill *et al.*, 2015), também aparece relacionada a menor bem-estar psicológico (Lactot & Poulin, 2017) e maior intensidade de uso de substâncias (Davis *et al.*, 2018). Essa dimensão do IDEA também foi apontada como variável preditora de psicopatia (traço de personalidade caracterizado por baixa empatia e agressividade). Barlett e Barlett (2015) encontraram que baixos escores nessa dimensão, ser homem e ter baixo *mindfulness* predisseram psicopatia entre universitários.

Identificar a AE como fase de experimentar diferentes possibilidades também se mostra positivamente associada a desfechos favoráveis (maior autoestima e estima percebida, indicadores de saúde mental e bem-estar) e desfavoráveis (mais sintomas depressivos e ansiosos e uso abusivo de álcool, maconha e outras substâncias) (Allem, Sussman, & Unger, 2017; Hill *et al.*, 2015; Pérez & Cumsille, 2008; Skulborstad & Hermann, 2016). Perceber-se “nem lá nem cá” em relação a ser adulto também se apresenta positivamente associado a estima percebida e uso de substâncias, e negativamente associada a autoestima (Davis *et al.*, 2018; Skulborstad & Hermann, 2016). “Foco em si mesmo” apresenta correlações positivas com autoeficácia, locus de controle interno, satisfação com a vida, busca de sensações e uso de substâncias (Hill *et al.*, 2015), assim como com autoestima e autoestima percebida (Skulborstad & Hermann, 2016).

Diante dos diferentes padrões de associação entre percepções de AE e indicadores de saúde mental e problemas psicopatológicos, faz-se necessário investigar fatores de risco e proteção que possam prever tais associações e contribuir na compreensão dos diferentes caminhos desenvolvimentais presentes nessa faixa etária. De uma forma geral, os estudos longitudinais se concentram na identificação de diferentes perfis de transição na AE e suas associações com indicadores de ajustamento/desajustamento.

Dentre os achados dos estudos longitudinais sobre a AE, tem-se que o uso de estratégias de enfrentamento disfuncionais (como evitação) se associa a sintomas depressivos na AE, e

prediz um perfil de transição para a idade adulta marcado pelo adiamento de comprometer-se com tarefas adultas (relacionamentos amorosos, carreira e filhos) acompanhado de maior intensidade de sintomas depressivos (Salmela-Aro *et al.*, 2014). Comportamentos desviantes (delinquentes) na AE associaram-se a um perfil de transição marcado por maior frequência de regressões nos papéis adultos (efeito *boomerang*), como, por exemplo, retornar à casa dos pais depois de ter morado sozinho ou com colegas (Hill & Bosick, 2017). Jovens na faixa etária da AE que vivenciaram experiências adversas na infância apresentam, de uma forma geral, menor endosso das dimensões de adultez emergente, assim como mais sintomas depressivos e problemas de saúde (Adam *et al.*, 2011; Davis *et al.*, 2017).

A escassez de estudos longitudinais que apontem para o peso de fatores individuais, familiares, sociais e contextuais na predição da experimentação e percepção de adultez emergente abre caminho para a elaboração de novas hipóteses teóricas que possam indicar construtos relevantes na compreensão desse período do desenvolvimento. Dentre tais construtos, a tríade cognitiva, elemento central do modelo cognitivo da depressão e do modelo cognitivo geral de Aaron T. Beck, se apresenta como fator explicativo em potencial.

De acordo com o modelo diátese-estresse da depressão (Beck, 1967), indivíduos deprimidos apresentam crenças distorcidas e negativas sobre si mesmos, sobre o mundo e as outras pessoas e sobre o futuro. Essas crenças rígidas, absolutistas e arraigadas compõem a chamada tríade cognitiva negativa, aspecto central da vulnerabilidade cognitiva à depressão, juntamente aos esquemas cognitivos disfuncionais e processamento de informação falho (Pössel & Thomas, 2011). Diante de eventos estressores, a vulnerabilidade cognitiva à depressão, desenvolvida na infância e adolescência e até então latente, é ativada, levando ao aparecimento dos sintomas e do quadro depressivo (Ingram, 2003).

Cabe destacar que enquanto a tríade cognitiva negativa caracteriza a vulnerabilidade cognitiva à depressão, outras combinações de crenças positivas e negativas também se mostram diferenciadoras de outros quadros clínicos. Em episódios maníacos ou hipomaníacos, por exemplo, verificam-se visões positivas, mas disfuncionais, sobre si, outros e futuro (Knapp & Beck, 2008). Dentre os indivíduos sem sintomas clínicos e menor vulnerabilidade cognitiva a transtornos mentais, constata-se a presença de crenças centrais (*self*, mundo/outros, futuro) negativas e positivas que são ativadas a partir do contexto, levando a reações emocionais e comportamentos mais adaptativos (Neufeld & Cavenage, 2010).

Estudos conduzidos em diferentes países, contextos socioculturais e com diferentes faixas etárias têm apoiado as associações entre tríade cognitiva e sintomas depressivos e ansiosos (Abela & D'Alessandro, 2002; Beckham, Leber, Watkins, Boyer, & Cook; 1976; Beshai, Dobson, & Abel, 2012; Black & Pössel, 2014; Braet, Wante, van Beveren, & Theuwis, 2015; Jacobs & Joseph, 1997; Kaslow *et al.*, 1992; Lakdawalla, Hankin, & Mermelstein, 2007; Pössel, 2009, 2017). Em alguns desses estudos também são identificadas evidências de que as tríades positivas e negativas são distintas (e não pólos de um mesmo contínuo) e apresentam papéis diferenciados na predição de sintomas depressivos (Greening, Stoppelbein, Dhossche, & Martin, 2005; Kaslow *et al.*, 1992; La Grange, Dallaire, Pineda, Truss, & Folmer, 2008; Morris, Ciesla, & Garber, 2008; Pössel, 2009).

Especificamente entre os indivíduos na faixa etária correspondente à adultez emergente, Seeds e Dozois (2010) avaliaram de que forma esquemas cognitivos interagem com eventos estressores na predição de sintomas depressivos entre universitários canadenses (idade média de 21 anos). Os autores não aplicaram um instrumento de medida da tríade cognitiva, mas mensuraram de que forma os esquemas cognitivos dos participantes se estruturavam (com visões mais ou menos interconectadas entre si). Análises de regressão hierárquica múltiplas indicaram que, tanto visões negativas e altamente interconectadas quanto visões positivas, mas difusas, associaram-se a maior intensidade de sintomas depressivos.

Mak, Ng e Wong (2011) verificaram se visões positivas sobre si, outros e mundo poderiam explicar as associações entre resiliência, satisfação com a vida e sintomas depressivos em universitários chineses (idade média de 21 anos). Foram encontradas correlações positivas e com significância estatística entre resiliência, tríade cognitiva positiva e satisfação com a vida, e negativas entre essas variáveis e sintomas depressivos. Modelagens por equações estruturais indicaram que a tríade cognitiva media o efeito da resiliência nas demais variáveis.

A tendência a ver a si mesmo, ao mundo e ao futuro de forma positiva também pode ser compreendida por meio da teoria da orientação positiva. Conjuntamente a outros teóricos interessados nas características positivas e saudáveis do funcionamento individual, Caprara *et al.* (2012) desenvolveram a ideia de uma tendência razoavelmente estável (traço) que predisporia os indivíduos a avaliarem a si mesmos (autoestima), aos outros e ao mundo (satisfação com a vida) e ao futuro (otimismo) de forma positiva, contribuindo no enfrentamento de eventos da vida. Cabe salientar que o desenvolvimento do construto “orientação positiva” se baseia tanto nos estudos dentro do paradigma da “psicologia

positiva” quanto na tríade cognitiva negativa do modelo cognitivo da depressão de Beck (Alessandri, Caprara, & Tisak, 2011).

Em estudo com estudantes italianos do segundo ano do curso de Psicologia, Caprara, Alessandri, Colaiaco e Zuffiannò (2013) encontraram evidências para a existência de uma dimensão comum latente (*positive orientation*) entre as visões positivas de si, mundo e futuro. Além disso, a orientação positiva foi preditora de expectativas mais positivas em relação ao desempenho acadêmico dos participantes (controlando efeitos da auto avaliação de desempenho atual).

Estudos previamente apresentados verificaram associações entre dimensões da AE e problemas internalizantes e externalizantes (Baggio *et al.*, 2014; Davis *et al.*, 2018 2017; Hill, 2017; Salmela-Aro *et al.*, 2014; Sussman & Arnett, 2014), assim como com indicadores de saúde mental e bem-estar psicológico, como autoestima, satisfação com a vida e otimismo (Baggio *et al.*, 2017; Schulenberg & Zarrett, 2006; Skulborstad & Hermann, 2016; Wängqvist & Frisé, 2011). Diante de tais evidências sobre a AE e sobre a tríade cognitiva, é plausível hipotetizar que a forma como os adultos emergentes percebem a si mesmos, aos outros/mundo e ao futuro se correlacione com suas percepções sobre a AE. Para além, considerando que a tríade cognitiva começa a se desenvolver na infância e se estabiliza ao final da adolescência (Ohno & Teodoro, 2017), é possível que sua configuração possa antecipar, em parte, as percepções sobre si e sobre o momento de vida na adultez emergente.

Considerando a adultez emergente como um campo de estudo em crescente ascensão (Swanson, 2016), é intrigante constatar a ausência de estudos que abordem as interseções entre os modelos cognitivos e intervenções psicoterápicas de base cognitiva e cognitivo-comportamental e os construtos da AE. Considerando-se apenas a delimitação da faixa etária (18 a 29 anos), são vários os estudos desenvolvidos dentro da perspectiva cognitiva e cognitivo-comportamental que se destinam tanto à verificação da adequação dos modelos cognitivos de transtornos e sintomas quanto a eficácia de protocolos de tratamento (Gilhooly, Bergman, Stieber, & Brown, 2018; Hamdan-Mansour, Puskar, & Bandak, 2009; Olatunji, Cisler, & Deacon, 2010; Regehr, Glancy, & Pitts, 2013). Entretanto, até o presente momento, não foram identificadas pesquisas que tiveram como objeto de investigação a relação entre crenças da tríade cognitiva (ou outro construto do modelo cognitivo da depressão e geral) e a percepção das dimensões da adultez emergente.

Os autores do IDEA e proeminentes pesquisadores na área da AE, Reifmann, Arnett e Colwell (2016), destacaram a necessidade de estudos longitudinais que possam contribuir nas associações entre construtos da adultez emergente suas pretendidas causas e consequências.

Tal afirmação alinha-se ao objetivo desse trabalho, na medida em que tem-se por objetivo principal verificar de que forma as visões de *self*, mundo e futuro presentes na adolescência se associam à percepção de jovens sobre a adultez emergente anos depois.

4.2 Objetivos e Hipóteses de estudo

Objetivou-se, no presente estudo, verificar de que forma as crenças centrais positivas e negativas sobre o *self*, mundo e outras pessoas e sobre o futuro, presentes na adolescência, se associam à percepção de jovens (de 18 a 21 anos de idade) sobre as dimensões da adultez emergente. A literatura da área aponta para diferentes padrões de associação entre percepções das dimensões de AE, problemas de ajustamento (e indicadores de ajustamento e bem estar psicológico). Dessa forma, acredita-se que serão encontradas associações significativas (positivas e negativas) entre as dimensões do IDEA e as tríades cognitivas (positiva e negativa), tanto transversalmente quanto longitudinalmente.

Especificamente, espera-se que “Negatividade/Instabilidade” se correlacione positivamente com a tríade negativa e negativamente com a positiva. Também se espera que “Experimentação/Possibilidades” associe-se positivamente com a tríade positiva (sobretudo com a visão positiva de mundo e futuro), e negativamente com a tríade negativa. Para as demais dimensões, considerando a diversidade de associações na literatura, espera-se que as correlações sejam estatisticamente significativas, mas não há, *a priori*, expectativa de direção única dos coeficientes de correlação.

Também é esperado encontrar indícios de estabilidade das crenças ao longo dos anos, associações moderadas entre as crenças positivas e negativas e associação positiva entre as percepções de AE e a idade dos participantes. Hipotetiza-se que serão encontradas similaridades e diferenças entre os participantes quanto sua orientação sexual (especialmente na dimensão “Exploração de Identidade”) e em relação ao sexo, sendo esperados maiores escores entre os participantes homo e bissexuais e entre as mulheres. Por fim, acredita-se que jovens que cursam ensino superior, que nunca trabalharam e que possuem nível socioeconômico mais alto apresentem, de forma geral, maior percepção de AE.

4.3 Método

4.3.1 Delineamento

O presente estudo caracteriza-se como exploratório, longitudinal e quantitativo.

4.3.2 Participantes

Participaram desse estudo 34 jovens, sendo 21 (61,8%) do sexo feminino, com idades entre 18 e 21 anos ($M=18,6$; $DP=1,4$). Dentre os participantes, o maior grau de escolaridade também foi o mais frequente, sendo que 17 (44,7%) dos jovens estão, atualmente, cursando ensino superior. Todos são solteiros, sem filhos, e a maioria mora com familiares ($n=18$; 85,7%; um *missing*). A maior parte dos participantes ($n=21$; 61,8%) nunca exerceu trabalho remunerado. Nenhum deles referiu apresentar doença crônica ou possuir algum tipo de deficiência. De acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2018), os participantes se distribuíram entre os níveis A e C2, sendo a maioria correspondente ao nível socioeconômico B2 ($n=14$; 41,2%). Cabe destacar aqui que, considerando que a participação na pesquisa prescindia de acesso à internet para preenchimento do formulário, todos os 34 participantes têm acesso à internet (via computador ou celular do tipo *smartphone*). A Tabela 17 apresenta, de forma completa, a caracterização da amostra no Tempo 2.

Os indivíduos que compuseram a amostra desse estudo haviam participado de projeto de pesquisa anterior, desenvolvido por Teodoro (2013), que teve por objetivo principal avaliar a relação entre a qualidade dos relacionamentos familiares, vulnerabilidade cognitiva e sintomas internalizantes em adolescentes e seus pais. Esse projeto longitudinal foi conduzido entre os anos de 2011 e 2012, e contou com uma amostra total composta por 378 crianças e adolescentes, alunos de escolas públicas e particulares da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do município de Santa Bárbara, Minas Gerais. As idades dos jovens avaliados variavam entre 10 e 16 anos ($M=12,48$; $DP=1,26$), sendo 58,2% do sexo feminino ($n=220$).

Os 34 participantes do presente estudo, à época da coleta de dados no Tempo 1, tinham idades entre 11 e 15 anos ($M=13,1$; $DP=1,2$) e estavam regularmente matriculados no ensino fundamental e médio. O intervalo entre a primeira e a segunda coleta de dados variou entre 62 e 80 meses ($M=67,1$; $DP=5,96$). Cabe destacar que à época da primeira coleta, nenhum dos participantes apresentava experiência de trabalho remunerado.

Tabela 17. Descrição da amostra no Tempo 2 (N=34)

Características	Mulheres (n=21)	Homens (n=13)	Amostra total (N=34)
Idade: Mínimo- Máximo	17 - 21	17 - 21	17 - 21
M (DP)	18,6 (1,4)	18,6 (1,5)	18,6 (1,4)
Quantidade de moradores no domicílio: M (DP)	3,95 (1,3)	3,4 (1,3)	3,7 (1,3)
Escolaridade: F (%)			
Fundamental completo/Ensino Médio incompleto	7 (33,3%)	3 (23%)	10 (34,7%)
Ensino Médio completo	3 (14,3%)	4 (31%)	7 (20,6%)
Cursando técnico/graduação	11 (52,4%)	6 (47%)	17 (44,7%)
Trabalho remunerado: F (%)	Nunca trabalhou = 13 (62%)	Nunca trabalhou = 8 (61,5%)	Nunca trabalhou = 21 (61,8%)
Com quem mora*			
Famíliares	18 (86%)	10 (77%)	28 (85%)
Colegas/República	2 (14%)	3 (23%)	5 (15%)
Nível socioeconômico			
Classes A e B1	7 (33%)	7 (54%)	14 (41,2%)
Classe B2	9 (43%)	5 (38,5%)	14 (41,2%)
Classes C1 e C2	5 (24%)	1 (5,5%)	6 (17,6%)

Legenda: *Há um *missing*, logo o n total é 33.

4.3.3 Instrumentos

4.3.3.1 Instrumentos aplicados no Tempo 1

Os instrumentos a seguir foram aplicados presencialmente (“lápiz e papel”) e coletivamente em sala de aula, em horários cedidos pelas escolas. Cabe destacar que outros instrumentos também foram respondidos pelos participantes à época, mas não foram incluídos no presente estudo.

- Ficha de dados sociodemográficos - Adolescente (Anexo 2)

Destinada à obtenção de informações sobre os adolescentes (idade, quantas pessoas moram em seu domicílio, se trabalha, se tem problemas de saúde física ou mental) e seus pais (profissão, escolaridade e situação conjugal).

- Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes - ITC-CA (*Cognitive Triad Inventory for Children - CTI-C*; Kaslow, Stark, Printz, Livingston, & Tsai, 1992)

Esse instrumento de autorrelato, originalmente desenvolvido por Kaslow *et al.* (1992), destina-se à avaliação da visão que crianças e adolescentes têm sobre si mesmas, sobre o mundo e outras pessoas e sobre seu futuro (tríade cognitiva de A. Beck). Composto por 36 itens, respondidos em uma escala de três pontos (“Sim”, “Talvez” e “Não”). Quando somadas, as respostas variam de 0 a 72, sendo que menores escores indicam mais sintomas depressivos. No presente estudo, a fim de facilitar a interpretação dos resultados, optou-se por inverter as repostas (Sim=2; Talvez=1; Não=0), fazendo com que menores escores indicassem menos sintomas.

O CTI-C foi desenvolvido a partir de adaptação da versão adulta (*Cognitive Triad Inventory – CTI*; Beckham, Leber, Wastkins, Boyer, & Cook, 1986), e apresentou, n estudo original, índices de consistência interna de satisfatórios a excelentes ($0,69 < \alpha > 0,92$) e boa discriminação de crianças e adolescentes com e sem escores clínicos de ansiedade e depressão. A adaptação do instrumento para o contexto brasileiro, feita por Teodoro, Froeseler, Almeida e Ohno (2015) apresentou estrutura interna com seis fatores (tríades positiva e negativa), índices de consistência interna de baixos a satisfatórios (alfas variando de 0,6 a 0,74) e evidências de validade convergente com outros construtos cognitivos.

Considerando que a estrutura bifatorial também se mostrou adequada aos dados no estudo de adaptação (Teodoro *et al.*, 2015), optou-se, no presente estudo, pela computação de seis escores (referentes às tríades positiva e negativa) acrescidos das dimensões Negatividade (somatório da tríade negativa) e Positividade (somatório da tríade positiva). Análises de consistência interna indicaram alfas de *Cronbach* entre 0,6 e 0,9 para as subescalas e 0,75 para Negatividade e 0,85 para Positividade.

4.3.3.2 Instrumentos aplicados no Tempo 2

A seguir serão apresentados os instrumentos incluídos no formulário online, e que foram utilizados no presente estudo. Cabe ressaltar que outros instrumentos compuseram o formulário, mas não foram aqui incluídos por não se relacionarem aos objetivos desse estudo.

- Ficha de dados sociodemográficos Adulto Emergente (Anexo 3)

Essa ficha incluiu perguntas sobre a atual configuração familiar (situação conjugal, número de filhos, pessoas residentes na casa) do participante, assim como informações sobre sua orientação sexual, escolaridade, e status ocupacional, e situação de saúde física e mental (doenças, tratamentos médicos, psiquiátricos e psicoterápicos).

- Inventário da Tríade Cognitiva – ITC (*Cognitive Triad Inventory – CTI*; Beckham *et al.*, 1986)

Instrumento de autorrelato que avalia a tríade cognitiva negativa característica da depressão. Composto por 36 itens, respondidos em uma escala do tipo *Likert* de sete pontos (0=“Concordo totalmente” a 6=“Discordo totalmente”), o ITC avalia a visão do indivíduo sobre si mesmo, sobre os outros e o mundo e sobre seu futuro. Os autores do instrumento original encontraram índices de consistência interna variando de 0,81 a 0,93 para as três subescalas e 0,95 para a escala total. Também foram verificadas correlações positivas e estatisticamente significativas entre o ITC e o Inventário de Depressão de Beck (Beckham *et al.*, 1986). A versão em português, desenvolvida por Teodoro, Ohno e Froeseler (2016), foi aplicada em 404 adultos com idades entre 17 e 50 anos ($M=25,1$; $DP=8,5$ anos). Comparações entre quatro modelos fatoriais encontrados na literatura apontaram a solução de seis fatores (tríade cognitiva positiva e negativa) como a mais adequada. Nesse mesmo estudo foram encontrados índices satisfatórios de consistência interna ($0,61 < \alpha < 0,75$), correlações positivas entre fatores do ITC e a idade dos participantes, e diferenças relacionadas ao sexo.

Foram computados os escores brutos para as seis subescalas (com escores variando de 0 a 36), acrescidos das dimensões gerais “Positividade” (tríade positiva; escores de 0 a 108) e “Negatividade” (tríade negativa) (com escores variando de 0 a 108 em ambas as dimensões). Tal ação foi empreendida a fim de facilitar comparações entre o ITC e o ITC-CA. Análises de consistência interna indicaram alfas de *Cronbach* para as subescalas variando entre 0,89 a 0,92 para as positivas e 0,74 a 0,85 para as negativas. As dimensões “Negatividade” e “Positividade” apresentaram alfas de 0,9 (ambas).

- Inventário de Dimensões da Adulthood Emergente (*Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood – IDEA*; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007)

Também apresentado previamente na presente tese (Estudo I), o IDEA foi incluído no formulário online a fim de possibilitar a avaliação da autopercepção dos participantes sobre seu momento de vida. No presente estudo foram verificados alfas de *Cronbach* nas subescalas variando de ruins (“Foco em outros”=0,5) a bons (“Negatividade/Instabilidade”=0,85), e excelente para a escala total ($\alpha=0,9$). Uma possível explicação para o baixo desempenho da subescala “Foco em outros” é sua baixa quantidade de itens (apenas dois).

4.3.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa

Como já destacado anteriormente, esse projeto de pesquisa configura-se como um prolongamento do projeto “Relacionamento Familiar, Sintomas Internalizantes e Vulnerabilidade Cognitiva em Adolescentes e seus Pais” (Teodoro, 2013), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale dos Sinos (Protocolo N° 0041.0.390.000-09). Os participantes que preencheram os critérios de inclusão foram contatados por meio de ligação telefônica ou via contato eletrônico (*email* ou mensagem na página pessoal do participante no *Facebook*). Essa etapa teve por objetivo retomar um contato com os participantes para convidá-los a ingressarem na nova fase da pesquisa. Nesse momento foram oferecidas informações acerca dos objetivos do estudo e dos aspectos éticos da participação, com ênfase no caráter voluntário e na garantia do sigilo e anonimidade das informações. Considerando que a anuência para participação na pesquisa já havia sido concedida à época da primeira coleta de dados (via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e pelos próprios adolescentes), considerou-se a anuência via contato telefônico ou eletrônico e o preenchimento do formulário como para que os participantes fossem incluídos na amostra.

Cabe destacar que, previamente à etapa de contato e convite aos participantes, o formulário online com as perguntas e instrumentos foi submetido à avaliação qualitativa por seis jovens adultos (com idades entre 18 e 25 anos). A partir do relato dos mesmos foram feitas pequenas correções e alterações em algumas das instruções.

Na sequência dos contatos com os potenciais participantes e demonstração de interesse dos mesmos em participar da pesquisa foram enviados por mensagem no *Whatsapp*, por email ou via mensagem na página pessoal do participante no *Facebook*, o *link* para acesso e preenchimento *online* dos instrumentos. Após o envio do *link*, os participantes foram contatados por telefone, a fim de incentivar o preenchimento e esclarecer quaisquer dúvidas dos mesmos. Aqueles que não responderem os instrumentos no prazo de duas semanas foram novamente contatados a fim de esclarecer os motivos da não adesão. Tais procedimentos de contato com os participantes foram conduzidos por três graduandos em Psicologia (UFMG), voluntários de iniciação científica, orientados ao longo do processo pela pesquisadora responsável pelo projeto.

4.3.5 Análises dos Dados

Os dados provenientes das três etapas foram analisados nos programas SPSS 18.0® (*Statistical Package for Social Science* 18.0). Primariamente foram conduzidas análises descritivas (médias e DPs, frequências) para caracterização da amostra e dos escores nos instrumentos, juntamente à verificação da normalidade das variáveis não categóricas. Foram adotados como critérios para determinação de normalidade: valores de p iguais e superiores a 0,05 no teste *Shapiro-Wilk*; produtos da razão entre coeficiente de assimetria e erro padrão entre -1,96 e +1,96 (Miot, 2017).

A partir da verificação da normalidade foram empreendidas análises de correlação entre as variáveis dentro de cada tempo e entre tempos, sendo utilizada a seguinte orientação de interpretação dos coeficientes: pequenos ($0,1 < \rho < 0,29$), moderados ($0,3 < \rho < 0,49$) e grandes ($> 0,5$) (Cohen, 1988). Também foram conduzidas análises de comparação entre grupos por meio de testes para amostras independentes (qui-quadrado, *Mann Whitney* e *Kruskall-Wallis*). O coeficiente V de Cramer foi utilizado como referência na interpretação da magnitude das diferenças nas variáveis nominais, sendo considerados os seguintes critérios: pequena de 0,1 a 0,29, média de 0,3 a 0,49 e grande se maior ou igual a 0,5 (Cohen, 1988). Os desempenhos dos participantes nas variáveis não nominais foram comparados usando os testes U de *Mann Whitney* e H de *Kruskal-Wallis*. A fim de verificar o tamanho do efeito dessas diferenças utilizou-se o cálculo $r(Z/\sqrt{n})$, para o qual adotou-se a mesma referência de interpretação do V de Cramer (Cohen, 1988). Tanto nas análises de correlação quanto nas de comparação entre grupos utilizou-se um nível de significância de 0,05.

4.4 Resultados

4.4.1 Verificação da normalidade dos dados

Como descrito previamente, a normalidade das variáveis dependentes foi avaliada por meio do teste *Shapiro-Wilk* e da análise da assimetria das distribuições. Verificou-se que apenas três, das 25 variáveis, apresentaram valores de p superiores a 0,05 no teste de *Shapiro-Wilk*. Na análise da assimetria (assimetria/erro padrão), o número de variáveis com distribuição semelhante à normal subiu para nove. Diante de tais resultados, optou-se por empreender apenas análises estatísticas não paramétricas. Primeiramente, optou-se por apresentar, nas estatísticas descritivas, informações sobre as médias e desvios-padrão,

medianas e distâncias interquartílicas. Em seguida foram conduzidas análises de correlação (*Spearman*) e testes de comparação entre grupos. Nas comparações entre amostras independentes (dentre e entre tempos) foram utilizados os testes de qui-quadrado, o teste de *Mann-Whitney* para duas amostras e o teste de *Kruskal-Wallis* para k amostras.

4.4.2 Análises Descritivas

Considerando a distribuição não normal dos dados, optou-se pelo cálculo das medianas, quartis 1 (percentil 25) e 3 (percentil 75) e das distâncias interquartílicas das subescalas e escalas totais dos três instrumentos aplicados (ITC-CA, ITC e IDEA). Para tanto, considerou-se a amostra total e diferentes subgrupos determinados a partir das variáveis sexo, escolaridade, com quem o participante mora, experiência de trabalho remunerado e nível socioeconômico (Vide Tabelas 19, 20 e 21, no Apêndice 2). A decisão por essa apresentação foi tomada a fim de subsidiar as interpretações das análises de comparação entre grupos, a serem apresentadas posteriormente nesse estudo.

4.4.3 Análises de correlação entre as variáveis

Foram conduzidas análises de correlação de *Spearman* entre as variáveis idade (T1 e T2), e as subescalas e escalas totais do ITC-CA (aplicado no T1), ITC (aplicado no T2) e IDEA (aplicado no T2), cujos resultados podem ser vistos na Tabela 18 (Apêndice 2). Primeiramente, constatou-se a variável idade no T1 associou-se positivamente à MP ($\rho=-0,5$; $p<0,05$). A idade no T2 não se associou de forma estatisticamente significativa a nenhuma das variáveis.

As hipóteses de associação entre e dentre as subescalas dos inventários da tríade cognitiva (ITC-CA e ITC) foram parcialmente confirmadas. No ITC-CA, apenas duas correlações com significância estatística foram encontradas (SP e MP; SP e FP; $\rho=0,4$; $p<0,05$ para ambas as associações). Não foram verificadas correlações entre a dimensão Positividade e nenhuma subescala positiva, nem entre as subescalas positivas e demais subescalas do ITC-CA. Entre as subescalas negativas e a dimensão Negatividade foram verificados coeficientes de correlação positivos e estatisticamente significativos variando entre 0,5 a 0,9 ($p<0,001$). Por fim, a dimensão Positividade correlacionou-se negativamente com todas as subescalas negativas e com a dimensão Negatividade ($-0,4 < \rho > -0,6$; $p<0,001$).

No ITC, todas as subescalas correlacionaram-se entre si de forma significativa e no sentido esperado (exceto FP e MN). Dentre as subescalas positivas e a dimensão Positividade os coeficientes variaram entre 0,7 e 0,9 e dentre as negativas apresentaram-se entre 0,8 e 0,96 ($p < 0,001$). Quando consideradas as associações entre subescalas positivas e negativas, os coeficientes se mantiveram estatisticamente significativos, mas apresentaram-se na direção inversa, variando entre -0,4 ($p < 0,5$) a -0,6 ($p < 0,001$).

O padrão de associações entre as subescalas do IDEA também se apresentou dentro do esperado, com coeficientes positivos indo de 0,5 a 0,6 ($p < 0,001$). Destacam-se as subescalas “Ambivalência” e “Foco em outros”, que apresentaram, respectivamente, uma (com “Negatividade/Instabilidade”: $\rho = 0,6$; $p < 0,05$) e nenhuma correlação estatisticamente significativa. Os coeficientes de correlação entre as subescalas e a escala total do IDEA variaram entre 0,6 e 0,8 ($p < 0,001$).

A hipótese de estabilidade longitudinal das tríades cognitivas também foi parcialmente confirmada. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a dimensão Positividade do ITC-CA e duas subescalas positivas (MP e FP) e com a dimensão Positividade do ITC ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$, em todos os casos). O mesmo coeficiente foi verificado entre a subescala “Self Negativo” do ITC-CA e as subescalas SN e MN do ITC. A subescala SN do ITC-CA também se associou de forma negativa à MP e à dimensão Positividade do ITC ($\rho = -0,4$; $p < 0,05$ para as duas associações). Não foram verificadas correlações com significância estatística dentre as demais subescalas e dimensões.

Por fim, a hipótese principal do presente estudo é a de que a percepção de adultos emergentes sobre seu momento de vida seria influenciada pelo modo como eles percebem atualmente e como percebiam a si mesmos, aos outros e ao futuro no passado. Considerando as tríades cognitivas na adolescência, verificou-se que FP associou-se positivamente às dimensões “Exploração de Identidade” ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$), “Experimentação/Possibilidades” ($\rho = 0,5$; $p < 0,05$) e “Foco em outros” ($\rho = 0,5$; $p < 0,001$). A subescala “Experimentação/Possibilidades” também se correlacionou positivamente à MN ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$).

O perfil de associações entre a percepção de adulez emergente e as tríades cognitivas no momento atual apresentou-se ainda mais substancial, sendo que três, das seis subescalas do IDEA, apresentaram coeficientes de correlação estatisticamente significativos com as subescalas do ITC. Primeiramente, “Exploração de Identidade” associou-se positivamente à MN, enquanto “Experimentação/Possibilidades” associou-se a FP ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$ para ambas as associações). A subescala “Negatividade/Instabilidade” apresentou coeficientes de

correlação estatisticamente significativos com todas as subescalas e dimensões do ITC, exceto FP. Tais associações foram positivas com as subescalas e dimensão negativas ($0,5 < \rho > 0,6$; $p < 0,001$) e negativas com as subescalas positivas ($-0,4 < \rho > -0,6$; $p < 0,001$). As subescalas “Foco em si mesmo”, “Foco em outros” e “Ambivalência” não apresentaram nenhum coeficiente com significância estatística.

A escala total do IDEA também se correlacionou de forma estatisticamente significativa com três subescalas e uma dimensão do ITC. A percepção de adultez emergente associou-se positivamente às visões negativas de si mesmo ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$) e do mundo ($\rho = 0,6$; $p < 0,001$) e à dimensão Negatividade ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$). Também foi verificada associação negativa entre a escala total do IDEA e SP ($\rho = -0,4$; $p < 0,05$). Cabe destacar aqui que, dentre as quatro correlações com significância estatística entre a percepção de AE e as tríades (positiva e negativa) na adolescência, apenas a associação entre “Experimentação/Possibilidades” e a visão positiva de futuro se manteve no tempo 2.

4.4.4 Análises de comparação entre grupos

Análises de qui-quadrado indicaram uma única associação, encontrada entre as variáveis “escolaridade” e “com quem o participante mora”. Identificou-se que todos aqueles que moram com amigos ou colegas estão fazendo ensino técnico ou superior ($\chi^2 = 7,3$). O V de Cramer, medida de associação entre variáveis qualitativas, foi de 0,5 ($p < 0,05$), indicando associação estatisticamente significativa e grande (Cohen, 1988). Não foram encontradas outras associações entre as demais variáveis categóricas.

A fim de empreender análises de comparação entre duas amostras independentes foi necessário, primeiramente, reagrupar os participantes em relação à escolaridade. Nesse processo, aqueles que estão cursando ensino técnico ou superior ($n = 17$) puderam ser comparados aos demais ($n = 17$). Em relação ao nível socioeconômico, optou-se por agrupar os cinco níveis encontrados em três subgrupos (A e B1; B2; C1 e C2).

Quanto ao sexo, foram encontradas duas diferenças estatisticamente significativas em MN ($U = 69$; $p < 0,05$; $r = -0,4$) e em Negatividade do ITC-CA ($U = 70,5$; $p < 0,05$). Em ambos os casos as adolescentes do sexo feminino apresentaram maiores e os tamanhos de efeito foram moderados ($r = -0,4$). Adolescentes que estão cursando ensino técnico ou superior são mais velhos ($U = 31$; $p < 0,001$; $r = -0,7$) e apresentaram maiores medianas e menores DIQs na subescala “Experimentação/Possibilidades” ($U = 52$; $p = 0,001$; $r = -0,6$) e no IDEA Total ($U = 84$;

$p < 0,05$; $r = -0,4$). As duas primeiras diferenças apresentaram tamanhos de efeito grandes, enquanto a da terceira foi moderado.

Em relação ao status ocupacional, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção de AE e nas tríades cognitivas, mas verificou-se que aqueles que trabalham ou já trabalharam são mais velhos do que os que nunca trabalharam ($U = 82,5$; $p < 0,05$; $r = -0,3$), mas o tamanho de efeito é moderado. Jovens que moram com sozinhos ou com colegas/amigos mostraram maior concordância com a ideia de adultez emergente como um momento de experimentação e possibilidades ($U = 23,5$; $p < 0,05$) e se percebem mais ambivalentes em relação a serem ou não adultos ($U = 27$; $p < 0,05$) do que jovens que moram com familiares, sendo ambas as diferenças moderadas ($r = -0,4$). De forma similar ao encontrado em outros subgrupos, as distâncias interquartílicas também foram menores entre os jovens que não moram com familiares, o que pode ser explicado pela diferença no tamanho dos subgrupos (28 versus 5; há um *missing*, logo o $n = 33$).

Quando considerado o nível socioeconômico, foram encontradas quatro diferenças estatisticamente significativas no ITC: SN [$\chi^2(2) = 12,6$; $p < 0,05$]; MN [$\chi^2(2) = 11,5$; $p < 0,05$]; FN [$\chi^2(2) = 8,6$; $p < 0,05$] e Negatividade [$\chi^2(2) = 12,5$; $p < 0,05$]. A fim de descobrir onde estão as diferenças com significância estatística foram empreendidos testes U de *Mann-Whitney* com cada par, utilizando a correção de *Bonferroni* (α ajustado = $0,05/\text{número de comparações}$) para manter o nível de significância constante. Em todos os casos, o grupo com menor nível socioeconômico (C1 e C2) apresentou maiores medianas, sendo que as comparações com o nível B2 apresentaram os maiores tamanhos de efeito ($-0,6 < r < -0,7$). Não houve diferença significativa entre C1 e C2 e A e B1 na subescala FN, tendo os tamanhos de efeito das demais diferenças (SN, MN e Negatividade) variado entre $-0,5$ e $-0,6$ (grandes).

4.5 Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal verificar de que forma as tríades cognitivas na adolescência se associam à percepção de adultez emergente e às tríades cognitivas anos depois. Os resultados das análises de correlação entre os instrumentos de avaliação da tríade apontam tanto para a validade de construto dos mesmos quanto acerca da estabilidade das crenças ao longo do tempo, parcialmente confirmada. Também foram encontradas associações no sentido teoricamente esperado entre as tríades e a percepção de adultez emergente.

A fim de melhor fundamentar a discussão dos resultados, primeiramente é preciso ponderar sobre a confiabilidade (avaliada por meio do coeficiente alfa de *Cronbach*) dos instrumentos utilizados. Considerando o inventário de percepção da AE (IDEA), é possível afirmar que os alfas encontrados no presente estudo ($0,5 < \alpha < 0,85$) foram predominantemente compatíveis aos encontrados na adaptação do IDEA (Dutra-Thomé, 2013). No estudo de adaptação, a subescala com menor consistência interna foi “Foco em si mesmo” ($\alpha=0,7$), enquanto no presente estudo foi em “Foco em outros” ($\alpha=0,5$), qualificado como ruim (Zanon & Filho, 2015).

Na versão espanhola do IDEA os autores (Sánchez-Queija *et al.*, 2018) também encontraram na subescala “Ambivalência” um alfa questionável ($\alpha=0,55$), tendo os autores justificado tal resultado por conta da quantidade de itens (três, mesma quantidade de “Foco em outros”). Como já destacado previamente, a baixa precisão da subescala pode ser devida à quantidade de itens que a compõem (apenas três). Outra possibilidade para a discrepância entre os coeficientes alfa obtidos por Dutra-Thomé (2013) e no presente está na diferença entre os tamanhos amostrais (547 *versus* 34, respectivamente) e de faixa etária (18 a 29 anos *versus* 17 a 21 anos, respectivamente).

De uma forma geral, os coeficientes alfa dos inventários de avaliação da tríade (ITC-CA e ITC) foram melhores do que os encontrados no IDEA, tendo variado entre questionáveis (subescala MN do ITC-CA: $\alpha=0,6$), aceitáveis e bons ($0,7 < \alpha < 0,8$) e excelentes ($\alpha=0,9$). Considerando que a consistência interna é um indicador do grau de confiabilidade de uma medida, é importante analisar os resultados das demais análises com parcimônia. É possível que a baixa precisão da subescala “Foco em outros” (IDEA) possa explicar parcialmente a verificação de apenas uma correlação com significância estatística (com FP do ITC-CA).

Considerando a adultez emergente como uma fase do ciclo de vida altamente heterogênea, perpassada por variáveis históricas, sociais e culturais, é impossível considerar que o IDEA, sendo um instrumento desenvolvido no contexto norteamericano, pode apresentar lacunas na avaliação da AE entre jovens brasileiros. As autoras da adaptação brasileira encontraram, dentre outros resultados, diferenças na distribuição dos itens entre os fatores e concluíram sobre a necessidade de revisão tanto da adaptação quanto do instrumento original (Dutra-Thomé & Koller, 2017). Por fim, apesar da presença de um coeficiente alfa questionável e outro ruim, pode-se afirmar que tanto o IDEA quanto os demais instrumentos utilizados informam de forma confiável sobre os construtos-alvo.

Em relação às correlações entre as variáveis, destacou-se entre os resultados a ausência de associações entre idade e as subescalas e escala total do IDEA. De fato, a única variável a

associar-se de forma significativa com idade (no T1) foi a subescala FP (ITC-CA). Apesar de serem teoricamente esperadas, as associações estatisticamente significativas entre a percepção de AE e idade também estão presentes de forma inconsistente em outros estudos. Dutra-Thomé (2013) avaliou 547 jovens brasileiros com idades entre 18 e 29 anos, tendo encontrado apenas duas associações de baixa magnitude entre idade e o IDEA, sendo uma positiva (“Foco em Outros”; $r=0,12$; $p<0,05$) e outra negativa (“Ambivalência”; $r=-0,22$; $p<0,05$). Reifman *et al.* (2016) também encontraram associações negativas (em indivíduos de 18 a 70 anos) e positivas (entre jovens de 12 a 26 anos) entre idade e as dimensões do IDEA. Cabe destacar aqui que, no presente estudo, além do pequeno tamanho amostral, verifica-se pouca variação na idade dos participantes (amplitude de apenas cinco anos), característica que pode explicar a falta de associações entre essa e as demais variáveis.

Os coeficientes de correlação encontrados dentre as subescalas nos três inventários (ITC-CA, ITC e IDEA) podem ser compreendidos como evidências de validade de construto dos mesmos. Destacam-se positivamente as subescalas negativas do ITC-CA e todas as subescalas do ITC, que apresentaram, entre si, correlações significativas e na direção esperada. A ausência de associações entre as subescalas MP e FP e entre as subescalas positivas e a dimensão Positividade (todas do ITC-CA) pode se dever ao tamanho amostral reduzido, já que não há problemas na precisão das subescalas. Nesse caso, pode-se levantar a possibilidade de que as associações entre as visões negativas sejam mais intensas e mais passíveis de serem identificadas, mesmo em pequenas amostras, quando comparadas às associações entre as visões positivas.

Os coeficientes de correlação entre as subescalas dos inventários das tríades cognitivas podem ser analisados tanto como indicadores de validade de construto quanto como indicadores da estabilidade das crenças. É possível dizer que essa hipótese (de estabilidade) foi parcialmente confirmada pelas correlações estatisticamente significativas entre crenças na AE e a Positividade e SN na adolescência. Enquanto a subescala SN associou-se negativamente a MP e Positividade e positivamente a SN e MN (no T2), a dimensão correlacionou-se positivamente com MP, FP e Positividade (no T2). Não foi encontrado na literatura outro estudo que tenha avaliado a estabilidade das crenças usando intervalo temporal tão extenso, impossibilitando comparações com esses achados e indicando uma lacuna importante a ser preenchida por estudos futuros sobre a estabilidade temporal da tríade cognitiva.

Dentre as dimensões do IDEA, os coeficientes de correlação com significância estatística foram compatíveis ao esperado teoricamente. Destacaram-se negativamente as

dimensões “Ambivalência” e “Foco em outros”, que apresentaram duas e nenhuma correlação, respectivamente. É possível que tais resultados se relacionem à precisão das subescalas (alfas de *Cronbach* de 0,7 e 0,5), que foram moderada e aceitável. Também é possível pensar que o baixo N tenha resultado em baixa variação nos dados, comprometendo a força de associação das variáveis.

Quando considerados as correlações entre as tríades cognitivas (na adolescência e na AE), foram encontrados resultados interessantes. A visão positiva de futuro na adolescência associou-se positivamente às dimensões “Exploração de Identidade”, “Experimentação/Possibilidades” e “Foco em outros” com coeficientes moderado e grandes (0,4, 0,5, 0,5, respectivamente). É possível que a presença de uma visão mais positiva sobre o futuro na adolescência forme as bases para que as mudanças e desafios característicos da AE sejam vivenciados de forma mais otimista, com maior esperança de desfechos positivos. Também é possível que outras variáveis presentes na adolescência e não avaliadas nesse estudo, como suporte parental ou nível socioeconômico, se associem tanto ao desenvolvimento de uma visão positiva do futuro quanto à vivência da AE anos depois.

Resultados análogos foram encontrados por Reifman *et al.* (2016), que verificaram correlações entre essas mesmas dimensões do IDEA (acrescidas de “Foco em si mesmo”) e o construto “orientação futura”. Tal construto diz respeito ao modo com o qual o indivíduo age atualmente considerando consequências futuras em detrimento de resultados imediatos. Cabe destacar que, apesar de ambos os construtos se associarem ao futuro, eles não são compatíveis. A visão positiva de futuro da tríade cognitiva se caracteriza pela crença de que eventos agradáveis ocorrerão no futuro (Teodoro *et al.*, 2015), enquanto a orientação futura diz respeito à consideração de desfechos agradáveis e desagradáveis no futuro e seu impacto no comportamento atual.

Por fim, a visão negativa de mundo na adolescência associou-se de forma positiva e moderada ($p=0,4$) à dimensão “Experimentação/Possibilidades” do IDEA. Tal resultado, a princípio, não condiz com o esperado teoricamente, na medida em que a busca por diferentes possibilidades e experiências está associada a uma visão mais positiva, ao menos sobre o futuro (Arnett, 2000). Cabe destacar que não foram encontrados coeficientes de correlação estatisticamente significativos ($p<0,05$) entre as visões negativas de mundo nos tempos 1 e 2, ou entre a visão negativa de mundo no T2 e a dimensão “Experimentação/Possibilidades”. Sendo assim, pode-se pensar na possibilidade de que uma terceira variável associe-se a ambas, explicando a covariância moderada.

Em relação à percepção de AE e a tríade cognitiva atual, verificou-se maior quantidade de coeficientes de correlação com significância estatística. Como esperado, a dimensão “Negatividade/Instabilidade” se correlacionou positivamente com todas as subescalas e dimensão negativas ($0,5 < \rho < 0,6$; $p < 0,001$) e negativamente com as positivas (exceto FP; $-0,4 < \rho < -0,6$; $p < 0,001$). Outro resultado interessante foi a “Experimentação/Possibilidades” associou-se de forma significativa à FP em ambos os tempos (adolescência e AE). Esse resultado não pode ser explicado pela estabilidade das crenças, já que as visões positivas de futuro na adolescência e seis anos depois não se associaram. Tais resultados indicam a possibilidade de que outra variável, não avaliada e com considerável estabilidade, esteja associada simultaneamente à FP e à dimensão da AE, explicando a covariância entre ambas.

Em contraponto às expectativas teóricas, verificou-se a associação positiva entre a dimensão “Exploração de Identidade” e a visão negativa sobre o mundo atual ($\rho = 0,4$; $p < 0,05$), resultado que se aproximada associação entre MN na adolescência e “Experimentação/Possibilidades” na AE. Considerando a falta de suporte teórico e ausência de pesquisas que tenham avaliado construtos análogos à visão negativa de mundo e AE, caberia uma análise mais detalhada dos itens do ITC e do ITC-CA que se relacionam de forma mais consistente com as dimensões do IDEA. Infelizmente, o tamanho amostral ($N = 34$) não permite tal análise, mas os resultados apontam possíveis focos de estudo para pesquisas posteriores.

A percepção geral de adultez emergente apresentou correlações estatisticamente significativas com as tríades atuais: coeficientes positivos com SN (moderada), MN (grande) e Negatividade (moderada), e negativo (e moderado) com SP. A compreensão desses resultados fica enviesada pelos resultados das subescalas separadamente, pois é possível que esses coeficientes reflitam, predominantemente, as associações entre as tríades e as subescalas “Negatividade/Instabilidade” e “Exploração de Identidade”, e não a percepção geral de AE.

De uma forma geral, as associações entre as tríades e a percepção de AE vão de encontro à hipótese previamente delimitada, podendo ser compreendidos como uma evidência de que a forma como o indivíduo percebe a si mesmo, ao mundo e ao seu futuro influencia no modo como este irá perceber seu momento de vida (adultez emergente). Apesar do delineamento do estudo não possibilitar inferências de causalidade entre as variáveis, mostra-se coerente teoricamente e consistente com os dados hipotetizar que as crenças centrais influenciam a percepção das dimensões de adultez, por serem desenvolvidos antes, na infância e adolescência, e terem atuação mais ampla no processamento de informação do indivíduo (Knapp & Beck, 2008; Neufeld & Cavenage, 2010). Apesar de serem mais amplas e

gerais do que as percepções sobre a AE, as crenças das tríades cognitivas são desenvolvidas na infância e adolescência a partir da interação entre disposições genéticas e circunstâncias de vida (Ohno & Teodoro, 2017). Sendo as tríades formadas na interação entre sujeito e ambiente, é possível que fatores familiares, sociais e culturais presentes na adolescência, e que se mantiveram razoavelmente estáveis na AE, possam explicar as associações entre as crenças e as percepções dessa fase.

A fim de verificar a influência de outros fatores individuais e sociais nas tríades e na percepção de AE, foram conduzidas análises de comparação entre grupos. Considerando o reduzido tamanho amostral e suas implicações na variabilidade dos dados, é necessário analisar os resultados (mesmo aqueles com significância estatística e tamanhos de efeito grandes) com cautela. Inicialmente identificou-se que todos os participantes que não moram com familiares também estavam cursando ensino técnico ou graduação. Tal resultado vai de encontro à realidade do país, que vivencia aumento no acesso ao ensino superior e no número de alunos estudando em instituições geograficamente distantes de sua moradia. De acordo com Gómez e Torres (2015), no ano de 2013, 13% dos jovens matricularam-se fora do seu estado de origem, movimento que implica, muitas vezes, em morar sozinho ou em moradias compartilhadas.

Quando avaliadas diferenças nas tríades cognitivas, constatou-se que as jovens do sexo feminino apresentaram, na adolescência, escores maiores em MN e Negatividade, sendo os tamanhos de efeito moderados. Esses resultados vão de encontro à revisão da literatura conduzida por Almeida (2014), que evidenciou diferenças associadas ao sexo no estilo cognitivo de adolescentes, tendo as meninas maior tendência a processarem informação de forma negativa. Cabe destacar que não houve manutenção das diferenças entre os participantes na AE, sugerindo que a AE possa ser uma fase na qual homens e mulheres se diferenciem menos em suas tríades cognitivas.

Também foi encontrada maior intensidade de crenças negativas atuais entre jovens classificados em níveis socioeconômicos mais baixos (C1 e C2) em comparação aos demais, tendo todas as diferenças tamanhos de efeito grandes. Como destacado previamente, a condição socioeconômica encontra-se associada a várias psicopatologias (Eaton, Muntaner, Bovasso, & Smith, 2001), levando à hipótese do NSE como fator de risco social que atua na manutenção e promoção de visões negativas sobre si mesmo, outras pessoas e seu futuro. Considerando a ausência de mensuração da condição socioeconômica dos participantes no T1, não é possível determinar se tais diferenças já estavam presentes na adolescência dos mesmos,

e de que forma houve mudanças no status socioeconômico e na associação entre NSE e as tríades cognitivas negativa e positiva.

Morar sozinho ou com colegas, realidade atual de cinco (14,7%) participantes, também mostrou-se associada à AE, especificamente nas dimensões “Experimentação/Possibilidades” e “Ambivalência”. Pode-se pensar aqui que o distanciamento das figuras parentais potencializa a experiência da AE como uma fase de maior liberdade e de desafios a serem manejados de forma progressivamente independente, mas ainda mantendo certa dependência da família (Arnett, 2000). Reifman *et al.* (2016) também encontraram maiores escores na dimensão “Experimentação/Possibilidades” dentre adultos emergentes que moram com amigos quando comparados com aqueles que moram com parceiros amorosos.

Também foram encontradas diferenças associadas à escolaridade, sendo que os participantes cursando graduação ou técnico pontuaram mais alto em “Experimentação/Possibilidades” e no “IDEA Total”. Cabe destacar que esse resultado associa-se parcialmente ao resultado previamente apresentado de que aqueles que moram sozinhos ou com colegas (n=5) também cursam técnico ou graduação e apresentam maiores medianas em “Experimentação/Possibilidades”. Devido ao tamanho amostral e objetivo desse estudo não foi possível verificar de que forma as variáveis “com quem mora” e “escolaridade” se associam entre si e com a percepção de AE (especificamente “Experimentação/Possibilidades”).

Separadamente, as diferenças encontradas em escolaridade podem ser interpretadas a partir da teoria e pesquisa sobre a AE. De acordo com Arnett (2016a), o contexto universitário norteamericano é o “ambiente do adulto emergente por excelência” e cerca de 70% dos jovens entram na universidade após o término do *high school*. No ensino superior o jovem tem oportunidade de se aproximar e explorar diferentes carreiras, formas de ver o mundo, e experiências afetivas e amorosas. Além disso, considerando a faculdade como um lugar de preparação e treinamento para a inserção “mundo profissional adulto”, é compatível verificar dentre os jovens cursando graduação uma visão mais otimista sobre suas metas e objetivos futuros.

Outras variáveis, entretanto, precisam ser consideradas a fim de compreender a associação entre a continuar os estudos e perceber-se como adulto emergente. Apesar da tendência de aumento no acesso ao ensino superior, a população universitária continua apresentando importantes particularidades. Nos EUA, por exemplo, a maioria dos adultos emergentes universitários é branca, feminina e com nível socioeconômico mais alto (Arnett, 2016a). No contexto brasileiro, políticas recentes de acesso ao ensino superior contribuíram

para colocar o Brasil próximo a outros países no que se refere ao tamanho da população universitária com idades entre 18 a 22 anos. Contudo, assim como no contexto norteamericano, verifica-se dentre os universitários brasileiros (independente da faixa etária) maior percentual de mulheres (MEC/INEP, 2018). Dados específicos sobre os universitários brasileiros que se enquadram na faixa etária da AE não se encontram disponíveis, o que dificulta o delineamento de outras hipóteses explicativas. Ainda que as diferenças relacionadas à escolaridade estejam enviesadas por outras diferenças sociodemográficas, não se deve descartar a ideia de que o contexto universitário seja, em geral, lugar propício à experiência de adulez emergente aos moldes dos estudos de Jeffrey Arnett.

A ausência de diferenças entre os participantes na percepção de AE em relação ao nível socioeconômico e experiência de trabalho vai contra as hipóteses delineadas previamente. De uma forma geral, é possível que a ausência de uma pergunta direta sobre se considerar adulto possa ter acarretado em subestimação de diferenças entre os subgrupos. No estudo de Dutra-Thomé (2013), por exemplo, com jovens moradores da região sul do Brasil e com idades entre 18 e 29 anos, aqueles com nível socioeconômico baixo se identificaram mais como adultos e tinham mais experiência de trabalho do que o grupo com NSE alto. Por fim, é importante destacar que a AE é uma marcada pela heterogeneidade e complexidade de interações entre variáveis sociais, ambientais e individuais. Além disso, assumir papéis sociais adultos, como ter um trabalho remunerado (e casar-se e ter filhos), pode ser menos importante para a percepção das dimensões de adulez do que perceber a si mesmo como adulto (Arnett, 2001; Dutra-Thomé, 2013).

De uma forma geral, é possível afirmar que o presente estudo inaugura a interseção entre o modelo cognitivo geral, mais especificamente entre as tríades cognitivas (positiva e negativa), e a adulez emergente. Ele também se destaca em relação aos demais estudos da área (tanto da teoria cognitiva quanto sobre a AE) por se tratar de um estudo longitudinal com longo intervalo entre os tempos. Considerando a AE como uma do desenvolvimento extremamente heterogênea, estudos que possam indicar o papel de características psicossociais na experimentação dessa fase se mostram relevantes, sobretudo se contribuírem na identificação de fatores de proteção e risco para o desenvolvimento saudável.

Apesar do tamanho amostral extremamente reduzido (levando a baixa heterogeneidade e impossibilidade de generalizações) e delineamento correlacional (que impede o estabelecimento de relações causais entre as variáveis), os resultados aqui encontrados contribuem para a expansão do conhecimento, tanto sobre a adulez emergente no Brasil quanto acerca da estabilidade das crenças e suas associações com variáveis

sociodemográficas. O presente estudo e seus resultados também contribuem para o campo na medida em que evidenciam lacunas e possíveis problemas a serem investigados em pesquisas futuras.

Em relação às tríades cognitivas, sugere-se que novos estudos busquem verificar a estabilidade das crenças usando intervalos mais longos (anos e décadas), juntamente à investigação de eventos significativos entre as coletas (eventos estressores agradáveis ou desagradáveis). Também relacionada às tríades, apresenta-se como importante a investigação da relação entre fatores ambientais na adolescência e as crenças, juntamente à avaliação dos padrões de continuidade/descontinuidade desses fatores na AE. Dessa forma seria possível testar a hipótese de que piores condições socioeconômicas, se mantendo ao longo da passagem entre a adolescência e a AE, contribuiriam para o desenvolvimento de uma tríade negativa mais forte e dificultariam a experiência da AE, na medida em que tais condições se mostram associadas à assunção de papéis adultos precocemente.

As diferenças encontradas entre os participantes quanto à orientação sexual também apontam para um campo de investigação promissor. A fim de melhor compreender as diferenças nas tríades cognitivas seria importante avaliar em que medida fatores familiares (como qualidade do suporte e afeto), sociais (vivência de preconceito e *bullying*) e individuais (desenvolvimento da identidade sexual e geral) presentes na adolescência poderiam estar associados ao desenvolvimento de visões mais negativas de si, dos outros e do futuro, colocando jovens gays, lésbicas e bissexuais mais vulneráveis a psicopatologias (como a depressão). A respeito das diferenças nas percepções de AE, se mostra imprescindível verificar se elas se mantêm em amostras maiores e mais representativas e de que forma elas se associam a outras particularidades do desenvolvimento desses jovens, especialmente o da identidade. Por fim, acredita-se que seria importante incluir uma questão relacionada à percepção de ser adulto, questão essa que está presente em vários estudos sobre AE (Arnett, 2003; 2016a; 2016b; Arnett & Mitra, 2018; Dutra-Thomé, 2013) e que se mostra complementar à avaliação das dimensões da AE utilizada nesse estudo. É possível que, caso tal pergunta tivesse sido incluída entre as medidas, outras hipóteses do estudo (como diferenças na percepção de AE relacionadas ao NSE e experiência de trabalho) tivessem sido confirmadas.

5. Conclusão Geral

O presente trabalho teve por objetivo principal investigar de que forma a adultez emergente é percebida por jovens brasileiros (predominantemente dos estados de Minas Gerais e Bahia) com idades entre 18 a 29 anos e de que forma tais percepções se associam a variáveis psicológicas e sociodemográficas. Diante do interesse crescente pela adultez emergente, essa tese se destaca por avaliar a percepção dos participantes sobre a fase, ao invés de utilizar referências arbitrárias como idade e assunção de papéis adultos. Ela também inaugura a interseção entre modelo cognitivo e adultez emergente, sugerindo que a forma como essa fase é percebida possa ser (parcialmente) explicada pela forma como o jovem vê a si, ao outro e ao futuro. Em relação ao contexto brasileiro, as pesquisas que utilizam a teoria da adultez emergente de J. Arnett se mostram em crescimento, mas ainda são escassas as que buscam avaliar as percepções dos participantes, e é nesse sentido que os estudos dessa tese possuem maior relevância. Outra contribuição importante (do Estudo I) foi a busca por associações entre as dimensões da AE e indicadores de saúde mental, agregando evidências à compreensão dessa fase como potencialmente favorável ao adoecimento.

De forma geral, foi possível confirmar que os jovens avaliados se percebem como adultos emergentes, tendo a maioria concordado de forma significativa com as dimensões da adultez emergente propostas por Jeffrey Arnett. Para além das dimensões da AE, também se confirmou a postergação de papéis adultos, sobretudo os relacionados à paternidade/maternidade e casamento, sendo a maioria dos participantes dos estudos solteira e sem filhos. O percentual de jovens sem experiência de trabalho também seguiu o esperado, sendo maior entre os mais jovens (estudo II) e menor entre os adultos emergentes do estudo transversal. Também seguindo o esperado, foi mais frequente entre os participantes morar com familiares e depender de outros (sobretudo pai/mãe/pais) para arcar com seus gastos pessoais, também sendo pequeno o percentual de participantes responsáveis pelo pagamento das contas da casa (estudo I).

Em relação à escolaridade, houve predomínio de indivíduos com ensino superior (em curso ou cursado) em ambos os estudos. Tal característica era esperada no estudo I, considerando que a maioria da amostra era proveniente de cursos de graduação na Universidade Federal da Bahia, mas era menos previsível entre os participantes do estudo longitudinal. Esses resultados refletem a realidade da ampliação do acesso ao ensino superior vivido no Brasil nos últimos anos, ao mesmo tempo em que se mostram associados a outra

importante característica das amostras dos estudos: melhores condições socioeconômicas, avaliadas por meia da renda familiar (estudo I) e pelo Critério Brasil (estudos I e II). A esse viés socioeconômico podem ser associados diferentes resultados dos estudos, em especial o alto endosso das dimensões da adulez emergente no IDEA.

Em relação às associações entre AE e variáveis demográficas, as hipóteses iniciais foram parcialmente corroboradas. A ausência de associação significativa com a idade (Estudos I e II) vai contra a expectativa inicial, indicando que a idade seja menos importante do que outras variáveis (NSE, por exemplo) para o processo de se tornar adulto. Além disso, nos estudos nos quais a idade aparece como variável relacionada à experiência da AE percebe-se que foram empreendidas comparações entre grupos etários, ao invés de associações entre a variável contínua. Então, é possível que diferenças significativas fossem encontradas nas comparações entre participantes mais novos e mais velhos.

Outro dois importantes resultados encontrados foram as diferenças na percepção de AE associadas ao gênero e à orientação sexual (Estudo I) dos participantes, especialmente na dimensão “negatividade/instabilidade”, tendo os jovens homossexuais e bissexuais e as mulheres apresentado escores superiores. Também foram encontradas diferenças importantes nos sintomas psicopatológicos e ideação suicida entre os LGBTs e maior estresse entre as mulheres (Estudo I). Especialmente em relação à população LGBT, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que estão mais expostos ao preconceito, discriminação e à violência (justificando maior “negatividade/instabilidade”, sintomas e ideação suicida), esses jovens podem se beneficiar do aumento da liberdade e autonomia típicos da AE para experimentarem e explorarem possibilidades.

As diferenças em relação à escolaridade e experiência de trabalho foram variáveis: no segundo estudo os graduandos apresentaram maior concordância com a AE em comparação a jovens com menor escolaridade, mas a diferença não se manteve na comparação com graduados e pós-graduandos (Estudo I); “ambivalência” foi a única dimensão da AE associada ao status ocupacional, tendo os participantes sem experiência de trabalho apresentado escore médio superior (Estudo I). Diferenças mais consistentes foram verificadas em relação ao NSE, tendo os participantes com melhores condições socioeconômicas apresentado escores mais altos em “Exploração de Identidade” e “Experimentação/Possibilidades” (Estudo I).

Dentre as principais contribuições da presente tese está a identificação de subgrupos na percepção de AE e verificação de diferenças demográficas e em indicadores de saúde mental. Como apresentado no Estudo I, a análise de perfis latentes apontou para a existência

de três perfis, denominados a partir de suas características e da literatura de “transição bloqueada”, “transição moderada” e “perfil de transição”. Contatou-se que a maioria da amostra se encaixava no terceiro perfil, no qual as dimensões da AE foram altamente endossadas (exceto “foco em outros”). Esse resultado pode ser reflexo de especificidades da amostra, dentre elas: indivíduos mais novos, dando continuidade à educação formal no ensino superior, provenientes de famílias com melhores níveis socioeconômicos, financeiramente dependentes de outras pessoas, solteiros e sem filhos. Essas características, em especial a condição financeira, podem interagir entre si e com outras características não avaliadas (individuais, familiares e sociais) e proporcionar aos participantes condições favoráveis à experimentação da AE e postergação da inserção definitiva no “mundo adulto”.

Devido ao pequeno tamanho amostral, que impacta negativamente na variabilidade dos dados e generalização dos achados, os resultados obtidos no estudo II precisam ser analisados com cautela. A partir dos resultados das análises de correlação levantou-se a hipótese de que uma visão mais positiva sobre o futuro na adolescência dê sustentação para que as mudanças e desafios característicos da AE sejam vivenciados de forma mais otimista. Algumas correlações entre a AE e as tríades atuais se apresentaram no sentido esperado (tríade negativa e “negatividade/instabilidade”), mas outras não corresponderam ao esperado. Em ambos os casos, os resultados precisam ser avaliados com cautela, como indicadores de associações a serem sustentadas (ou não) em outras investigações.

Dentre as limitações dos estudos apresentados nessa tese destacam-se as especificidades educacionais e socioeconômicas das amostras que (provavelmente) implicaram em forte viés dos resultados e limitaram a generalização dos achados para outros jovens na faixa etária da AE. Outra limitação importante se associa ao IDEA, que apresentou alguns índices de consistência interna muito baixos (estudo II) e provável efeito de teto (estudo I). Apesar de se diferenciar de outros estudos sobre a AE, indo além de referências etárias e critérios objetivos, é possível que a falta de uma questão direta sobre a percepção de ser (ou não) adulto tenha impactado negativamente na identificação de diferenças entre os participantes de ambos os estudos.

Para a realização de trabalhos futuros, sugerem-se, primeiramente, estratégias de amostragem que visem reduzir o viés socioeconômico e educacional dos resultados a partir da inclusão de indivíduos na faixa etária da AE sem ensino superior e provenientes de grupos socioeconomicamente menos privilegiados. A inclusão de outras variáveis individuais (como traços de personalidade), familiares (percepção de suporte) e sociais (percepção de vitimização/preconceito) pode agregar informações valiosas na compreensão das diferenças

entre jovens, tanto em relação à experimentação da adultez emergente quanto na compreensão de fatores de risco e proteção para adoecimento mental. Caso o interesse seja na determinação de fatores preditores da AE, estudos longitudinais com mais de um *follow up* (medidas repetidas), com amostras maiores e mais representativas e que incluam a avaliação da ocorrência de eventos de vida parecem promissores.

6. Referências

- Abela, J. R. Z. & D'Alessandro, D. U. (2002). Beck's cognitive theory of depression: A test of the diathesis-stress and causal mediation components. *British Journal of Clinical Psychology, 41*(2), 111–128. doi: 10.1348/014466502163912
- Adam, E. K., Chyu, L., Hoyt, L. T., Doane, L. D., Boisjoly, J., Duncan, G. J., Chase-Lansdale, P. L., & McDade, T. W. (2011). Adverse Adolescent Relationship Histories and Young Adult Health: Cumulative Effects of Loneliness, Low Parental Support, Relationship Instability, Intimate Partner Violence, and Loss. *Journal of Adolescent Health, 49*(3), 278–286. doi: 10.1016/j.jadohealth.2010.12.01.
- Almeida, V. M. (2014). *Vulnerabilidade Cognitiva para Depressão em Crianças e Adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Alessandri, G., Caprara, G. V., & Tisak, J. (2011). The Unique Contribution of Positive Orientation to Optimal Functioning: Further Explorations. *European Psychologist, 17*(1), 44–54. doi: 10.1027/1016-9040/a000070
- Allem, J., Lisha, N. E., Soto, D. W., Baezconde-Garbanati, L., & Unger, J. B. (2013). Emerging adulthood themes, role transitions and substance use among Hispanics in Southern California. *Addictive Behaviors, 38*(12), 2797–2800. doi: 10.1016/j.addbeh.2013.08.001
- Allem, J. P., Sussman, S., & Unger, J. B. (2017). The Revised Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA-R) and Substance Use Among College Students. *Evaluation & The Health Professions, 40*(4), 401-408. doi: 10.1177/0163278716660742
- Arias, D. F., & Hernández, A. M. (2007). Emerging Adulthood in Mexican and Spanish Youth: Theories and Realities. *Journal of Adolescent Research, 22*(5), 476-503. doi: 10.1177/0743558407305774

- Arnett, J. J. (2000). Emerging Adulthood: A Theory of Development from the Late Teens Through the Twenties. *American Psychologist*, 55(?), 469–480. doi: 1068-0667/94/I000-0213507.00/0
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the Transition to Adulthood: Perspectives from Adolescence Through Midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143. doi: 10.1023/A:1026450103225
- Arnett, J. J. (2003). Conceptions of the Transition to Adulthood Among Emerging Adults in American Ethnic Groups. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 100(Special Issue), 63-75. doi: 10.1002/cd.75
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235–254. doi: 10.1177/002204260503500202
- Arnett, J. J. (2007). Emerging Adulthood: What Is It, and What Is It Good For? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x
- Arnett, J. J. (2016a). College Students as Emerging Adults: The Developmental Implications of the College Context *Emerging Adulthood*, 4(3), 219-222. doi: 10.1177/2167696815587422
- Arnett, J. J. (2016b). Does emerging adulthood theory apply across social classes? National data on a persistent question. *Emerging Adulthood*, 4(4), 227-235. doi: 10.1177/2167696815613000
- Arnett, J. J., Dutra-Thomé, L. & Koller, S. H. (2018). Adultez emergente: A proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil. In: L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. Nuñez & S. H. Koller (Orgs.). *Adultez Emergente no Brasil* (pp. 13-23). São Paulo: Editora Vetor.
- Arnett, J. J. & Mitra, D. (2018). Are the Features of Emerging Adulthood Developmentally Distinctive? A Comparison of Ages 18–60 in the United States. *Emerging Adulthood*, 19, 1-18. doi: 10.1177/2167696818810073
- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18-29 years: implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569-576. doi: 10.1016/S2215-0366(14)00080-7
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP (2018). Critério Brasil de Classificação Econômica. Disponível em: www.abep.org.br
- Baggio, S., Iglesias, K., Studer, J., & Gmel, G. (2015). An 8-Item Short Form of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA) Among Young Swiss Men. *Evaluation & The Health Professions*, 38(2), 246-254. doi: 10.1177/0163278714540681

- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. & Gmel, G. (2017). Emerging Adulthood: A Time of Changes in Psychosocial Well-Being. *Evaluation & the Health Professions*, 40(4), 383-400. doi: 10.1177/0163278716663602
- Baltes, P. B., Lindenberger, U., & Staudinger, U. M. (2007). Life Span Theory in Developmental *Psychology Handbook of Child Psychology*. I:11. doi: 10.1002/9780470147658.chpsy0111
- Barlett, C. P. & Barlett, N. D. (2015). The young and the restless: Examining the relationships between age, emerging adulthood variables, and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 86, 20-24. doi: 10.1016/j.paid.2015.05.024
- Barlett, C. P., Barlett, N. D., & Chalk, H. M. (2018). Transitioning Through Emerging Adulthood and Physical Health Implications. *Emerging Adulthood*, 6(6), doi: 10.1177/2167696818814642
- Barrera-Herrera, A. & Vinet, E. V. (2017). Adultez Emergente y características culturales de la etapa em universitarios chilenos. *Terapia Psicológica*, 35(1), 47-56. doi: 10.4067/S0718-48082017000100005
- Beck, A. T. (1967). *Depression: Causes and treatment*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- Beckham, E. E., Leber, W. R., Watkins, J. T., Boyer, J. L., & Cook, J. B. (1986). Development of an instrument to measure Beck's cognitive triad: The Cognitive Triad Inventory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(4), 566-567. doi: 10.1037/0022-006X.54.4.566
- Bell, S. & Lee, C. (2008). Transitions in Emerging Adulthood and Stress among Young Australian Women. *International Journal of Behavioral Medicine*, 15(4), 280–288. doi: 10.1080/10705500802365482
- Berlin, K. S., Williams, N. A., & Parra, G. R. (2014). An Introduction to Latent Variable Mixture Modeling (Part 1): Overview and Cross-Sectional Latent Class and Latent Profile Analyses. *Journal of Pediatric Psychology*, 39(2), 174–187. doi: 10.1093/jpepsy/jst084
- Beshai, S., Dobson, K. S., & Abel, A. (2012). Cognition and Dysphoria in Egypt and Canada: An Examination of the Cognitive Triad. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 44(1), 29-39. doi: 10.1037/a0025744
- Black, S. W. & Pössel, P. (2014). Integrating Beck's Cognitive Model and the Response Style Theory in an Adolescent Sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 195-210. doi: 10.1007/s10964-013-0087-2

- Borsa, J. C., Damásio, B. F., Souza, D. S., Koller, S. H., & Caprara, G. V. (2015). Psychometric properties of the Brazilian version of the Positivity Scale (P-Scale). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 61-67. doi: 10.1590/1678-7153.201528107
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Koller, S. H. (2016). Positivity scale (POS): New evidence of validity in the Brazilian context. *Psico-USF*, 21(1), 1-12. doi: 10.1590/1413-82712016210101
- Braet, C., Wante, L., van Beveren, M., & Theuwis, L. (2015). Is the cognitive triad a clear marker of depressive symptoms in youngsters? *European Child & Adolescent Psychiatry*, 24(10), 1261–1268. doi: 10.1007/s00787-015-0674-8
- Caprara, G. V., Alessandri, G., Eisenberg, N., Kupfer, A., Steca, P., Caprara, M. G., ...Abela, J. (2012). The Positivity Scale. *Psychological Assessment*, 24(3), 701-712. doi:10.1037/a0026681
- Caprara, G. V., Alessandri, G., Colaiaco, F., & Zuffianò, A. (2013). Dispositional bases of self-serving positive evaluations. *Personality and Individual Differences*, 55(7), 864–867. doi: 10.1016/j.paid.2013.07.465
- Cattellino, E., Graziano, F., & Calandri, E. (2014). The Mediating Role of Romantic Relationships between Optimism and Depression in Emerging Adults. *Problems of Psychology in the 21st Century*, 8(1), 6-15. doi: 10.1037/a0027267
- Cerchiari, E. A. N., Caetano, D., & Faccenda, O. (2005). Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(3), 413-420. doi: 10.1590/S1413-294X2005000300010
- Chang, E. C., & Chang, O. D. (2016). Development of the Frequency of Suicidal Ideation Inventory: Evidence for validity and reliability of a brief measure of suicidal ideation frequency in a college student population. *Cognitive Therapy and Research*, 40(4), 549–556. doi: 10.1007/s10608-016-9758-0
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2^a ed.). New York, USA: Lawrence Erlbaum Pub.
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), 15-37. doi: 10.9771/23172428rigs.v7i1.24649
- Crocetti, E., Tagliabue, S., Sugimura, K., Nelson, L. J., Takahashi, A., Niwa, T., Sugiura, Y., & Jinno, M. (2015). Perceptions of Emerging Adulthood: A Study With Italian and Japanese University Students and Young Workers. *Emerging Adulthood*, 3(4), 229-243. doi: 10.1177/2167696815569848

- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2011). *Statistics without maths for Psychology* (5th ed.). Harlow, England: Pearson Education.
- Davis, J. P. Dumas, T. M. & Roberts, B. W. (2017). Adverse Childhood Experiences and Development in Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 6(4), 223-234. doi: 10.1177/2167696817725608
- Davis, J. P. Dumas, T. M., Briley, D. A., & Sussman, S. (2018). A Meta-Analysis of the Association Between Substance Use and Emerging Adult Development Using the IDEA Scale. *The American Journal on Addictions*, 27(3), 166–176. doi: 10.1111/ajad.12707
- Dutra-Thomé, L. (2013). *Emerging adulthood in southern brazilians from differing socioeconomic status: social and subjective markers*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do sul, Brasil.
- Dutra-Tomé, L. & Amazarray, M. R. (2018). Transição para a vida adulta e o mundo do trabalho. In: L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. Nuñez & S. H. Koller (Orgs.). *Aduldez Emergente no Brasil* (pp. 25-43). São Paulo: Editora Vetor.
- Dutra-Tomé, L. & Koller, S. H. (2014a). O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo “trabalho”. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(4), 367-380. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400004
- Dutra-Tomé, L. & Koller, S. H. (2014b). Emerging adulthood in brazilians of differing socioeconomic status: transition to adulthood. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 24(59), 313-322. doi: 10.1590/1982-43272459201405
- Dutra-Thomé, L. & Koller, S. H. (2017). Brazilian Version of the Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood: Investigating the Current Transition to Adulthood. *Temas em Psicologia*, 25(3), 901-912. doi: 10.9788/TP2017.3-01
- Dutra-Thomé, L., Nuñez, S., Pereira, A. S., & Koller, S. H. (2018). *Aduldez Emergente no Brasil: Uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica.
- Eaton, W. W., Muntaner, C., Bovasso, G., & Smith, C. (2001). Socioeconomic status and depressive syndrome: the role of inter- and intra-generational mobility, government assistance, and work environment. *Journal of Health and Social Behavior*, 42(3), 277-294. doi: 10.2307/3090215

- Edgerton, J. D., Shaw, S., & Roberts, L. W. (2018). An Exploration of Depression Symptom Trajectories, and Their Predictors in a Canadian Sample of Emerging Adults. *Emerging Adulthood*, 1-11. doi: 10.1177/2167696818778632
- Espírito-Santo, H. A., & Daniel, F. (2015). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (1): As limitações do $p < 0,05$ na análise de diferenças de médias de dois grupos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 1(1), 3-16. doi: 10.7342/ismt.rpics.2017.3.1.48
- Espírito-Santo, H. A., & Daniel, F. (2017). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (2): Guia para reportar a força das relações. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 3(1), 53-64.
- Facio, A., & Micocci, F. (2003). Emerging adulthood in Argentina. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 100, 21-31. doi: 10.1002/cd.72
- Facio, A., Resett, S., Micocci, F., & Mistrorigo, C. (2007). Emerging adulthood in Argentina: An age of diversity and possibilities. *Child Development Perspectives*, 1(2), 115-118. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00025.x
- Fino, E., Iliceto, P., Sabatello, U., Petrucci, F., & Candilera, G. (2014). Self/other Perception Mediates Between Personality and Suicidal Ideation in Young Adults. *European Journal of Psychiatry* 28(2), 104-113. doi: 10.13140/2.1.3864.1285
- Furstenberg, F. (2016). Social Class and Development in Early Adulthood: Some Unsettled Issues. *Emerging Adulthood*, 4(4), 236-238. doi: 10.1177/2167696815625142
- Galambos, N. L., Barker, E. T., & Krahn, H. J. (2006). Depression, self-esteem, and anger in emerging adulthood: Seven-year trajectories. *Developmental Psychology*, 42(2), 350-365. doi: 10.1037/0012-1649.42.2.350
- Galambos, N. L., & Martínez, M. L. (2007). Poised for Emerging Adulthood in Latin America: A Pleasure for the Privileged. *Child Development Perspectives*, 1(2), 109-114. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00024.x
- Galanaki, E., & Leontopoulou, S. (2017). Criteria for the Transition to Adulthood, Developmental Features of Emerging Adulthood, and Views of the Future Among Greek Studying Youth. *Europe's Journal of Psychology*, 13(3), 471-420. doi: 10.5964/ejop.v13i3.1327
- Gaudet, S. (2007). *Emerging Adulthood: A New Stage in the Life Course Implications for Policy Development*. Ottawa, Canada: Government of Canada Policy Research Initiative. Retirado de: <http://www.horizons.gc.ca/eng/content/emerging-adulthood-new-stage-life-course>.

- Gfellner, B. M. & Bartoszek, K. (2015). Emerging Adulthood in North America: Identity Status and Perceptions of Adulthood Among College Students in Canada and the United States. *Emerging Adulthood*, 3(5), 368-372. doi: 10.1177/2167696815595555
- Gilhooly, T., Bergman, A. J., Stieber, J. & Brown, E. J. (2018). Posttraumatic Stress Disorder Symptoms, Family Environment, and Substance Abuse Symptoms in Emerging Adults. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 27(3), 196-209. doi: 10.1080/1067828X.2018.1446861
- Gisi, M. L. (2006). A educação superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. *Revista Diálogo Educacional*, 6(17), 97-112. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116272008>
- Gómez, M. R. F. & Torres, J. C. (2015). Discutindo o acesso e a permanência no Ensino Superior no contexto do SISU (Sistema de Seleção Unificada). *Organizações e Democracia*, 16(1), 69-88. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/5162>
- Gonçalves, A. M. C., Teixeira, M. T. B., Gama, J. R. A., Lopes, C. S., Silva, G. A., Gamarra, C. J., Duque, K. C. D., & Machado, M. L. S. M. (2018). Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 67(2), 101-109. doi: 10.1590/0047-2085000000192
- Greening, L., Stoppelbein, L., Dhossche, D., & Martin, W. (2005). Psychometric Evaluation of a Measure of Beck's Negative Cognitive Triad for Youth: Applications for African-American and Caucasian. *Depression and Anxiety*, 21(4), 161-169. doi: [10.1002/da.20073](https://doi.org/10.1002/da.20073)
- Grissom, R. J. & Kim, J. J. (2005). *Effect sizes for research: A broad practical approach*. Lawrence Erlbaum Associates: London, UK.
- Hagenaars, J. A., & McCutcheon, A. L. (2002). *Applied Latent Class Analysis*. New York, USA: Cambridge University Press.
- Hamdan-Mansour, A. M., Puskar, K., & Bandak, A. G. (2009). Effectiveness of Cognitive-Behavioral Therapy on Depressive Symptomatology, Stress and Coping Strategies among Jordanian University Students. *Issues in Mental Health Nursing*, 30(3), 188-196. doi: 10.1080/01612840802694577
- Hatzenbuehler M. L., Hilt L. M., & Nolen-Hoeksema, S. (2010) Gender, Sexual Orientation, and Vulnerability to Depression. In: Chrisler, J. & McCreary, D. (eds) *Handbook of Gender Research in Psychology*. New York, NY: Springer.

- Henin, A. & Berman, N. (2016). The Promise and Peril of Emerging Adulthood: Introduction to the Special Issue. *Cognitive and Behavioral Practice*, 23(3), 263-269. doi: 10.1016/j.cbpra.2016.05.005
- Hill, J. M. & Bosick, S. J. (2017). “Boomeranging” and Delinquent Behavior in Emerging Adulthood: A Person-Centered Approach to Studying Role Change. *Emerging Adulthood*, 5(6), 417-430. doi: 10.1177/2167696817701049
- Hill, J., Lalji, M., Rossum, G. van, Geest, V. R. van der, & Blokland, A. (2015). Experiencing emerging adulthood in the Netherlands. *Journal of Youth Studies* 18(8), 1-22. doi: 10.1080/13676261.2015.1020934
- Hunt, J. & Einsenberg, D. (2010). Mental Health Problems and Help-Seeking Behavior Among College Students. *Journal of Adolescent Health*, 46(1), 3-10. doi: 10.1016/j.jadohealth.2009.08.008
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *Estatísticas do Registro Civil*. ISSN 0101-2207. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=sobre>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. ISBN: 978-85-240-4448-9. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Características gerais dos domicílios e dos moradores 2017*. ISBN 978-85-240-4457-1. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101566>
- Ingram, R. E. (2003). Origins of cognitive vulnerability to depression. *Cognitive Therapy and Research*, 27, 77-88. doi: 10.1023/A:1022590730752
- Jacobs, L. & Joseph, S. (1997). Cognitive Triad Inventory and its association with symptoms of depression and anxiety in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 22(5), 769-770. doi: 10.1016/S0191-8869(96)00257-7
- Jang, S., Kawashi, I., Chang, J. , Boo, K., Shin, H., Lee, H., & Cho. S. (2009). Marital status, gender, and depression: Analysis of the baseline survey of the Korean Longitudinal Study of Ageing (KLoSA). *Social Science & Medicine*, 69(11), 1608-1615. doi: 10.1016/j.socscimed.2009.09.007

- Jung, T. & Wickrama, K. A. S. (2008). An Introduction to Latent Class Growth Analysis and Growth Mixture Modeling. *Social and Personality Psychology Compass*, 2(1), 302–317. doi: 10.1111/j.1751-9004.2007.00054.x
- Kaslow, N. J., Stark, K. D., Printz, B., Livingston, R., & Tsai, S. L. (1992). Cognitive Triad Inventory for Children: Development and relation to depression and anxiety. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(4), 339-347. doi: 10.1207/s15374424jccp2104_3
- Kessler, R. C., Berglund, P., Demler, O., Jin, R., Merikangas, K. R., Walters, E. E. (2009). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication. *Archives of General Psychiatry*, 62(6), 593-602. doi: 10.1001/archpsyc.62.6.593
- Kessler, R. C., Demler, O., Frank, R. G., Olfson, M., Pincus, H. A., Walters, E. E., Wang, P., Wells, K. B., & Zaslavsky, A. M. (2005). Prevalence and Treatment of Mental Disorders, 1990 to 2003. *The New England Journal of Medicine*, 352(24), 2515-2523. doi: 10.1056/NEJMsa043266
- Knapp, P. & Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30(Supl. II), 54-64. doi: 10.1590/S1516-44462008000600002
- Konick, L. C. & Gutierrez, P. M. (2005). Testing a Model of Suicide Ideation in College Students. *Suicide and Life-Threatening Behavior* 35(2), 181-92. doi: 10.1521/suli.35.2.181.62875
- LaGrange, B., Cole, D. A., Dallaire, D. H., Ciesla, J. A., Pineda, A. Q., Truss, A. E., & Folmer, A. (2008). Developmental Changes in Depressive Cognitions: A Longitudinal Evaluation of the Cognitive Triad Inventory for Children. *Psychological Assessment*, 20(3), 217-226. doi: 10.1037/1040-3590.20.3.217
- Lanctot, J. & Poulin, F. (2017). Emerging Adulthood Features and Adjustment: A Person-Centered Approach. *Emerging Adulthood*, 6(2), 91-103. doi: 10.1177/2167696817706024
- Lakdawalla, Z., Hankin, B. L., & Mermelstein, R. (2007). Cognitive Theories of Depression in Children and Adolescents: A Conceptual and Quantitative Review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 10(1), 1-24. doi: 10.1007/s10567-006-0013-1
- Leontopoulou, S., Mavridis, D., & Giotsa, A. (2016). Psychometric Properties of the Greek Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA): University Student Perceptions of Developmental Features. *Journal of Adult Development* 23(4), 226-244. doi: 10.1007/s10804-016-9239-4

- Lisha, N. E., Grana, R., Sun, P., Rohrbach, L., Spruijt-Metz, D., Reinnan, A. & Sussman, S. (2014). Evaluation of the Psychometric Properties of the Revised Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA-R) in a Sample of Continuation High School Students. *Evaluation & the Health Professions*, 37(2), 156-177. doi: 1177/0163278712452664
- Lorant, V., Delière, D., Eaton, W., Robert, A., Philippot, P. & Anseau, M. (2003). Socioeconomic Inequalities in Depression: A Meta-Analysis. *American Journal of Epidemiology*, 157(2), 98-112. doi: 10.1093/aje/kwf182
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck depression and anxiety inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. doi: 10.1016/j.rbp.2012.05.003
- Lovibond, S. H. & Lovibond, P. F. (2004). *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales* (4th edition). Psychology Foundation: Sydney.
- Luyckx, K., Witte, H. de, & Goosens, L. (2011). Perceived instability in emerging adulthood: The protective role of identity capital. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32(3), 137-145 doi: 10.1016/j.appdev.2011.02.002
- MacLeod, K. B. & Brownlie, E. B. (2014). Mental Health and Transitions from Adolescence to Emerging Adulthood: Developmental and Diversity Considerations. *Canadian Journal of Community Mental Health*, 33(1), 77-86. doi: 10.7870/cjcmh-2014-007
- Machado, W. L., & Bandeira, D. R. (2013). Adaptação e validação da Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21) para o Português brasileiro. *Manuscript submitted for publication*.
- Mak, W. W. S., Ng, I. S. W., & Wong, C. C. Y. (2011). Resilience: Enhancing Well-Being Through the Positive Cognitive Triad. *Journal of Counseling Psychology*, 58(4), 610-617. doi: 10.1037/a0025195
- Maragno, L., Goldbaum, M., Gianini, R. J., Novaes, H. M. D., & César, C. L. G. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em populações atendidas pelo Programa Saúde da Família no Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(8), 1639-1648. doi:10.1590/S0102-311X2006000800012
- Marzana, D., Pérez-Acosta, A. M., Marta, E., & González, M. I. (2010). La transición a la edad adulta en Colombia: una lectura relacional. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 28(1), 99-112. Retirado de <https://psycnet.apa.org/record/2012-24218-008>

- McLachlan G.J. (1987) On bootstrapping the likelihood ratio test statistic for the number of components in a normal mixture. *Applied Statistics*, 36(3), 318-324. doi: 10.2307/2347790
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. doi:10.1037/0033-2909.129.5.674
- MEC/Ministério da Educação (2018). Resumo técnico: Censo da Educação Superior 2016. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- Miot, H. A. (2007). Avaliação da normalidade dos dados em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 16(2), 88-91. doi: 10.1590/1677-5449.041117
- Miranda, C. A., Tarasconi, C. V., & Scortegagna, S. A. (2008). Estudo epidêmico dos transtornos mentais. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 249-257.
- Morgan, E. M. (2013). Contemporary issues in sexual orientation and identity development in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 1(1), 52-66. doi: 10.1177/2167696812469187
- Morris, M. C., Ciesla, J. A., & Garber, J. (2008). A Prospective Study of the Cognitive-Stress Model of Depressive Symptoms in Adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 117(4), 719-734. doi: 10.1037/a0013741
- Negru, O. (2012). The Time Of Your Life: Emerging Adulthood Characteristics In A Sample Of Romanian High-School And University Students. *Cognition, Brain & Behavior*, 16(3), 357-367. ISSN: 1224-8398
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Bates à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005
- Neufeld, C. B., & Cavenage, C. C. (2010). Conceitualização cognitiva de caso: Uma proposta de sistematização a partir da prática clínica e da formação de terapeutas cognitivo-comportamentais. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 6(2), 3-35. doi: 10.5935/1808-5687.20100014
- Olatunji, B. O., Cisler, J. M., & Deacon, B. J. (2010). Efficacy of Cognitive Behavioral Therapy for Anxiety Disorders: A Review of Meta-Analytic Findings. *Psychiatric Clinics of North America*, 33(3), 557-577. doi: 10.1016/j.psc.2010.04.002

- Osse, C. M. C. & Costa, I. I. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(1), 115-122. doi: 10.1590/S0103-166X2011000100012
- Pereira, A., Dutra-Tomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico*, 47(4), 268-278. doi: 10.15448/1980-8623.2016.4.23398
- Pérez, J. C., Cumsille, P., & Martínez, M. L. (2008). *Construct Validity of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood in a Chilean Sample*. Poster session presented at the Bienal Meeting of the Society for Research on Adolescence, Chicago, USA.
- Pössel, P. (2009). Cognitive Triad Inventory (CTI): psychometric properties and factor structure of the German translation. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 40(2), 240–247. doi: 10.1016/j.jbtep.2008.12.001
- Pössel, P. (2017). Comparing Different Sequential Mediational Interpretations of Beck's Cognitive Model of Depression in Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(4), 725-743. doi: 10.1007/s10964-016-0551-x
- Pössel, P., & Thomas, S. D. (2011). Cognitive triad as mediator in the hopelessness model? A short-term longitudinal study. *Journal of Clinical Psychology*, 67, 224–240. doi:10.1002/jclp.20751.
- Regehr, C., Glancy, D., & Pitts, A. (2013). Interventions to reduce stress in university students: A review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 148(1), 1-11. doi: 10.1016/j.jad.2012.11.026
- Reifmann, A., Arnett, J. J. & Colwell, M. J. (2016). The IDEA: Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (Extended analyses to accompany Reifman, Arnett, & Colwell, 2007, Journal of Youth Development). Manuscrito não publicado. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/301689179_The_IDEA_Inventory_of_the_Dimensions_of_Emerging_Adulthood_Extended_analyses_to_accompany_Reifman_Arnett_Colwell_2007_Journal_of_Youth_Development
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2007). Emerging adulthood: Theory, assessment, and application. *Journal of Youth Development*, 2(1), 1-12. doi:10.13072/midss.437
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. (2016). The IDEA: Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (Extended analyses to accompany Reifman, Arnett, & Colwell, 2007, Journal of Youth Development). Technical Report. doi: 10.13140/RG.2.1.3547.6886

- Rosario, M., Reisner, S. L., Corliss, H. L., Wypij, D., Frazier, A. L., & Austin, S. B. (2015). Disparities in depressive distress by sexualorientation in emerging adults: The roles of attachment and stress paradigms. *Archives of Sexual Behavior, 43*(5), 901-916. doi: 10.1007/s10508-013-0129-6
- Salmela-Aro, K., Kiuru, N., Nurmi, J.-E., & Eerola, M. (2014). Antecedents and consequences of transitional pathways to adulthood among university students: 18-year longitudinal study. *Journal of Adult Development, 21*(1), 48-58. doi: 10.1007/s10804-013-9178-2.
- Sánchez-Queija, I., Parra, A., Camacho, C., & Arnett, J. J. (2018). Spanish Version of the Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA-S). *Emerging Adulthood, 9*, 1-18. doi: 10.1177/2167696818804938
- Santos, H. G. B., Marcon, S. R., Espinosa, M. M., Baptista, M. N., & Paulo, P. M. C. de (2017). Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 25*(e2878), 1-8 doi: 10.1590/1518-8345.1592.2878
- Schlattmann, P. (2005). On bootstrapping the number of components in finite mixtures of Poisson distributions. *Statistics & Computing, 15*(3), 179-188. doi: 10.1007/s11222-005-1307-8
- Schulenberg, J. E., Sameroff, A. J., & Cicchetti, D. (2004). The transition to adulthood as a critical juncture in the course of psychopathology and mental health. *Development and Psychopatology, 16*(4), 799-806.
- Schulenberg, J. E., & Zarrett, N. R. (2006). Mental Health During Emerging Adulthood: Continuity and Discontinuity in Courses, Causes, and Functions. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.). *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. (pp. 135-172). Washington, USA: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-006
- Seeds, P. M. & Dozois, D. J. A. (2010). Prospective evaluation of a cognitive vulnerability-stress model for depression: The interaction of schema self-structures and negative life events. *Journal of Clinical Psychology, 66*(12), 1307–1323. doi:10.1002/jclp.20723
- Sheets, E. S., Craighead, L. W., Brosse, A. L., Hauser, M., Madsen, J. W., & Craighead, W. E. (2013). Prevention of recurrence of major depression among emerging adults by a group cognitive-behavioral/interpersonal intervention. *Journal of Affective Disorders, 147*(1-3), 425-430. doi: 10.1016/j.jad.2012.08.036
- Silva, M. G. M. & Veloso, T. C. M. A. (2013). Acesso nas políticas da educação superior: Dimensões e indicadores em questão. *Revista da Avaliação da Educação Superior,*

- 18(3), 727-747. Disponível em: <http://submission.scielo.br/index.php/aval/article/view/86741/8446>
- Silva, V. F., Oliveira, H. B., Botega, N. J., Marín-León, L., Barros, M. B. A., & Dalgalarondo, P. (2006). Fatores associados à ideação suicida na comunidade: um estudo de caso-controle. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(9), 1835-1843. doi: 10.1590/S0102-311X2006000900014
- Skulborstad, H. M. & Hermann, A. D. (2016). Individual Difference Predictors of the Experience of Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 4(3), 168-175. doi: 10.1177/2167696815579
- Souza, C. T.; Petró, C. S.; Gessinger, R. M. (2012). *Um estudo sobre evasão no ensino superior do Brasil nos últimos dez anos: as possíveis causas e fatores que influenciam no abandono*. Trabalho apresentado na Conferência Latinoamericana Sobre o Abandono na Educação Superior (CLABES), Porto Alegre, RS, Brasil.
- Sussman, S. & Arnett, J. J. (2014). Emerging Adulthood: Developmental Period Facilitative of the Addictions. *Evaluation & the Health Professions*, 37(2), 147-155. doi: 10.1177/0163278714521812
- Swanson, J. A. (2016). Trends in Literature About Emerging Adulthood: Review of Empirical Studies. *Emerging Adulthood*, 4(6), 391-402. doi: 10.1177/2167696816630468
- Swanson, J. A., & Walker, E. (2016). Academic versus non-academic emerging adult college student technology use. *Technology, knowledge and learning*, 20(2), 147-158 . doi: 10.1007/s10758-015-9258-4
- Syed, M. (2016). Continuity and change in Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 4(6), 375-377. doi: 10.1177/2167696816661096
- Tagliabue, S., Crocetti, E., & Lanz, M. (2016). Emerging adulthood features and criteria for adulthood: Variable- and person-centered approaches. *Journal of Youth Studies*, 19(3), 1-15. doi: 10.1080/13676261.2015.1074985
- Teodoro, M. L. M. (2013). Relacionamento Familiar, Sintomas Internalizantes e Vulnerabilidade Cognitiva em Adolescentes e seus Pais. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Teodoro, M. L. M., Froeseler, M. V. G., Almeida, V. M., & Ohno, P. M. (2015). Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes: adaptação e propriedades psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 63-72. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000100008

- Teodoro, M.; L. M., Ohno, P. M., & Froeseler, M. V. G. (2016). Estrutura fatorial e propriedades psicométricas do Inventário da Triáde Cognitiva. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 18(1), 87-99. doi: 10.15348/1980-6906/psicologia.v18n1p87-99.
- Teodoro, M. L. M.; & Ohno, P. M. (2017). Desenvolvimento do sistema de crenças. In: C. B. Neufeld; E. M. O. Falcone; B. P. Rangé. (Org.). *PROCOGNITIVA Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: ciclo 4. 1ed.* Porto Alegre: Artmed Panamericana.
- Thompson, M. P., & Swartout, K. (2017). Epidemiology of Suicide Attempts among Youth Transitioning to Adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(1), 1-11. doi: 10.1007/s10964-017-0674-8
- Torquato, J. A., Goulart, A. G., Vicentin, P. & Correa, U. (2010). Avaliação do estresse em estudantes universitários. *Revista Científica Internacional*, 3(14), 140-154. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277753042_AVALIACAO_DO_ESTRESSO_EM_ESTUDANTES_UNIVERSITARIOS
- Vasconcelos-Raposo, J., Soares, A. R., Silva, F., Fernandes, M. G., & Teixeira, C. M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia*, 33(2), 345-354. doi: 10.1590/1982-02752016000200016
- Vignola, R. C., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the Depression Anxiety Stress Scale (DASS) to Brazilian portuguese. *Journal of Affective Disorders*, 155, 104-109. doi: 10.1016/j.jad.2013.10.031
- Wängqvist, M. & Frisé, A. (2011). Identity and Psychological Distress in Emerging Adulthood in Sweden: Is It Always Distressing Not to Know Who to Be and What to Do? *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 11(2), 93–113. doi: 10.1080/15283488.2011.560803
- Weissman, M. M., Bland, R. C., Canino, G. J., Greenwald, S., Hwu, H. G., Joyce, P. R., Karam, E. G., Lee, C. K., Lellouch, J., Lepine, J. P., Newman, S. C., Rubio-Stipec, M., Wells, J. E., Wickramaratne, P. J., Wittchen, H. U., & Yeh, E. K. (1999). Prevalence of suicide ideation and suicide attempts in nine countries. *Psychological Medicine*, 29(1), 9-17.
- Wider, W., Bahari, F. B., Mustapha, M., & Halik, M. H. (2016). Investigating the measurement of Malayan version of Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (M-IDEA) among first year university students in Malaysia. *International Journal of Current Research*, 8(4), 29878-29884. ISSN: 0975-833X

- World Health Organization (2001). *The World Health Report*. Disponível em: http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_ch2_en.pdf?ua=1
- World Health Organization (2004). Prevalence, Severity, and Unmet Need for Treatment of Mental Disorders in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *JAMA*, 291(21), 2581-2590. doi: 10.1001/jama.291.21.2581
- Yim, O., & Ramdeen, K. T. (2015). Hierarchical Cluster Analysis: Comparison of Three Linkage Measures and Application to Psychological Data. *The Quantitative Methods for Psychology*, 11(1), 8-21. doi: 10.20982/tqmp.11.1.p008
- Zanon, C. & Filho, N. H. (2015). Fidedignidade. In: C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 85-95). Porto Alegre: Artmed.

7. APÊNDICE A (Estudo I)

Tabela 1. Descrição da amostra do Estudo I (N=563)

Características	Amostra Total (N=563)	Amostra Geral (n=197)	Amostra UFBA (n=366)
Idade: Mínimo- Máximo; M (DP)	18-29 22,5 (3,0)	18-29 24,3 (3,1)	18-29 21,6 (2,5)
Renda (salários mínimos por pessoa/mês) Mínimo- Máximo; M (DP)	1-6 2,4 (1,1)	1-6 2,9 (1,1)	1-5 2,2 (1,1)
Gênero			
Feminino	416 (73,9%)	154 (78,2%)	262 (71,6%)
Masculino	145 (25,8%)	43 (21,8%)	102 (27,9%)
Outro Gênero	2 (0,4%)	-	2 (0,5%)
Orientação Sexual			
Heterossexual	450 (79,9%)	161 (81,7%)	289 (79,0%)
Homossexual	35 (6,2%)	11 (5,6%)	24 (6,6%)
Bissexual	69 (12,3)	24 (12,2)	45 (12,3)
Outras orientações	3 (0,5%)	-	3 (0,8%)
Preferiu não informar	6 (1,1%)	1 (0,5%)	5 (1,4%)
Estado Civil			
Solteiro (a)	506 (89,9%)	162 (82,2%)	344 (94%)
Casado (a)	30 (5,3%)	18 (9,1%)	12 (3,3%)
Morando junto	26 (4,6%)	16 (8,1%)	10 (2,7%)
Separado (a)/Divorciado (a)	1 (0,2%)	1 (0,5%)	-
Filhos: F (%)	Não tem = 546 (97%)	Não tem = 186 (94,4%)	Não tem = 360 (98,4%)
Transtorno Mental (autorreferido)			
Sem transtorno/quadro	439 (78,0%)	144 (73,1%)	295 (80,6%)
Ansiedade	56 (9,9%)	22 (11,2%)	34 (9,3)
Depressão	28 (5,0%)	15 (7,6%)	13 (3,6)

Ansiedade e Depressão	19 (3,4%)	6 (3,0%)	13(3,6)
Outros	21 (3,7%)	10 (5,1%)	11 (3,0)
Escolaridade			
Conclui EM/ Pré-vestibular	8 (1,4%)	8 (3,1%)	-
Cursa técnico/tecnólogo	2 (0,4%)	2 (1,0%)	-
Cursa graduação	459 (81,5%)	98 (49,7%)	361 (98,6%)
Concluiu graduação/técnico	47 (8,35%)	47 (23,9%)	-
Cursando pós graduação	47 (8,35%)	42 (22,3%)	5 (1,4%)
Status Ocupacional			
Trabalhando no momento	153 (27,2%)	119 (60,4%)	34 (9,3%)
Já trabalhou e está procurando emprego	63 (11,2%)	40 (20,3%)	23 (6,3%)
Já trabalhou, mas não está no momento	129 (22,9%)	14 (7,1%)	115 (31,4%)
Nunca trabalhou	218 (38,7%)	24 (12,2%)	194 (53,0%)
Nível Socioeconômico (NSE)			
Classe A	62 (11,0%)	38 (19,3%)	24 (6,6%)
Classe B1	94 (16,7%)	48 (24,4%)	46 (12,6%)
Classe B2	163 (29,0%)	57 (28,9%)	106 (29,0%)
Classe C1	144 (25,6%)	42 (21,3%)	102 (27,9%)
Classe C2	80 (14,2%)	11 (5,6%)	69 (18,9%)
Classe D	17 (3,0%)	1 (0,5%)	16 (4,4%)
Classe E	3 (0,5%)	-	3 (0,8%)
Com quem mora			
Pai, Mãe, Irmão (a), Irmãos (ãs)	132 (24,0%)	51 (26%)	81 (22,8%)
Pai e Mãe	60 (10,9%)	28 (14,3%)	32 (9,0%)
Pai ou Mãe	18 (3,3%)	-	18 (5,1%)
Outras configurações familiares	162 (29,4%)	57 (29,1)	105 (29,6%)
Marido/Esposa/ Namorado(a)	44 (8,0%)	27 (13,8%)	17 (4,8%)
Amigos/Colegas/República	101 (18,3%)	24 (12,2)	77 (21,7%)
Sozinho (a)	34 (6,1%) ³	9 (4,6%) ¹	25 (7,0%) ²
Principal responsável pelos gastos da casa			
Próprio participante	55 (9,8%)	19 (9,6%)	36 (9,8%)

Pai/Mãe/Pais	250 (44,4%)	85 (43,2%)	165 (45,1%)
Todos	244 (43,3%)	79 (40,1%)	165 (45,1%)
Marido/Companheiro	4 (0,7%)	4 (2,0%)	-
Outros	10 (1,8%)	10 (5,1%)	-
Principal responsável pelos gastos pessoais do participante			
Próprio participante	252 (44,8%)	117 (59,4%)	135 (36,9%)
Pai/Mãe/Pais	299 (54%)	74 (37,6%)	225 (61,5%)
Todos	2 (0,4%)	2 (1,0%)	-
Marido/Companheiro	2 (0,4%)	2 (1,0%)	6 (1,6%)
Outros	2 (0,4%)	2 (1,0%)	-

¹Variável apresenta um *missing* (n=196); ²Variável apresenta 11 *missing* (n=355); ³Variável apresenta 12 *missing* (n=551)

Tabela 2. Descrição da amostra após agrupamento das variáveis sociodemográficas

Características F (%)	Amostra Total (N=563)	Amostra Geral (n=197)	Amostra UFBA (n=366)
Orientação Sexual			
Heterossexual	289 (80,1%) ³	161 (82%) ¹	450 (80,8%) ⁴
LGBTs	72 (19,9%) ³	35 (18%) ¹	107 (19,2%) ⁴
Estado Civil			
Solteiro (a)	344 (94%)	162 (82,7%) ¹	506 (90%) ⁵
Casado (a)/ Coabitando	22 (6%)	34 (17,3%) ¹	56 (10%) ⁵
Com quem mora			
Familiares	157 (42,9%)	136 (69%)	293 (52%)
Sozinho/Companheiro/Colegas	209 (57,1%)	61 (39%)	270 (48%)
Transtorno Mental (Autorreferido)			
Não tem =	295 (80,6%)	144 (73,1%)	439 (78%)
Escolaridade			
Cursando Graduação/Técnico/Tecnólogo	361 (98,6%)	100 (52,9%) ²	461 (83,1%) ⁶
Concluiu graduação/técnico	-	47 (24,9%) ²	47 (8,5%) ⁶
Cursando pós graduação	5 (1,4%)	42 (22,2%) ²	47 (8,5%) ⁶

Status Ocupacional			
Trabalhando atualmente	34 (9,3%)	119 (60,4%)	153 (27,2%)
Já trabalhou	138 (37,7%)	54 (27,4%)	192 (34,1%)
Nunca trabalhou	194 (53%)	24 (12,2%)	218 (38,7%)
Nível Socioeconômico (NSE)			
Nível 1: Classes A e B1	70 (19,1%)	86 (43,6%)	156 (27,7%)
Nível 2: Classes B2 e C1	208 (56,8%)	99 (50,3%)	307 (54,5%)
Nível 3: Classes C2, D e E	88 (24%)	12 (6,1%)	100 (17,8%)
Principal responsável pelos gastos da casa			
Próprio participante	36 (9,8%)	19 (9,6%)	55 (9,8%)
Pais/Familiares/Marido	165 (45,1%)	99 (50,3%)	264 (46,9%)
Todos	165 (45,1%)	79 (40,1%)	244 (43,3%)
Principal responsável pelos gastos pessoais do participante			
Próprio participante	135 (36,9%)	117 (59,4%)	252 (44,8%)
Pais/ Pai/Mãe	225 (61,5%)	74 (37,6%)	299 (53,1%)
Todos/Marido/Outros	6 (1,6%)	6 (3%)	12 (2,1%)

¹Há um *missing* (n=196); ²Há 8 *missing* (n=189); ³Há 5 *missing* (n=361); ⁴Há 6 *missing* (n=557); ⁵Há 1 *missing* (n=562); ⁶Há 8 *missing* (n=555);

Tabela 3. Estatísticas descritivas do desempenho dos participantes (organizados por subgrupos) no IDEA, DASS-21, FSII-Br e EP

Grupos	Subgrupo	IDEA Explor	IDEA Exper./ Pos	IDEA Negat./ Instab	IDEA Ambiv	IDEA F.Self	IDEA F.Out	IDEA Total	DASS Ans.	DASS Depr.	DASS Estr.	DASS Total	FSII	EP
Origem do participante M (DP)	UFBA	11,9 (3,0)	6,8 (1,9)	15,3 (4,1)	17,6 (4,3)	9,5 (2,5)	3,9 (1,5)	64,8 (11,9)	6,9 (5,9)	7,3 (5,8)	10,6 (5,9)	24,8 (16,2)	8,6 (4,9)	26,6 (5,9)
	Geral	12,1 (2,9)	6,9 (1,7)	14,8 (4,1)	18,1 (3,7)	8,9 (2,95)	3,6 (1,4)	64,4 (10,1)	5,8 (5,5)	7,1 (5,9)	9,6 (5,4)	22,6 (14,9)	9,3 (5,1)	26,3 (5,5)
Gênero M (DP)	Feminino	12,1 (2,9)	6,9 (1,8)	15,5 (4,01)	17,7 (4,2)	9,3 (2,7)	3,8 (1,4)	65,3 (11,3)	7,02 (5,8)	7,5 (5,9)	10,95 (5,7)	25,5 (15,8)	9,1 (5,03)	26,2 (5,6)
	Masculino	11,4 (3,1)	6,8 (1,8)	14,0 (4,2)	17,9 (3,9)	8,8 (2,6)	3,8 (1,5)	62,7 (10,9)	4,96 (5,2)	6,4 (5,6)	8,1 (5,4)	19,4 (14,8)	8,1 (4,7)	27,6 (6,1)

Orientação Sexual M (DP)	Hetero	11,6 (3,01)	6,8 (1,8)	14,7 (4,2)	17,8 (4,2)	9,1 (2,8)	3,8 (1,4)	64,1 (11,5)	6,1 (5,6)	6,6 (5,6)	9,9 (5,7)	22,7 (15,5)	8,2 (4,5)	27,2 (5,4)
	LGBT	12,4 (2,8)	7,1 (1,8)	16,6 (3,7)	17,8 (3,9)	9,6 (2,9)	3,8 (1,5)	67,3 (9,9)	8,0 (6,3)	9,6 (6,2)	11,6 (5,5)	29,2 (15,9)	11,4 (5,8)	23,9 (5,3)
Estado Civil M (DP)	Solteiro (a)	12,0 (2,9)	6,8 (1,8)	15,2 (4,0)	17,6 (4,2)	9,3 (2,5)	3,7 (1,5)	64,8 (11,3)	6,7 (5,8)	7,4 (5,9)	10,3 (5,8)	24,4 (15,9)	9,0 (5,01)	26,3 (5,8)
	Casado (a)/ Coabitando	11,7 (3,5)	7,3 (1,6)	13,9 (4,7)	19,1 (3,2)	8,0 (3,4)	4,2 (1,1)	64,2 (11,1)	5,2 (5,3)	5,3 (4,2)	9,2 (5,3)	19,7 (13,6)	7,4 (3,8)	29,2 (4,0)
Filhos M (DP)	Não tem	11,98 (2,9)	6,9 (1,8)	15,1 (4,2)	17,8 (4,1)	9,2 (2,6)	3,8 (1,5)	64,8 (11,3)	6,4 (5,7)	7,2 (5,8)	10,1 (5,7)	23,7 (15,6)	8,8 (4,9)	26,6 (5,7)
	Tem	11,4 (3,7)	5,6 (2,2)	15,1 (2,99)	16,8 (3,5)	7,7 (3,6)	4,6 (1,1)	61,0 (11,3)	10,4 (7,4)	10,5 (6,9)	13,8 (5,3)	34,7 (18,9)	9,9 (6,2)	24,5 (7,8)
TM Autorref. M (DP)	Não tem	11,97 (2,95)	6,9 (1,8)	14,8 (4,3)	17,9 (4,02)	9,2 (2,7)	3,8 (1,5)	64,6 (11,6)	5,7 (5,3)	6,7 (5,6)	9,6 (5,6)	21,98 (15,1)	8,1 (4,2)	27,2 (5,3)
	Tem TM	11,94 (3,6)	6,8 (1,9)	16,2 (3,4)	17,2 (4,3)	9,4 (2,5)	3,7 (1,4)	65,1 (9,9)	9,4 (6,4)	9,4 (6,2)	12,5 (5,6)	31,3 (16,2)	11,8 (6,3)	24,3 (6,8)
Com quem mora M (DP)	Familiares	12,1 (2,8)	6,9 (1,8)	14,9 (4,2)	18,2 (3,9)	9,2 (2,6)	3,4 (1,4)	65,1 (10,8)	6,4 (5,8)	7,1 (5,8)	10,1 (5,8)	23,7 (15,9)	9,1 (5,1)	26,5 (5,7)
	Sozinho/ Comp./ Colegas	11,8 (3,2)	6,9 (1,9)	15,3 (3,99)	17,3 (4,3)	9,2 (2,7)	3,8 (1,5)	64,2 (11,8)	6,7 (5,7)	7,4 (5,9)	10,4 (5,7)	24,4 (15,8)	8,7 (4,8)	26,6 (5,8)
Escolaridade P25/Me/P75 (DIQ)	Cursando Grad.	10/13/ 14 (4)	6/7/8 (2)	13/16/ 19(6)	15/18/ 21(6)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	58/66/73 (5)	2/6/11 (9)	3/6/12 (9)	6/10/16 (10)	12/22/ 37(25)	5/7/ 11(6)	23/27/ 30(7)
	Graduados	10/12/ 15(5)	5/6/8 (3)	13/15/ 18(5)	17/19/ 21(4)	7/9/12 (5)	3/4/5 (2)	57/64/73 (16)	0/2/6 (6)	1/5/10 (9)	4/7/12 (8)	7/14/28 (21)	5/6/9 (4)	25/27/30 (5)
	Cursando Pós-grad.	10/14/ 15(5)	6/7/8 (2)	12/15/ 18(6)	17/20/ 22(5)	7/9/11 (4)	3/4/4 (1)	59/66/73 (4)	2/4/6 (4)	2/4/8 (6)	4/8/12 (8)	9/18/ 27(18)	5/7/ 11 (6)	23/27/31 (8)
Status Ocupacional P25/Me/P75 (DIQ)	Trabalhando atualmente	10,5/ 13/15 (4,5)	6/7/8	12/15/1 8	16/19/2 1	7/9/11	3/4/5 (2)	59/66/ 72,5 (13,5)	1/4/10 (9)	2/6/10 (8)	6/9/14,5 (8,5)	10/18/ 35,5 (25,5)	5/7/ 11(6)	24/28/ 30,5 (6,5)
	Já trabalhou	10/12/ 14 (4)	6/7/8 (2)	13/16/ 18(5)	15/18/ 21(6)	7,25/9/1 1 (3,75)	3/4/5 (2)	58/64/72 (14)	2/6/10 (8)	3/6/12 (9)	6/10/15 (9)	12/23/3 6 (24)	5/7/ 11(6)	23/27/ 30(7)
	Nunca trabalhou	10/13/ 14,25	6/7/9 (3)	13/16/ 19(3)	15/18/ 21(6)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	58,75/67 /73	2/5/11 (9)	2/6/ (9)	6/10/15 (9)	12/21/ 35(23)	5/7/ 10	23/27/ 30,25

		(4,25)						(14,25)		(9,25)			(5)	(7,25)
NSE P25/Me/P75 (DIQ)	Nível 1 A e B1	11/13/ 15(5)	6/7/9 (3)	12/15/ 18(6)	15/18/ 21(6)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	59/66/72 (3)	2/4/9 (7)	2/5/10 (8)	6/9/14 (8)	10/18/ 29,75 (19,75)	5/7/ 9,75 (4,75)	24,25/28/3 1 (6,75)
	Nível 2 B2 e C1	10/13/ 15(5)	6/7/8 (2)	13/16/ 19(6)	15/18/ 21(6)	8/9/12 (4)	3/4/5 (2)	58/67/73 (5)	2/5/11 (9)	3/6/12 (9)	6/10/15 (9)	12/22/3 6 (24)	5/7/ 12 (7)	23/27/30 (7)
	Nível 3 C2, D e E	10/12/ 14(4)	5,25/7/ 8 (2,75)	13/16/ 18(5)	15/18/ 20(5)	7,25/9/ 11 (3,75)	3/4/5 (2)	56,25/64 /72 (15,75)	2/6/11 (9)	3/7/14 (11)	6/10/ 15,75 (9,75)	12/22/ 39,5 (27,5)	5/7/ 10 (5)	23/26,5/30 (7)
Respons. gastos casa P25/Me/P75 (DIQ)	Próprio particip.	10/12/ 15(5)	5/7/8 (3)	13/15/ 18(5)	16/19/ 21(5)	8/9/11 (3)	3/4/5 (2)	58/65/74 (6)	2/5/11 (9)	3/7/12 (9)	5/8/14 (9)	12/22/3 5 (23)	5/8/ 12 (7)	24/28/30 (6)
	Pais/ Familiares/ Marido	10/12/ 15(5)	6/7/8 (2)	13/15/ 18(5)	15/18/ 21(6)	8/9/ 11,75 (3,75)	3/4/5 (2)	58/65/72 (4)	1/5/9,75 (8,75)	2/6/11 (9)	6/9/14 (8)	10/20/ 33,75 (23,75)	5/7/ 10 (5)	23/28/31 (7)
	Todos	10/13/ 14,75 (4,75)	6/7/9 (3)	13/16/ 19(6)	15/18/ 21(6)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	59/67/73 (14)	2/5/11 (9)	3/6/12 (9)	6/10/15 (9)	12/23/ 37 (15)	5/7/ 11 (6)	23/27/30 (7)
Respons.gastos participante P25/Me/P75 (DIQ)	Próprio participante	11/13/ 15(4)	6/7/8 (2)	13/15/ 18(5)	16/19/ 21(5)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	59,25/66 / 74 (14,75)	2/4/11 (9)	2,25/6/ 11(8,75)	6/9/15 (9)	11/21/ 36 (25)	5/7/ 10(5)	24/28/31 (7)
	Pais/ Pai/Mãe	10/12/ 14(4)	6/7/9 (3)	13/16/ 19(6)	15/17/ 21(6)	8/10/12 (4)	3/4/5 (2)	58/66/72 (4)	2/5/10 (8)	2/6/12 (10)	6/10/15 (9)	12/22/ 34 (22)	5/7/ 11(6)	22/27/30 (8)
	Todos/ Marido/ Outros	7,5/ 10,5/ 13,75 (6,25)	6/7/8 (2)	11,25/ 14/ 17,75 (6,5)	15,25/ 20/ 21,5 (6,25)	4,25/7,5/ 9,5 (5,52)	3/4/4 (1)	48,75/58 / 72,25 (23,5)	2,25/6,5/1 (9,75)	1,25/7/ 8 (6,75)	4,75/9,5 / 16,5 (1,75)	8/22/36 (28)	5/ 6,5/ 11,5 (6,5)	23/27/ 31,5 (8,5)

Tabela 4. Coeficientes de correlação de *Spearman* entre as variáveis (N=563)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1. Idade	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2. Renda Familiar	0,2 **	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3. IDEA Exploração	-0,01	-0,01	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4. IDEA Experimentação	-0,1	0,1	0,3 **	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5. IDEA Negativ./Instab.	-0,1 *	-0,1	0,3 **	0,1	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. IDEA Foco em si mesmo	0,13 **	0,01	0,6 **	0,4 **	0,1	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7. IDEA Ambivalência	-0,13 **	-0,03	0,5 **	0,3 **	0,4 **	0,3 **	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-
8. IDEA Foco em outros	0,1	-0,02	0,2 **	0,2 **	0,1 *	0,4 **	0,1 **	1,00	-	-	-	-	-	-	-
9. IDEA Total	-0,03	-0,04	0,8 **	0,5 **	0,6 **	0,7 **	0,7 **	0,4 **	1,00	-	-	-	-	-	-
10. DASS-21 Depressão	-0,03	-0,1 **	0,1	-0,2 **	0,4 **	-0,1 **	0,1 *	-0,1	0,1 **	1,00	-	-	-	-	-
11. DASS-21 Ansiedade	-0,1 *	-0,1 *	0,1	-0,2 **	0,3 **	-0,1	0,1	0,04	0,1 **	0,7 **	1,00	-	-	-	-
12. DASS-21 Estresse	-0,1 *	-0,1	0,1 **	-0,1 **	0,4 **	-0,1 **	0,1 **	0,02	0,2 **	0,7 **	0,8 **	1,00	-	-	-
13. DASS-21 Total	-0,1	-0,1 *	0,1 *	-0,2 **	0,5 **	-0,1 **	0,1 *	-0,01	0,2 **	0,9 **	0,9 **	0,9 *	1,00	-	-
14. FSII-Br	-0,03	-0,1	0,01	-0,2 **	0,4 **	-0,1	0,1	-0,1	0,1 **	0,6 **	0,4 **	0,4 **	0,5 **	1,00	-
15. Escala Positividade	0,1	0,1	-0,01	0,3 **	-0,4 **	0,2 **	-0,1	0,2 **	-0,04	-0,6 **	-0,4 **	-0,4 **	-0,5 **	-0,6 **	1,00

Legenda: IDEA Exploração= subescala “Exploração de identidade”;IDEA Negativ./Instab.= subescala “Negatividade/Instabilidade”;DASS-21= *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form*; FSII-Br= *Brazilian Frequency Suicidal Ideation Inventory*.

Coeficientes em **negrito** apresentaram significância estatística; *p<0,05; **p<0,001

Total	4	0,2	0,1	0,1	0,4	0,3	0,1	0,3	*	**	*	**	**	**	**	**
-------	---	-----	-----	-----	------------	-----	-----	-----	---	----	---	----	----	----	----	----

Legenda: Mora no T2=Quantidade de pessoas que moram no domicílio do participante no T2; ITC-CA= Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes (aplicado no T1); ITC= Inventário da Tríade Cognitiva (aplicado no T2); SP= *self* positivo; MP= mundo positivo; FP= futuro positivo; Pos= Positividade; SN= *self* negativo; MN= mundo negativo; FN= futuro negativo; Neg= Negatividade; IDEA Explor.= subescala “Exploração de Identidade”; IDEA Exper.= subescala “Experimentação/Possibilidades”; IDEA Negat.= subescala “Negatividade/Instabilidade”; IDEA FocoS. = subescala “Foco em si mesmo”; IDEA Amb. = subescala “Ambivalência”; IDEA FocoO. = subescala “Foco em outros”.

Coefficientes em **negrito** apresentaram significância estatística; *p<0,05; **p<0,001

Tabela 19. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário da Tríade Cognitiva para Crianças e Adolescentes por grupos

Grupos		ITC-CA							
		P25/Me/P75 (DIQ)							
		SP	MP	FP	Pos	SN	MN	FN	Neg
Sexo	F (n=21)	9/10/11 (2)	8,5/11/11,5 (3)	10,5/12/12 (1,5)	24/31/33 (9)	0,5/2/4 (3,5)	4/5/7 (3)	1/1/3,5 (2,5)	6,5/8/14 (7,5)
	M (n=13)	9,5/10/12 (2,5)	9/11/12 (3)	11,5/12/12 (0,5)	29/33/33,5 (4,5)	0/0/1 (1)	2,5/4/4 (1,5)	1/1/2,5 (1,5)	4/6/7 (3)
Escolar.	Téc./Grad. (n=17)	9/10/11 (2)	9/10/11 (2)	11,5/12/12 (0,5)	29/32/33 (4)	0/1/3 (3)	4/5/5,5 (1,5)	1/1/2,5 (1,5)	5/7/10 (5)
	Outros (n=17)	9,5/10/11,5 (2)	8,5/11/12 (3,5)	9/12/12 (3)	23/30/34 (11)	0/1/4 (4)	3/4/7 (4)	1/2/3,5 (2,5)	4,5/6/13,5 (9)
Com quem mora*	Familiares (n=28)	9/10/11 (2)	9/11/12 (3)	10,25/12/12 (1,75)	23,5/30,5/33 (9,5)	0/1/3 (3)	3/4/7 (4)	1/2/3 (2)	5,25/7/11,75 (6,5)
	Outros (n=5)	9,5/11/11,5 (2,5)	9/11/11,5 (2,5)	12 (constante)	32,5/33/33,5 (1)	0/1/2,5 (1,5)	2,5/4/5,5 (3)	0,5/1/2 (1,5)	3,5/5/10 (6,5)
Trabalha/ Já trabalhou?	Sim (n=13)	9/10/11 (2)	8,5/11/11,5 (3)	11/12/12 (1)	25,5/32/33,5 (8)	0/1/5 (5)	4/5/7,5 (3,5)	1/2/3,5 (2,5)	6/7/15,5 (9,5)
	Não (n=21)	9,5/10/11,5 (2)	9/11/12 (3)	10,5/12/12 (1,5)	26,5/33/33 (6,5)	0/1/3 (3)	3/4/6 (3)	1/1/3 (2)	4/6/10 (6)
NSE	A e B1 (n=14)	9,75/10/12 (2,25)	9/11/12 (3)	10,25/12/12 (1,75)	24,5/31,5/33,25 (8,75)	0/1/2 (2)	3,75/4/7,75 (4)	1/2/3,25 (2,25)	6/7/12,25 (6,25)
	B2 (n=14)	9/10/11,25 (2,25)	8/9,5/11,25 (3,25)	10,75/12/12 (1,25)	27,5/32/33 (5,5)	0/1/3 (3)	3/4,5/6,25 (3,25)	1/1/3,25 (2,25)	4/6,5/11,25 (7,25)
	C1 e C2 (n=6)	6,25/11/11 (5,25)	7,25/10,5/12 (4,75)	10,25/11,5/1 (1,75)	24,5/33,5/34 (9,5)	1/2,5/4,25 (3,25)	2/4/5,75 (3,75)	0/0,5/3 (3)	4,5/7/11,5 (7)
Amostra Total (N=34)		9/10/11 (2)	9/11/12 (3)	11/12/12 (1)	27,25/32/33 (5,75)	0/1/3 (3)	3/4/6,25 (2,25)	1/1/3 (2)	5/7/11 (6)

*Apresenta um *missing* (n=33); Valores em **negrito** apresentam diferenças estatisticamente significativas

Tabela 20. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário da Tríade Cognitiva por grupos

Grupos		ITC							
		P25/Me/P75 (DIQ)							
		SP	MP	FP	Pos	SN	MN	FN	Neg
Sexo	F (n=21)	19/30/33 (14)	21,5/27/31 (9,5)	26,5/33/36 (9,5)	68/90/98,5 (30,5)	4/12/24,5 (20,5)	11/15/23,5 (12,5)	4/10/16 (12)	21,5/39/64 (42,5)
	M (n=13)	28,5/31/33,5 (5)	24/32/34 (10)	27/32/36 (9)	77,5/96/103 (25,5)	4/11/13,5 (9,5)	6,5/14/19 (12,5)	4,5/6/13 (8,5)	17/31/45,5 (28,5)
Escolar.	Téc./Gr ad (n=17)	25,5/31/33,5 (8)	24/29/32 (8)	26,5/33/36 (9,5)	76,5/90/99,5 (23)	5/11/22 (17)	9,5/16/22,5 (13)	4/8/12 (8)	22/36/54,5 (32,5)
	Outros (n=17)	22,5/30/33 (10,5)	23/29/34 (11)	26,5/32/35,5 (9)	72/90/101,5 (29,5)	4/11/20,5 (16,5)	8/14/21 (13)	4,5/9/17 (12,5)	14,5/35/54 (39,5)
Com quem mora*	Familiar es (n=28)	22,25/29,5/33 10,75)	23/26,5/32 (9)	26,25/32/35,75 (9,5)	71,25/86,5/99, 75(28,5)	4/11/21,25 (17,25)	10/15,5/22 (12)	5,25/9/16, 5(11,25)	21,25/37,5/56, 5(35,25)
	Outros (n=5)	29/31/32,5 (3,5)	26,5/31/35 (8,5)	29/33/36 (7)	85,5/96/102 (16,5)	4/11/23,5 (19,5)	6,5/15/21 (14,5)	2/6/12,5 (10,5)	16/25/57 (41)
Trabalho	Sim (n=13)	22/29/33 (11)	21,5/26/31,5 (10)	26,5/32/35 (8,5)	72,5/85/98 (15,5)	4/10/22 (18)	9/14/20,5 (11,5)	5/8/12 (7)	21,5/31/52,5 (31)
	Não (n=21)	24,5/31/33,5 (9)	23,5/30/34 (10,5)	27,5/32/36 (8,5)	76/94/103,5 (7,5)	3,5/12/20,5 (17)	8,5/16/23 (14,5)	3,5/8/17 (13,5)	18,5/38/54 (35,5)
NSE	A e B1 (n=14)	17,75/29,5/33, 75(6)	22/27,5/32,25 (10,25)	25,75/28,5/35, 25(9,5)	68,25/83/101,5 (33,25)	4/12,5/19,75 (15,75)	13/17/20,5 (7,5)	4/8,5/17 (13)	20,25/39/51,5 (21,25)
	B2 (n=14)	27,5/31/33,25 (5,75)	23,75/30/34,5 (10,75)	25,75/32,5/36 (10,25)	77,75/95/100 (22,25)	1,5/5/11 (9,5)	6,75/9,5/15,25 (9,5)	2,25/6/9 (6,75)	12/24/28,25 (16,25)
	C1 e C2 (n=6)	21,5/28/32,25 (10,75)	17,75/28/34,5 (16,75)	31,5/32,5/36 (4,5)	70,75/89/99 (28,25)	17,25/26/35,2 5(8,25)	20,75/24/27 (6,25)	10/14,5/ 25,5(15,5)	45,25/66,5/84 (41,75)
Amostra Total (N=34)		23,75/30,5/33 (9,25)	23/29/33,25 (10,25)	26,75/32/33 (12,25)	75/90/100,25 (25,25)	4/11/19,75 (15,75)	9/15/22 (13)	4/8/15,5 (11,5)	20,25/35,5/51, 5 (31,25)

*Apresenta um missing (n=33); Valores em **negrito** apresentam diferenças estatisticamente significativas

Tabela 21. Medianas, quartis e distâncias interquartílicas (DIQs) no Inventário de Dimensões de Adulterez Emergente por grupos

Grupos		IDEA						
		P25/Me/P75 (DIQ)						
		Expl.	Exper./Pos.	Neg./Inst.	Foco Self	Amb.	Foco Out.	Total
Sexo	F (n=21)	12/14/14,5 (2,5)	7/8/9 (2)	8/12/13 (5)	16/19/21 (5)	6/10/11,5 (5,5)	2/3/4,5 (2,5)	60/66/70,5 (10,5)
	M (n=13)	9,5/12/15 (4,5)	6/8/9 (3)	8/12/13 (5)	16,5/19/21,5 (5)	9/9/10,5 (1,5)	3/4/5 (2)	52,5/61/72 (19,5)
Escolar.	Téc./Grad. (n=17)	12/14/15 (3)	8/9/9 (1)	10,5/13/16,5 (6)	16,5/21/21,5 (5)	6,5/10/12 (5,5)	2/3/4,5 (2,5)	62/66/73,5 (11,5)
	Outros (n=17)	9/13/14 (5)	5,5/7/8 (2,5)	5,5/11/14,5 (9)	16/18/20,5 (4,5)	8,5/9/10 (1,5)	2,5/4/4,5 (2)	43,5/60/68,5 (25)
Com quem mora*	Familiares (n=28)	10,25/13/15 (4,75)	6/8/8 (2)	7,25/11,5/16 (8,75)	16/19/21 (5)	7,25/9/10,75 (3,5)	2/3/4 (2)	55,5/64,5/69,75 (14,25)
	Outros (n=5)	9/14/15 (6)	8,5/9/9 (0,5)	12,5/14/18 (5,5)	16/18/23 (7)	10/12/12 (2)	2,5/4/6 (3,5)	61/66/83 (22)
Trabalha/ Já trabalhou?	Sim (n=13)	10,5/14/15 (4,5)	7,5/8/8,5 (3)	6/10/15 (9)	17,5/21/21 (3,5)	6/9/10 (4)	2/3/4,5 (2,5)	58/63/69 (11)
	Não (n=21)	9,5/13/14,5 (5)	6/8/9 (3)	11/13/17 (6)	16/18/21 (5)	9/10/12 (3)	2,5/3/4,5 (2)	58/65/72,5 (14,5)
NSE	A e B1 (n=14)	11,75/13,5/15 (3,25)	7/8/9 (2)	8,75/11,5/16 (7,25)	17,75/20,5/21 (3,25)	8,75/9,5/10,25 (1,5)	2,75/3,5/5 (2,25)	59,75/65/68,25 (8,5)
	B2 (n=14)	9,75/13/14,25 (4,5)	6/8/9 (3)	6,75/11,5/14,5 (7,75)	16/17,5/20,25 (4,25)	6/9/12 (6)	2,75/3/4,5 (1,75)	53,25/61/68,5 (15,25)
	C1 e C2 (n=6)	4,75/13,5/15 (11,75)	4,5/8/9 (4,9)	10,75/16/19,25 (8,25)	9,5/18,5/23,25 (13,75)	3/10/12 (9)	2/2,5/4,5 (2,5)	33,5/70,5/78,5 (45)
Amostra Total (N=34)		10/13/15 (5)	6,75/8/9 (2,25)	8/12/16 (8)	16/19/21 (5)	7,75/9/11 (3,25)	2/3/4,25 (2,25)	58,5/64,5/70,25 (11,75)

*Apresenta um *missing* (n=33); Valores em **negrito** apresentam diferenças estatisticamente significativas

9. Anexos

9.1 Anexo A - Questionário Sócio-demográfico

Informações Básicas:	Data de preenchimento
____/____/____	
Nome: _____	Data de
Nascimento: ____/____/____	
Idade: _____ anos	Natural de: _____
Mora na cidade de: _____	Estado: _____

Estado Civil e Habitacional:
<ul style="list-style-type: none"> • Seu gênero: Feminino Masculino Outro gênero • Qual sua orientação sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual Outra orientação Prefiro não informar • Estado Civil: <input type="checkbox"/> Solteiro (a) <input type="checkbox"/> Casado (a) <input type="checkbox"/> União estável/Morando junto <input type="checkbox"/> Separado (a) <input type="checkbox"/> Divorciado (a) • Tem filhos? Quantos? _____ • Marque abaixo as pessoas que moram com você: <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Padrasto <input type="checkbox"/> Madrasta <input type="checkbox"/> Irmã <input type="checkbox"/> Irmão <input type="checkbox"/> Avó <input type="checkbox"/> Avô <input type="checkbox"/> Tia <input type="checkbox"/> Tio <input type="checkbox"/> Filha <input type="checkbox"/> Filho <input type="checkbox"/> Namorado (a) <input type="checkbox"/> Amigo (a) <input type="checkbox"/> Outro. Quem? _____

Escolaridade e Status Ocupacional								
<ul style="list-style-type: none"> • Qual das opções abaixo melhor reflete sua situação educacional? <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; margin-top: 10px;"> <tr> <td style="width: 50%;"><input type="checkbox"/> Estou no ensino fundamental</td> <td style="width: 50%;"><input type="checkbox"/> Estou na faculdade</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Estou no ensino médio</td> <td><input type="checkbox"/> Interrompi meus estudos</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Estou fazendo cursinho pré-vestibular</td> <td><input type="checkbox"/> Conclui o ensino médio</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Estou no ensino técnico</td> <td><input type="checkbox"/> Conclui a faculdade/curso técnico</td> </tr> </table> <ul style="list-style-type: none"> • Sobre sua situação de trabalho remunerado: <p><input type="checkbox"/> Estou trabalhando no momento <input type="checkbox"/> Já trabalhei, e estou procurando trabalho no momento</p> <p><input type="checkbox"/> Já trabalhei, mas não estou procurando trabalho no momento <input type="checkbox"/> Nunca trabalhei</p>	<input type="checkbox"/> Estou no ensino fundamental	<input type="checkbox"/> Estou na faculdade	<input type="checkbox"/> Estou no ensino médio	<input type="checkbox"/> Interrompi meus estudos	<input type="checkbox"/> Estou fazendo cursinho pré-vestibular	<input type="checkbox"/> Conclui o ensino médio	<input type="checkbox"/> Estou no ensino técnico	<input type="checkbox"/> Conclui a faculdade/curso técnico
<input type="checkbox"/> Estou no ensino fundamental	<input type="checkbox"/> Estou na faculdade							
<input type="checkbox"/> Estou no ensino médio	<input type="checkbox"/> Interrompi meus estudos							
<input type="checkbox"/> Estou fazendo cursinho pré-vestibular	<input type="checkbox"/> Conclui o ensino médio							
<input type="checkbox"/> Estou no ensino técnico	<input type="checkbox"/> Conclui a faculdade/curso técnico							

Classificação Socioeconômica

- Quem mais contribui para o pagamento das contas da casa?
 Você Todos Outro (s). Quem? _____
- Quem é o (a) maior responsável pelo pagamento dos seus gastos pessoais?
 Você mesmo Outro (s). Quem? _____
- A água utilizada no seu domicílio é proveniente de:
 Rede geral de distribuição Poço ou nascente Outro
- Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:
 Asfaltada/pavimentada Terra/cascalho

- Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

<input type="checkbox"/> Analfabeto/Fundamental I incompleto (até 5ª série)
<input type="checkbox"/> Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto (até 8ª série)
<input type="checkbox"/> Fundamental completo/ Ensino médio incompleto
<input type="checkbox"/> Médio completo/ Superior incompleto
<input type="checkbox"/> Superior completo

Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

ITENS DE CONFORTO	QUANTIDADE QUE POSSUI				
	Não tem	1	2	3	4 ou mais
Automóvel (exclusivamente para uso particular)					
Empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Geladeiras					
Freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Lavadora de louças					
Forno de microondas					
Motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

Checklist de comportamentos

- No último mês, com que frequência fez uso de:

	Nenhuma	1 a 3 vezes no mês	1 a 2 vezes por semana	3 a 6 vezes por semana	Diariamente
Bebida alcoólica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Maconha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cigarro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

• No último mês, quantas vezes você fez uso de álcool até o ponto de ficar bêbado (a):
 Nenhuma

1-3 vezes no mês 1-2 vezes por semana 3-6 vezes por semana Diariamente

• Nos últimos 12 meses, você:

Cometeu furto: Sim Não

Agrediu fisicamente outra pessoa: Sim Não

Depredou propriedade pública ou de terceiro: Sim Não

• Você já teve relação sexual: Sim Não (passar para a Escala de Positividade)

• Com que idade você teve sua primeira relação sexual: _____

• Quantos parceiros sexuais você teve desde o início de sua atividade sexual?

• Nos últimos 12 meses, com que frequência fez uso de preservativo nas suas relações sexuais:

○ Sempre Frequentemente Às vezes Nunca

• Você usou preservativo em sua última relação sexual? Sim Não

• Nos últimos 12 meses você teve relações sexuais sob o efeito de álcool? Sim Não

• Nos últimos 12 meses você teve relações sexuais sob o efeito de drogas ilícitas (maconha, cocaína ou outra)? Sim Não

• Nos últimos 12 meses teve relação sexual com uma pessoa que conhecia há pouco tempo ou acabava de conhecer? Sim Não Fez uso de preservativo? Sim Não

• Você ou sua parceira faz uso de método contraceptivo (exceto preservativo)? Se sim, qual?

9.2 Anexo B - Ficha de Dados Socioemográficos – Adolescente

Nome: _____ Telefone

residencial: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade:

Você trabalha? () Sim () Não Qual sua profissão?

Quem mora com você em sua casa?

() Pai

() Mãe

() Irmãos. Quantos? _____

() Outros. Quem?

Você está ou esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico? () Sim () Não

Você toma algum tipo de medicação de uso contínuo? () Sim ()

Não

Qual?

Seus pais:

() Vivem juntos () Separados

Qual é a escolaridade de seu pai?

() Não estudou

() Ensino fundamental incompleto

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Superior incompleto

() Superior completo

Qual a escolaridade de sua mãe?

() Não estudou

() Ensino fundamental incompleto

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Superior incompleto

() Superior completo

Qual foi a última série que ele completou?

—

Qual foi a última série que ela completou?

—

9.3 Anexo C - Ficha de dados sociodemográficos Adulto Emergente

Esse é o último conjunto de perguntas que você irá responder. Elas serão perguntas sobre diferentes aspectos da sua vida (escola, trabalho, família, etc.), sobre sua saúde e sobre como você percebe seu momento de transição para a idade adulta. Pedimos que não deixe de responder a nenhuma pergunta.

- Sua data de nascimento: ___/___/___

- Sua idade: _____

- Seu gênero:

Feminino Masculino Prefiro não informar/Outro gênero

- Seu estado civil:

Solteiro (a) Casado (a)

Morando junto Separado (a)/Divorciado (a)

- Tem filhos? Quantos? _____

- Qual é sua orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, outros)?

- Sua escolaridade:

Ensino Fundamental Incompleto Curso Técnico Incompleto

Ensino Fundamental Completo Curso Técnico Completo

Ensino Médio Incompleto Superior Incompleto

Ensino Médio Completo Superior Completo

- Com quem mora? _____

- Quantas pessoas residem no domicílio? _____

Atualmente, tem um trabalho remunerado?

Sim

Não, nunca tive trabalho remunerado

Não, já tive trabalho remunerado mas não tenho no momento

- Quem contribui mais para a renda familiar?

Você mesmo

Todos

Outros: _____

- Você tem alguma doença crônica (diabetes, AIDS, câncer, insuficiência renal, outra)?

- Você tem algum problema mental/psicológico ou dos nervos? Se sim, qual?

- Você tem alguma deficiência (física, visual, auditiva, outra)? Se sim, qual?

Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

No seu domicílio tem:	Não tem	Tem 1	Tem 2	Tem 3	Tem 4 ou mais
Carro (para uso particular)					
Empregados (mensalistas e que trabalham pelo menos 5 dias por semana)					
Máquina de lavar roupa (inclusive tanquinho)					
Banheiro					
DVD (qualquer dispositivo que leia DVD)					
Geladeira					
Freezer (independente ou parte da geladeira)					
Computador (de mesa, notebook ou netbook)					
Microondas					
Motocicleta (para uso particular)					
Secadora de roupas (lava e seca ou só seca)					

- A água utilizada no domicílio é proveniente de:

<input type="checkbox"/> Rede geral de distribuição	<input type="checkbox"/> Poço ou nascente	<input type="checkbox"/> Outro meio
---	---	-------------------------------------

- Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

<input type="checkbox"/> Asfaltada/Pavimentada	<input type="checkbox"/> Terra/Cascalho
--	---

- Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental completo/Médio incompleto
- Médio completo/Superior incompleto
- Superior completo